JULHO

BIZZ

EXCLUSIVAS COM
PAUL McCARTNEY
E SIMPLE MINDS

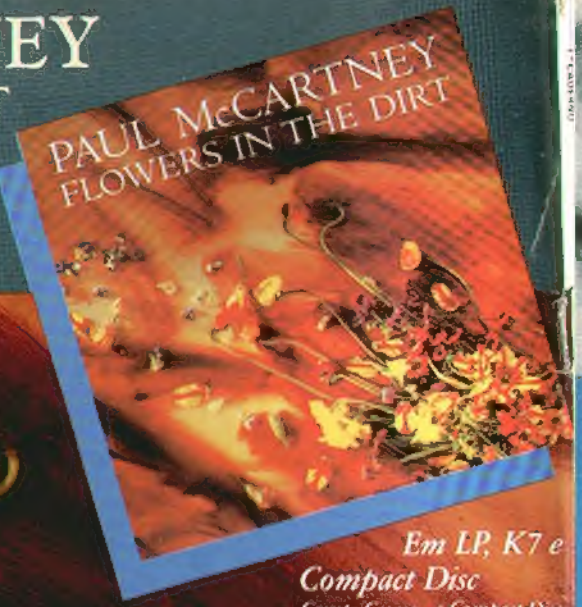
PRINCE O SOM DOS 80?

RETROSPECTIVA COMPLETA
DA DÉCADA EM 40 PÁGINAS

+ O ABC DO BREGA + BON JOVI + LOU REED + FINE YOUNG CANNIBALS

PAUL Mc CARTNEY
FLOWERS IN THE DIRT

Com "Flowers in the dirt" Paul Mc Cartney faz um dos mais diversificados e exuberantes discos de sua carreira.



Em LP, K7 e Compact Disc

Cassete Cromo e Compact Disc, com uma música a mais.

EMI

QUEEN
THE MIRACLE

UM DISCO MÁGICO E PODEROSO COMO SÓ O QUEEN SABE FAZER.

EMI

Em LP K7 e Compact Disc

SIGUE SIGUE NO BRASIL

"Somos uma banda orientada para a mídia. Nós a usamos muito". Esta foi uma das pérolas ditas por **Tony James**, baixista do SSS, em entrevista cedida à beira da piscina do hotel que os hospedou no Rio. Muito à vontade, ele falou de vários assuntos e relembrou seus amigos da época do punk, John Lydon e Mick Jones. "Gosto muito deles, mas odeio Siouxsie and the Banshees. Costumo chamá-los de Sybil and the Miserables por que Sybil é um nome bem típico de dona-de-casa". Tony gasta quase todo seu tempo livre assistindo TV e lendo romances policiais baratos, mas quase não ouve mais música: "De vez em quando, um pouco de Prince e Pet Shop Boys". Indagado sobre a sexta geração do rock — uma vez que o SSS se auto-intitulou "a quinta geração do rock'n'roll" — respondeu: "Também estou procurando... Para matar!".

Apesar de considerar "extremamente chatos" os filmes do U2 (*U2 — Rattle and Hum*) e do Depeche Mode (*101*) e afirmar que jamais filmaria um show, o Sigue Sigue Sputnik fez um documentário sobre a turnê brasileira e ainda gravou o clip de "Rio Rocks" in loco. Nos planos, há o projeto de um filme "na linha cyberpunk", uma produção italiana na qual participarão como atores e farão a trilha sonora. O não menos extravagante **Martin Degville** aproveitou para contar que combina suas lentes de contato com as roupas e ambientes. Fez também questão de se desculpar pelo vocal de "Success": "Realmente, não é dos melhores...".

VINIL FRESCO I

Enquanto os outros homens-coelho cantam com as moças do B-52's, **Ian McCulloch** acaba de gravar seu disco no estúdio dos Eurythmics, em Londres. **Liz Fraser**, dos Cocteau Twins e **Boris Williams**, baterista do Cure, colaboram em algumas das faixas. O produtor é Ray Schulman, que já trabalhou com os Sugarcubes. ⊗ **The Beautiful South**, a nova banda dos ex-Housemartins **Paul Heaton** e **Dave Hemingway**, lançou seu primeiro compacto, "Song for Whoever" ⊗ Está pronto o novo LP de **Marianne Faithfull**, com composições de Steve Winwood e participações de **The Edge** e **Bono** ⊗ *9* é o nome do nono álbum do **PIL**, produzido por **Stephen Hague** e **Eric Thorngreen** ⊗ **Billy Idol** está em vias de lançar *The Charmed Life*, seu novo LP ⊗ **LL Cool J** tem um novo single, "I'm Not That Kind of Guy", além de planos de um álbum duplo ⊗ *I.D* é o nome do primeiro LP, em sete anos ⊗ dos **Wailers**, a banda de onde saiu **Bob Marley** ⊗ O terceiro disco de **Lisa Lisa & Cult Jam** chama-se *Straight to the Sky* ⊗ **Bernie Worell**, que tocou teclados com os **Talking Heads** e **George Clinton**, está trabalhando em estúdio com **David Byrne**, **Vernon Reid** (Living Colour), **Keith Richards**, **Bootsy Collins**, **Herbie Hancock** e **Sly N Robbie** — que também estão gravando seu LP, produzido por **KSR-One** ⊗ O novo disco de **Bob Dylan** ainda não tem nome mas convidados especialíssimos: **Mark Knopfler**, **The Neville Brothers** e **Dirty Dozen Brass Band** ⊗ Por sua vez, **Bruce Springsteen** está produzindo o LP de sua namorada e cantora da E Street Band, **Patti Scialfa** ao mesmo tempo que começa a trabalhar no sucessor de **Tunnel of Love**.

STEVIE WONDER PARA PREFEITO

O ex-garoto prodígio está com planos humanitários para o futuro. O primeiro é estender para uma turnê européia, ainda este ano, o show que fez em 24 de junho com **George Michael** e **Rod Stewart** em Paris, em benefício da UNICEF. Ele já gravou uma música, "Parents of the World", com a colaboração de suas duas filhas, cujos direitos também reverterão para a entidade de defesa das crianças do mundo inteiro. O outro é mais a longo prazo e mais complicado também. **Stevie Wonder** está considerando seriamente a possibilidade de concorrer à prefeitura de Detroit em 1993. "Crescer em Detroit me ofereceu as melhores oportunidades e eu gostaria de retribuir à cidade o que eu recebi dela. É claro que é difícil dizer o que eu vou fazer se me tornar prefeito, mas vou tentar tornar a cidade melhor".

OS VETOS DA RÁDIO USP

A Rádio USP voltou à época da caça às bruxas. A denúncia veio à tona depois que **Magaly do Prado**, que faz o programa Radioanividade, foi repreendida por ter incluído "Só as Mães São Felizes" num especial sobre **Cazuza**. O coordenador de programação **Maurício Kalil** e o diretor da rádio **Mario Fanucci** negam que haja censura e que as restrições a determinadas músicas condizem com a linha da emissora. Na lista negra, estão **Itamar Assumpção** e **Arrigo Barnabé**, **Titãs** (com exceção de "Marvin"), "O Eleito", de **Lobão**; a *instrumental* "Bundalelê" dos **Paralamas**; **Jimi Hendrix**, entre outras. A atual orientação conservadora da entidade tem afastado vários funcionários. A reitoria da Universidade de São Paulo e o Secretário Estadual de Cultura não se manifestaram sobre o problema.

BONO VOX É PAI

Bono Vox entrou para a turma dos pais de família: sua mulher, Ali deu à luz uma menina no dia 10 de maio. Pra variar, nesta mesma data, Bono completou 29 anos. Alguns dias antes, ele foi visto na festa de lançamento do filme de seu amigo Gavan Friday (ex-Virgin Prune) cantando uma versão karaokê de "We Are the Champions", do Queen, com intervenções sampleadas de "May Way", do Frank Sinatra. Dias depois, o vocalista do U2 compareceu a um evento destinado a levantar fundos para o Abbey Theatre, onde declamou dois poemas de Yeats. Sobre a próxima turnê da banda, está confirmado que eles estarão tocando na Austrália, Nova Zelândia e Japão em setembro e outubro e talvez façam alguns shows em Londres perto do Natal. Lembrando que o Natal é em dezembro, que tal U2 aqui em novembro?

O PRÍNCIPE PÚRPURA E O PRÍNCIPE DAS TREVAS

Santo gênio de Minneápolis, Batman! **Prince** concluiu, depois de seis meses de trabalho, as canções que farão parte da trilha sonora do filme mais aguardado de 89: *Batman*, dirigido por **Tim Burton** com **Michael Keaton** no papel de Homem Morcego e **Jack Nicholson** como Coringa. O disco deve sair no final de julho lá fora, mas ainda há dois pontos obscuros. O primeiro é se serão incluídas neste LP as faixas que Prince gravou na Inglaterra e em Paris, durante sua turnê européia do ano passado. A outra dúvida é se a Warner lançará o disco apenas com as músicas assinadas pelo Príncipe Púrpura ou se adicionará material de outros artistas, pois está escaldada com o relativo fracasso comercial de **Lovesexy**. A trilha instrumental, de autoria do Oingo Boingo **Danny Elfman**, também será lançada. Ambos terão uma edição limitada em CD numa caixa de metal com a marca registrada do Batman. Cinco das canções de Prince, incluindo o dueto com **Sheena Easton**, serão transformadas em clips.

NAS TELAS

David Bowie e **Billy Idol** estarão juntos em *Ford Fairlaine*, um filme de suspense ⊗ **Phil Joanou** (*U2 — Rattle and Hum*) dirigirá **Sean Penn** e **Gary Oldman** (*Sid & Nancy*) numa história policial que se passa em Nova York ⊗ **Iggy Pop** fará uma participação em *Cry Baby*, o novo filme de **John Waters** (*Hairspray*) ⊗ **Ronald Reagan** e **Madonna** juntos? É bem possível, caso o ex-presidente aceite o convite de **Warren Beatty** para fazer uma ponta no filme *Dick Tracy*. Será que ele fará papel de vilão?

CULTO PERIGOSO

Um grande tumulto marcou o lançamento do novo LP do **Cult**, *Sonic Temple*, em Brisbane, na Austrália. Os cultmaníacos ficaram horas numa fila esperando uma distribuição grátis do disco em frente a Skinny Record Store. Os fãs que não conseguiram chegar perto da plataforma de onde um funcionário estava jogando os discos para a multidão começaram a empurrar e brigar pelos discos. O tablado acabou cedendo e a polícia foi chamada. Vários foram para o hospital com ferimentos sérios e outros tantos foram presos. O funcionário da gravadora ficou seriamente machucado. Enquanto isso, o Cult se candidatou, junto com o **Living Colour** para abrir a próxima turnê dos **Rolling Stones**. Uma série de shows conjuntos de **Metallica** e Cult pelos Estados Unidos já estão programados. E, por fim, **Lan Astbury** está produzindo o próximo LP solo de **Steve Jones**, junto com **Tom Werman** (Motley Crue). **Axl Rose** e **Nikki Sixx** também devem participar.

Ciclano | Azul

JIM NÃO QUER APARTHEID

Jim Kerr continua veementemente contra o apartheid. Recentemente, os Simple Minds cancelaram uma data no Murrayfield Stadium, em Edimburgo. A Scottish Rugby Union, que administra o estádio, está liberando os jogadores a participarem das festas de comemoração do centenário do esporte na África do Sul. Só não cancelaram um outro show no Cardiff Arms Park porque o contrato já estava firmado e para não prejudicar o público. A banda já transferiu o concerto de Edimburgo para outro local. Ao anunciar a transferência, o vocalista dos Minds declarou: "Até que todas as pessoas na África do Sul tenham direitos iguais, nós acreditamos que seja o dever de toda pessoa livre protestar fortemente contra um país que diz 'Você pode jogar no meu time de rugby, mas é negro demais para votar'". A atitude da banda impressionou a Glasgow District Council (uma espécie de administração regional) a ponto de ela ter solicitado que o Scottish Rugby Union revisse sua posição a respeito da África do Sul.

POUCAS E BOAS

O ás da guitarra **Steve Vai**, foi-se, de Fender e cuia, da banda de **David Lee Roth** para o **Whitesnake**. Rolam rumores de que Dave estaria pensando em voltar para o **Van Halen** ⊗ **Justin Boreland**, do **Bomb the Bass**, foi condenado a seis meses de detenção por roubo e receptação de mercadoria roubada ⊗ O **Japan** está de volta: **Mick Karn** e **David Sylvian** estão trabalhando em um novo LP.

PIRATARIA DIGITAL

A tecnologia digital já está inspirando o surgimento de C.Ds piratas. Já há várias opções outro um show do **Pink Floyd** de 81, demais dos **Stones** de 63 e os **Beatles** ao vivo na BBC no mesmo ano, todos de gravadoras, procedência e legalidade discutíveis. E, no caso dos Beatles, a qualidade também deixa a desejar.

Luis Dantas | Azul

HOMENAGEM PÓSTUMA

A turnê dos **Guana Batz** no Brasil teve um desfecho inesperado. Dois fãs do grupo — e por sinal, os únicos que foram recepcioná-los no Aeroporto de Cumbica — sofreram um acidente de carro depois do show de quinta-feira, dia 18 de maio. **Renato**, baterista da banda de rockabilly Vera K. e **Billy Gato**, cantor dos Grilos Barulhentos, faleceram no acidente. Os rapazes do Guana Batz fizeram um show, junto com o **S.A.R.** e os **Kães Vadius**, no Victória Pub em homenagem aos garotos. O S.A.R., só tocou números instrumentais pois seu vocalista Niki Nixon, não foi avisado a tempo. Os Kães Vadius, com sua habitual dose de bom humor, fizeram uma ótima performance. E os Guana Batz deram um presente para os fãs, com direito a uma versão de "Bee-Bop-a-Lou-La" com baixo de pau.

VINIL FRESCO II

Lá vem **Alice Cooper** na trilha do comeback: titia Alice já concluiu um álbum novo com colaborações de **Bon Jovi**, **Steven Tyler** e **Joe Perry** ⊗ O **ABC** também está lançando mais um LP, *Up* ⊗ *Pastpresent*, o último disco do **Clannad**, tem um vocal com **Bono Vox** ⊗ O segundo vinil do **Transvision Vamp** se chama *Velveteen*. Seu compacto "Baby I Don't Care" está no Top 10 inglês ⊗ **Stephen Hague** e **Sigue Sigue Sputnik** estão investindo nos clássicos. É que vai ser lançado um compacto com uma versão sintetizada do *Adagio* de Albinoni de um lado e uma faixa produzida por Neal X chamada "Albinoni Vs. Star Wars Part 2" de outro ⊗ **Pere Ubu** lançou *Cloudland* como parte de seu projeto Return of the Avant-Garage ⊗ **Kirsty MacColl**, que faz backing-vocals no novo compacto de **Morrissey**, "Interesting Drug" lançou *Kite*, um LP que conta com co-composições do ex-Smith **Johnny Marr** ⊗ O terceiro vinil ocidental a ser lançado na China é um álbum triplo de *greatest hits* do **Bananarama**.

MPB CAIPIRA

A Som Livre se prepara para lançar um LP no mínimo curioso — vários duplas sertanejas, como **Tonico e Tinoco**, **Chitãozinho e Xororó** e as **Irmãs Barbosa**, interpretando canções da MPB. No repertório, algumas pérolas como "Cajuína", de Caetano, "Tempo Rei", de Gil e outras tão definidoras de autores como Milton, Profitho da Viola e Ivan Mas o melhor da história fica por conta do arranjador, ninguém menos que **Hermeto Pascoal**.

Ciclano | Azul

OS RUSSOS ESTÃO CHEGANDO

A invasão dos vermelhos já começou. A banda **Zvuki Mu**, produzida por **Brian Eno** e descrita pela Face como "um cruzamento entre Captain Beefheart e Pee-Wee Herman" se apresentou em maio na Inglaterra. E nos Estados Unidos, **Boris Grebenishikov**, "o Dylan russo" fez um show em Nova York, que será seguido pelo lançamento do primeiro vinil de rock soviético em terras ocidentais, *Radio Silence*. O Ocidente que se cuide contra o perigo do Oriente...

JACKSON X DILEO

CBS

A separação de **Michael Jackson** e **Frank Dileo** não está sendo nada amigável. O ex-empresário exigiu uma indenização de 65 milhões de libras esterlinas (o equivalente à nada modesta quantia de 115,7 milhões de cruzados novos, no câmbio oficial), caso contrário ele revelará detalhes picantes sobre a bem guardada vida pessoal de Jacko. Enquanto isso, ele não deu o ar de sua graça nas gravações do videoclip de "Liberian Girl", justamente no dia em que várias celebridades — **Rosanna Arquette**, **Steven Spielberg**, **Mike Tyson** e **Dan Aykroyd** — foram gravar suas participações. **Robert De Niro** e **Elizabeth Taylor**, que estavam convidados, também não foram.

A MORTE DE BRANCA DI NEVE

Morreu no dia 12 de maio o sambista **Branca di Neve**. Nelson Fernandes Montes nasceu em São Paulo e começou sua carreira tocando na bateria da Vai-Vai. Acompanhou artistas como Agostinho dos Santos, Alaíde Costa, Baden Powell, Nara Leão e Jorge Ben. Branca di Neve lançou um disco, Branca Mete Bronca em 87 e estava gravando seu segundo LP quando sofreu um derrame cerebral.

Continental

DESINTEGRAÇÃO

Seria uma premonição o título do décimo primeiro LP do **Cure**? Tudo leva a crer que sim. **Robert Smith** declarou em uma entrevista à *New Musical Express* que "O Cure vai acabar porque custa muito esforço pra continuar(...)Eu nunca imaginei que iria estar fazendo isso aos trinta anos. Esse é meu limite". Ou seja, os fãs do Cure podem preparar seus lencinhos pois depois da turnê deste último LP, Fat Bobby e sua turma provavelmente não farão mais nenhum LP.

Ciclano/Azul

George Chin

PORRADA! PORRADA!

A violência continua grassando nos megaconcertos de rock. Desta vez, onze pessoas foram presas durante um show do **WASP** em Belfast, Irlanda. A versão da polícia é de que centenas de fãs sem ingresso forçaram a entrada no Ulster Hall e, portanto, teve que intervir. Mas alguns pais das pessoas que foram presas sustentam que foi a própria polícia que começou o distúrbio. Algumas pessoas ficaram feridas. Por essas e outras é que a realização do festival de **Castle Donnington** ainda não está confirmada. No ano passado, ocorreram duas mortes durante a realização do festival. As autoridades locais e os promotores do festival estão estudando as condições de segurança para poder decidir se o show vai acontecer ou não. Nenhum grupo ainda foi convidado a participar — especula-se que **Guns N'Roses** será a atração principal mas ainda não há nada decidido — e os promotores temem que se a decisão ainda demorar muito, as bandas já estejam com suas agendas tomadas.

POUCAS E BOAS II

O **10,000 Maniacs** decidiu reimprimir uma nova tiragem de seu LP *In My Tribe* sem a versão de "Peace Train", de Cat Stevens depois que ele apoiou a sentença de morte de **Salman Rushdie** feita pelo aiatolá **Khomeini. Natalie Merchant** declarou que eles não tocarão mais a canção em show ⊗ Mais Cat Stevens: os **Pet Shop Boys** ganharam uma ação contra o jornal sensacionalista **The Sun** que os acusou de estarem infringindo os direitos autorais de Stevens pois "It's a Sin" é muito parecida com a sua canção "Wild World". O dinheiro irá para uma instituição de caridade e o jornal publicará uma retratação ⊗ O guitarrista **Sean O'Neil,** que havia se afastado do **That Petrol Emotion** por acasião do nascimento de seu primeiro filho, confirmou sua decisão de não voltar ao grupo. Em seu lugar entra **John Marchini** ⊗ Os **Lords of New Church** chegaram ao fim. O vocalista **Stiv Bators** deve sair em carreira solo ⊗ **Boy George** se reuniu novamente ao **Culture Club.** Por sinal, ele estava desapontado com sua carreira solo ⊗ **Julian Subero,** baterista que tocou com **Simple Minds** e **Terence Trent D'Arby,** foi preso por vender cocaína, inclusive para menores de idade. Entre seus "fregueses habituais" estavam **Jade,** filha de **Mick Jagger** e seu namorado.

Ed Gallo/Globe Photos

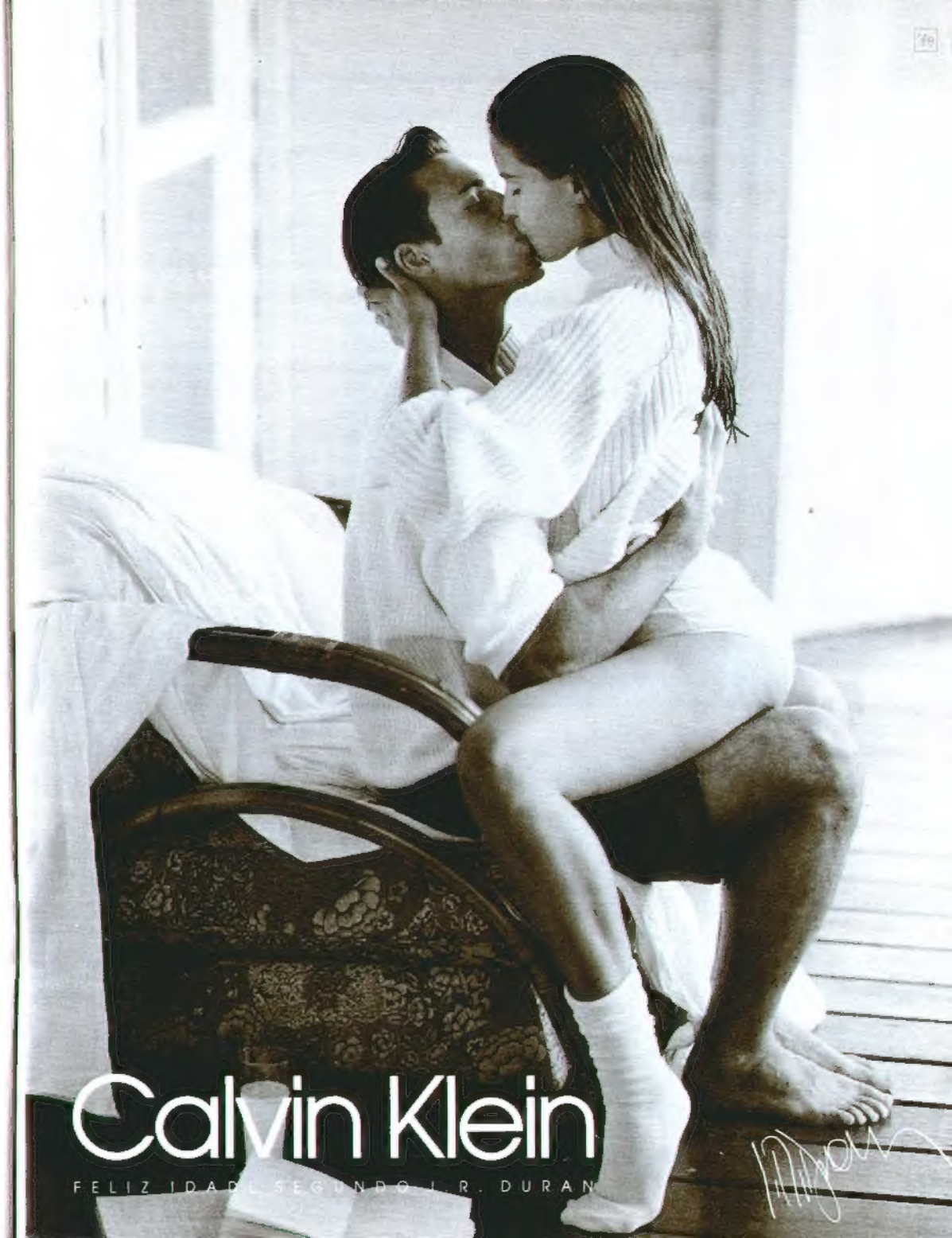
OUÇA ESSA

Madonna? Ela costumava ser realmente voluptuosa e bonita até que ela começou a tomar Pepsi-Cola e ficou muito magrinha. Beber aquela coisa apodrece o seu corpo. Olhe para Michael Jackson — ele está despencando com as cirurgias plásticas. Ele toma aquela Pepsi-Cola. Ela não faz seus dentes caírem, faz seu rosto despencar. É uma coisa mortal".

Elvis Costello (*New Musical Express*, 29 de maio)

O VERÃO DOS DINOSSAUROS

Já está sendo chamada de "Verão dos Dinossauros" a temporada de shows que acontecerão nos Estados Unidos entre julho e setembro. Os veteranos estão todos saindo de suas tocas e caindo na longa estrada da vida. Dos **Rolling Stones** aos também ressuscitados **Allman Brothers** e **Doobie Brothers,** passando pela "revelação" do ano, **David Bowie** com sua nova banda **Tin Machine** e **Paul McCartney.** Mas o mais inesperado da leva é **Ringo Starr,** que fará sua primeira excursão norte-americana. Na banda de Mr. Starkey estarão o guitarrista **Peter Frampton,** o baixista **Jack Bruce** e o baterista **Jim Keltner.**



O NOVO QUEEN

Chama-se simplesmente *Anderson, Bruford, Wakeman & Howe* o álbum de estréia da facção dissidente do Yes, formada por *Jon Anderson, Bill Bruford, Rick Wakeman* e *Steve Howe*. A primeira turnê do novo/velho grupo começa no dia 29 de julho, sob o título *Uma Noite de Yes Music. E Mais um Pouco*. Bruford disse que os shows terão metade de material novo, metade de músicas velhas do Yes. Outros dinossauros que estão saindo das cavernas: o **Queen** rompeu um silêncio de três anos e lançou seu décimo sexto LP, *The Miracle*. Aos dezoito anos de carreira, este é o primeiro disco que é composto pelos quatro membros da banda.

EMI-Odeon

BIBLIOTECA

Já está disponível nas livrarias que trabalham com importados o livro *Jungle Stories—The Fight for the Amazon*, escrito por **Sting** e **J.P. Dutilleux**. Foi lançada a biografia do homem que foi responsável por um dos maiores fenômenos do pop—*Brian Epstein. The Man Who Made the Beatles*. A obra mais ambiciosa sobre música pop sairá logo após: *The Penguin Encyclopaedia of Popular Music*.

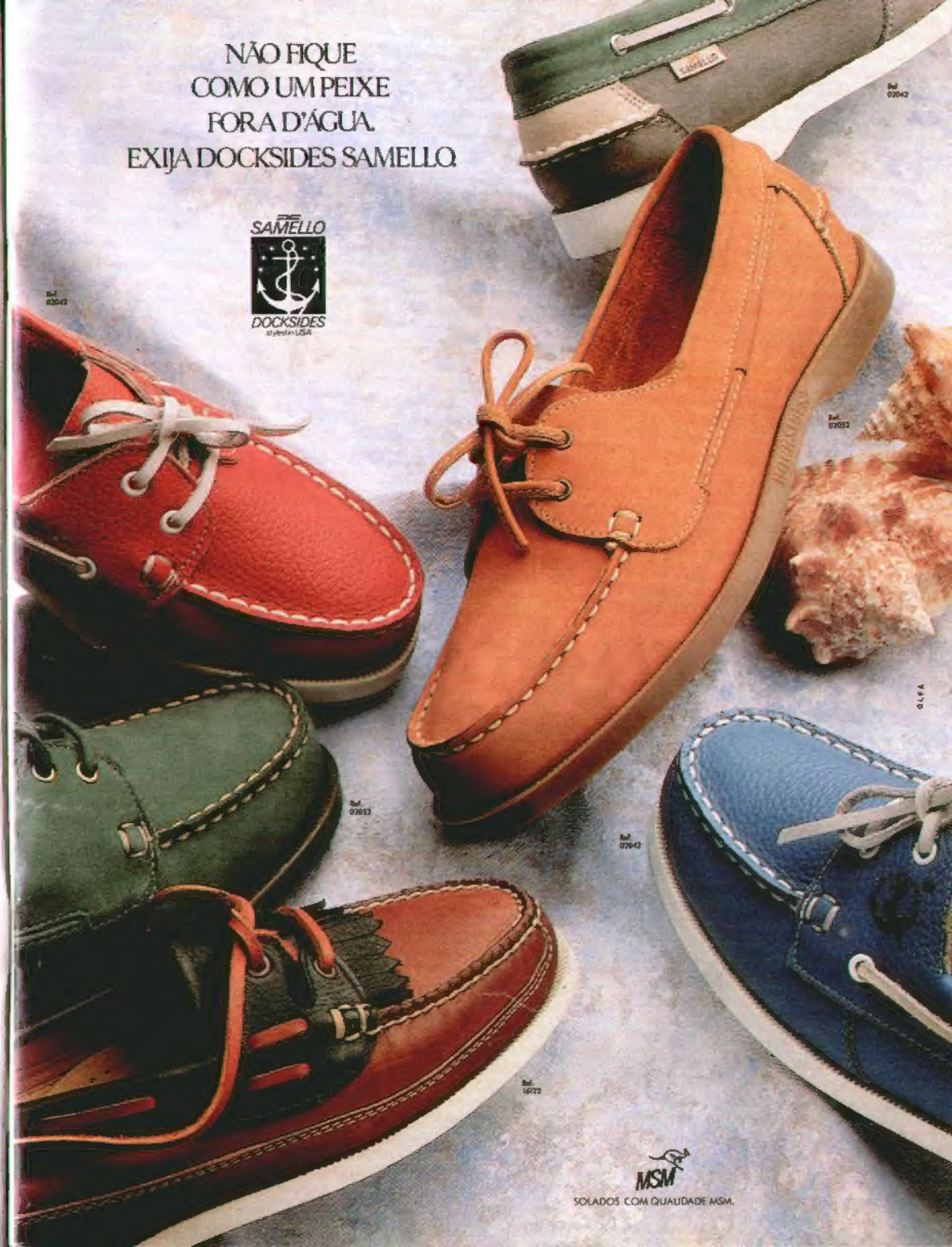
A ''LENDA VIVA''

Aconteceu no dia 31 de maio o International Rock Awards, a primeira noite destinada aos artistas de rock a desafinar a cafonália gagá dos Grammies dos American Music Awards. O troféu é uma estatueta de bronze de trinta centímetros do Elvis Presley. Foram doze Elvis, entre eles **U2, George Michael, Terence Trent D'Arby, Def Leppard, Guns N'Roses, INXS e Bon Jovi**.

Realizada no Armory, em Nova York, a noite de prêmios teve shows do **Living Colour, Replacements e Keith Richards**. O guitarrista dos Stones foi agraciado com o prêmio de "Lenda Viva".

JULHO NO ROCK

1/7/81 — Morre Rushton Moreve (Steppenwolf)
3/8/69 — Morre Brian Jones (Rolling Stones)
3/7/71 — Morre Jim Morrison (Doors)
4/7/69 — Acontece o 1º Atlanta Pop Festival com as presenças de Grand Funk, Blood, Sweat and Tears, Creedence Clearwater Revival e Janis Joplin
5/7/89 — Elvis Presley lança seu primeiro compacto: "That's All Right" / "Blue Moon of Kentucky"
5/7/69 — Os Rolling Stones tocam no Hyde Park de Londres para seiscentas mil pessoas em homenagem póstuma a Brian Jones
5/7/75 — Acontece o 1º Festival de Knebworth com as presenças de Pink Floyd, Steve Miller e Captain Beefheart
6/7/64 — Estréia em Londres o primeiro filme dos Beatles, *A Hard Day's Night*
7/7/71 — The Yardbirds encerram carreira
9/7/55 — Pela primeira vez um rock gravado por um branco entra em primeiro lugar na parada americana: "Rock Around the Clock" de Bill Haley & His Comets
13/7/88 — É instituído como Dia do Rock
13/7/85 — Acontece simultaneamente na Inglaterra e nos Estados Unidos o Festival Live Aid
15/7/78 — Acontece na Inglaterra o 1º Reading Festival
16/7/66 — É fundado The Cream
17/7/59 — Morre Billie Holiday
18/7/88 — Morre Nico (Christa Pfaggen) (ex-Velvet Underground)
23/7/73 — Acontece nos EUA para seiscentas mil pessoas o Watkins Glenn Festival
23/7/88 — Nasty Savage inicia miniturnê brasileira
24/7/72 — Morre o baterista Bobby Ramires (Edgar Winter Group)
25/7/88 — Robert Cray inicia turnê brasileira
26/7/88 — Jethro Tull inicia turnê brasileira
27/7/74 — Morre o bluesman Lightnin' Slim
29/7/74 — Morre Mama Cass Eliott (Mamas & Papas)
29/7/88 — Iggy Pop inicia turnê brasileira
31/7/71 — Acontece em Nova York o Concerto Para Bangladesh com as presenças de George Harrison, Eric Clapton, Leon Russell, Bob Dylan, Ravi Shankar, Ringo Starr, Billy Preston e outros



BLACK & BROWN IS BEAUTIFUL.
BLACK & BROWN
top plus
Top Plus lança Black & Brown, uma coleção de calças, jaquetas, saias e camisas
todinha em preto e marrom onde o black é beautiful e o brown também.
top plus
A roupa que valoriza seu corpo.

J U L H O 8 9

Surpreza! Isto você já deve ter sentido ao ver esta edição mais do que especial. Chegamos ao quarto aniversário de BIZZ e o melhor presente é o salto para uma nova fase — e para uma nova década. Por isso, as mudanças editoriais iniciadas em abril — com a capa dupla Legião Urbana/Picassos Falsos e Black Future — são agora complementadas com um novo visual, ao mesmo tempo mais estimulante, dinâmico e em constante diálogo com os textos, matérias e entrevistas. Esperamos que vocês gostem e continuem escrevendo à Redação opinando, sugerindo e criticando como têm feito nestes quatro anos.

Há algum tempo que muitos leitores escreviam reclamando da extinção das seções *Porão* e *Air Mail Brasil*. Nós ficamos quietinhos porque estávamos planejando todo um caderno dedicado às novas bandas que não param de surgir pelos quatro cantos do país. No momento que este caderno se tornou inviável, partimos para a criação da nova seção fixa encontrada nesta edição: *Conexão Brasil*, abrindo quatro páginas por mês para grupos emergentes, independentes ou não. Contamos com vocês para escreverem indicando bandas novas de suas cidades que merecem ser conferidas.

Outro presente que deu muitas dores de cabeça e horas extras de trabalho é o suplemento de 58 páginas enfocando a década de 80, não só na música, como no cinema, na tecnologia e no comportamento. Ainda faltam alguns meses para 1990, mas a contagem regressiva já começou e, neste suplemento, você poderá acompanhar o desenvolvimento, nesta década, do rock'n'roll, do punk ao metal, assim como do rap, hip hop, house music, o que for. BIZZ continua imparcial, democrática e apoiada em uma mistura bem-dosada de opinião e informação. Sem a constante participação dos leitores teria sido impossível.

BIZZ

D. Koppel/LSI

Os esperamos quatro anos mas conseguimos: a primeira entrevista de *Paul McCartney* exclusiva para BIZZ. Era seu escritório no bairro londrino de Soho, o velho Macca teve um surto de tagarelice explicita diante de nossa correspondente Anamaria G. de Lemos e discorreu longamente sobre seu novo disco, as parcerias com Elvis Costello, a entrada de um *rock'n'roller* na maturidade e também sobre a época em que pertencia àquele quarteto chamado Beatles e seu relacionamento pessoal/musical com John Lennon. Uma entrevista histórica, enfim, tanto para bradermanías de primeira como de última hora, na pág. 48.

Z. Vivanco

Depois de alguns anos como *cult band* no contaminte europeu, os escoceses do *Simple Minds* estouraram mundialmente ao gravarem "Don't You Forget About Me", música-tema do filme *A Garota de Rosa Shocking (Pretty In Pink)*, que nem por eles foi composta. Foi este patamar do estrelato pop que os trouxe, por exemplo, ao Brasil em janeiro de 87. Depois disso, a banda entrou em hibernação para avaliar os prós e os contras do sucesso em escala planetária e surge agora com um novo L.P., *Street Fighting Years*. Tudo isso está na entrevista cedida por *Jim Kerr* a Jonh Wilde, do *Melody Maker*, na página 20.

Quem tem medo do "brega"? Para começo de conversa, o *que é* "brega"? Uma pergunta difícil para tempos difíceis, em que dizem que nem mesmo a "música popular romântica vende mais". *Agnaldo Rayol* (foto) não é o mesmo que *Agnaldo Timóteo* que não é o mesmo que *Cauby Peixoto*, embora os três sejam crooners melodramáticos dados aos romantismos populares mais passionais. A verdade é que cada mortal tem sua própria definição para o que é de bom ou de mau gosto... nessa perspectiva, se perde o sentido pejorativo do termo "brega". Assim, tentamos traçar um pouco de história deste autêntico pop brasileiro na pág. 36.

INDICE

4 SHOWBIZZ

18 PARADA

36 O PREÇO DO SUCESSO
Por *Pepe Escobar*

47 CABRA CEGA
Neal X (Sigue Sigue Sputnik)

56 THAÍGE
Por *Marcel Plasse*

58 INOCENTES
Por *Sônia Maia*

60 CONEXÃO BRASIL

64 AO VIVO
Bon Jovi, Lou Reed, Sonic Youth

75 DISCOS
Pixies, Anthrax, Guns N'Roses

86 LETRAS
"She Drives Me Crazy", Fine Young Cannibals

88 CARTAS

90 DISCOTECA BASICA
Dirty Mind, Prince

Volta e meia a imprensa musical cita **Prince** como grande salvação da safra dos 80. De seu primeiro disco, *For You*, lançado em 78, ao último, *Lovesexy*, o cantor/compositor/produtor/multiinstrumentista mantém inabalável seu padrão de qualidade e a capacidade de sedução e polêmica. Se, até o duplo *Sign O'The Times* (87), ainda havia alguns céticos, hoje dizer que Prince é um gênio — e não faltam comparações do tipo "Mozart do século vinte" — já virou clichê.

Nossa matéria de capa desta edição, sintonizada com o espírito da retrospectiva dos 80 no suplemento especial, procura os pontos-chave que o diferenciam de 99% do pop que se ouviu nesta década, ao mesmo tempo em que busca uma sinalização dos pontos de virada de mesa em uma carreira que, até no cinema, conheceu o sucesso e o fracasso comerciais sem nunca perder o respeito, a credibilidade e o prestígio. A matéria, iniciada na pág. 40, soma-se ainda a *Discoteca Básica* (pág. 90) com *Dirty Mind*, seu terceiro L.P.

Eu não procuro emoção: corro atrás.

Impulso, fé, medo, garra, raiva, lágrimas, euforia. Sensações que correm meu corpo, nas quadras, nas pistas, na vida. Com Adidas.

Maior firmeza nos pés. Material mais resistente. Desempenho superior em qualquer piso. Qualidades que reforçam um tênis. Na prática de todos os esportes. Nos agitos do dia-a-dia. AC 300.

active bodies by

adidas

PARADA

MADONNA

LEITORES

1. *Go Back* (2) **Titãs** (WEA)
2. *Big Thing* (16) **Duran Duran** (EMI-Odeon)
3. *Ouça o que Eu Digo, Não Ouça Ninguém* (12) **Engenheiros do Hawaii** (BMG-Ariola)
4. *Rattle and Hum* (1) **U2** (WEA)
5. *O Tempo Não Pára* (4) **Cazuza** (PolyGram)
6. *Appetite for Destruction* (N) **Guns N'Roses** (WEA)
7. *Stay on These Roads* (17) **A-ha** (WEA)
8. *Você Não Precisa Entender* (10) **Capital Inicial** (PolyGram)
9. *The Singles* (18) **Depeche Mode** (WEA)
10. *Substance* (11) **New Order** (WEA)
11. *Wanted* (N) **Yazz** (Stilleto)
12. *MM* (19) **Marisa Monte** (EMI-Odeon)
13. *Introspective* (8) **Pet Shop Boys** (EMI-Odeon)
14. *Like a Prayer* (N) **Madonna** (WEA)
15. *Money for Nothing* (3) **Dire Straits** (PolyGram)
16. *Into the Dragon* (N) **Bomb the Bass** (Stilleto)
17. *Peep Show* (6) **Siouxsie & The Banshees** (PolyGram)
18. *Crescendo* (20) **Ultraje a Rigor** (WEA)
19. *Rank* (N) **Smiths** (WEA)
20. *Tracy Chapman* **Tracy Chapman** (WEA)

LOJAS

1. *Like a Prayer* (N) **Madonna** (WEA)
2. *O Tempo Não Pára* (3) **Cazuza** (PolyGram)
3. *New York* (N) **Lou Reed** (WEA)
4. *The Raw & the Cooked* (N) **Fine Young Cannibals** (PolyGram)
5. *MM* (1) **Marisa Monte** (EMI-Odeon)
6. *Travelling Wilburys* (5) **Travelling Wilburys** (WEA)
7. *The Best of Art of Noise* (18) **Art of Noise** (PolyGram)
8. *Into the Dragon* (2) **Bomb the Bass** (Stilleto)
9. *Fatal Portrait* (N) **King Diamond Band** (Eldorado)
10. *Appetite for Destruction* (4) **Guns N'Roses** (WEA)
11. *On Tour in Brazil* (8) **A-ha** (WEA)
12. *Introspective* (R) **Pet Shop Boys** (EMI-Odeon)
13. *Eu Canto Samba* (7) **Paulinho da Viola** (BMG-Ariola)
14. *Schizophrenia* (N) **Sepultura** (Cogumelo Discos)
15. *Technique* (N) **New Order** (WEA)
16. *77* (N) **Talking Heads** (EMI-Odeon)
17. *E Agora pra Dançar?* (N) **Gueto** (WEA)
18. *Simple Pleasures* (N) **Bobby McFerrin** (EMI-Odeon)
19. *Green* (6) **R.E.M.** (WEA)
20. *Delicate Sound of Thunder* (14) **Pink Floyd** (CBS)

Lojas consultadas: Cantho Negro e Cogumelo Discos (Belo Horizonte), Gramophone e Modern Sound (Rio de Janeiro), Baratos Afins, Bossa Nova, Devil Discos, Musical Box, Wop Bop e Vabba Dabba Doo (São Paulo)

LPs (EUA)

1	(4)	*Loc-ed After Dark* — **Tone Loc** (Delicious Vinyl)
2	(N)	*Like a Prayer* — **Madonna** (Sire)
3	(1)	*Electric Youth* — **Debbie Gibson** (Atlantic)
4	(2)	*Don't Be Cruel* — **Bobby Brown** (MCA)
5	(N)	*The Raw & The Cooked* — **FYC** (MCA)
6	(5)	*Mystery Girl* — **Roy Orbison** (Virgin)
7	(N)	*G N' R Lies* — **Guns N'Roses** (Geffen)
8	(3)	*Travelling Wilburys* (Wilbury)
9	(9)	*Hangin' Tough* — **New Kids...** (Columbia)
10	(6)	*Forever Your Girl* — **Paula Abdul** (Virgin)

LPs (GB)

1	(1)	*A New Flame* — **Simply Red** (Elektra)
2	(N)	*When the World Knows...* — **Deacon Blue** (CBS)
3	(2)	*Anything for You* — **Gloria Stefania** (Epic)
4	(9)	*Like a Prayer* — **Madonna** (Sire)
5	(N)	*Club Classics Vol. 1* — **Soul II Soul** (10)
6	(N)	*Blast* — **Holly Johnson** (MCA)
7	(N)	*The Raw & The Cooked* — **FYC** (London)
8	(R)	*Kick* — **INXS** (Mercury)
9	(N)	*Everything* — **The Bangles** (CBS)
10	(N)	*Doolittle* — **Pixies** (4AD)

LPs Independentes (GB)

1	(N)	*Doolittle* — **Pixies** (4AD)
2	(7)	*3 Feet High and Rising* — **De La Soul** (Big Life)
3	(N)	*Love Agenda* — **Band of Susans** (Blast First)
4	(N)	*One Hand Clapping* — **James** (One Man Records)
5	(N)	*Surfer Rosa* — **Pixies** (4AD)
6	(N)	*Trinity Sessions* — **Cowboy Junkies** (Cook Vinyl)
7	(N)	*What's That Noise?* — **Coldcut** (Ahead Our Time)
8	(N)	*Come on Pilgrim* — **Pixies** (4AD)
9	(N)	*Headache Rhetoric* — **The Close Lobster** (Fire)
10	(N)	*Vini Reilly* — **Durutti Column** (Factory)

Compactos (EUA)

1	(N)	*"Eternal Flame"* — **Bangles** (CBS)
2	(N)	*"If You Don't Know..."* — **Simply Red** (Elektra)
3	(N)	*"Baby I Don't Care"* — **Transvision Vamp** (MCA)
4	(N)	*"Hand on Your Heart"* — **Kylie Minogue** (PWL)
5	(N)	*"Good Thing"* — **Fine Young Cannibals** (London)
6	(N)	*"Americanos"* — **Holly Johnson** (MCA)
7	(N)	*"Who's in The House* — **Beatmasters** (R. King)
8	(N)	*"Requiem"* — **London Boys** (MCA)
9	(N)	*"Lullaby"* — **The Cure** (Fiction)
10	(N)	*"Beds Are Burning"* — **Midnight Oil** (Sprint)

Compactos (GB)

1	(9)	*"She Drives Me Crazy"* — **FYC** (MCA)
2	(N)	*"Like a Prayer"* — **Madonna** (Sire)
3	(4)	*"The Look"* — **Roxette** (EMI)
4	(N)	*"Funky Cold Medina"* — **Tone Loc** (Delic. Vinyl)
5	(10)	*"Stand"* — **R.E.M.** (Warner)
6	(2)	*"Girl You Know It's..."* — **Milli Vanilli** (Arista)
7	(1)	*"Eternal Flame"* — **Bangles** (Columbia)
8	(N)	*"I'll Be There for You"* — **Bon Jovi** (Mercury)
9	(N)	*"Heaven Help Me"* — **Deon Estus** (Mika)
10	(N)	*"Second Chance"* — **Thirty Eight Special** (A&M)

Compactos Independentes (GB)

1	(8)	*"Monkey Gone to Heaven"* — **Pixies** (4AD)
2	(N)	*"Hollow Heart"* — **Birdland** (Lazy)
3	(N)	*"Who's in the House"* — **Beatmasters** (R. King)
4	(N)	*"Me, Myself and I"* — **De La Soul** (Big Life)
5	(N)	*"Train Surfing EP"* — **Inspiral Carpets** (Cow)
6	(N)	*"People Hold on"* — **Coldcut** (Ahead of Our Time)
7	(N)	*"White Knuckle Ride"* — **Danielle Dax** (Awesome)
8	(N)	*"Where Has All..."* — **Yazz** (Big Life)
9	(N)	*"Made of Stone"* — **Stone Roses** (Silvertone)
10	(N)	*"Hairstyle of the Devil"* — **Momus** (Creation)

Fontes: Billboard e Cash Box (EUA), Melody Maker e New Musical Express (GB), de 10 a 27/03/89. Para a Parada de Leitores, foram consideradas as cartas recebidas até 31/03/89.

CONVENÇÕES
( ) INDICA A POSIÇÃO NA PARADA ANTERIOR
(N) INDICA NOVIDADE NA PARADA
(R) INDICA RETORNO À PARADA

LEITOR: SUA PARTICIPAÇÃO É IMPORTANTE NA PARADA BIZZ! ESCREVA PARA A BIZZ, CAIXA POSTAL [illegible], CEP [illegible], DIZENDO QUAIS OS DISCOS QUE VOCÊ COMPROU ESTE MÊS. ACRESCENTE SEU NOME, ENDEREÇO E TELEFONE PARA QUE POSSAMOS VOLTAR A CONSULTÁ-LO.

Coloque as notas no lugar certo.

Não quebre a cabeça com música

GRUPO ama

ESCOLA DE MÚSICA E ARTE

VIOLÃO · SAXOFONE
GUITARRA · BATERIA
BAIXO · CANTO
PIANO (acústico) · TECLADO
PIANO (Fender) · ÓRGÃO

Rua Gabriel dos Santos, 103
Tel.: 67-4879 - CEP 01231
Santa Cecília - São Paulo - SP
Próximo a estação do metrô Marechal Deodoro
NÃO TEMOS FILIAIS

GRANDE VENDA DE INSTRUMENTOS MUSICAIS
Tel.: 67-4879 - das 8:00/21:00
sábados 8:00/18:00

não vale cópia

APRESENTE ESTE CUPOM. COM ELE VOCÊ NÃO PAGA A MATRÍCULA

A CONQUISTA DO MUNDO

Você é normal demais para o seu próprio bem?

"Será que eu sou suficientemente radical? Veja as pessoas que foram até o fundo do abismo. Lou Reed foi e escreveu sobre isso. Iggy Pop e Jim Morrison também. Havia alguma coisa positiva nessa atitude. Havia muito romance. Havia um bocado de lixo auto-indulgente. Era a época deles e eles tentaram encontrar o seu significado. Bem, eu estou tentando achar o significado da minha época. Mas eu não sinto a necessidade de chegar ao fundo do abismo com eles. É claro que considerei essa possibilidade, mas apenas faz parte do processo de crescimento."

Será que Jim Kerr não é incrivelmente vago?

"Eu não sofro de agorafobia *(N. da R - medo patológico de atravessar lugares espaçosos)*. Provavelmente tem a ver com toda a tradição celta. Onde estou, todos os elementos parecem enormes. Estou me atracando com tudo que me cerca. Algumas pessoas escrevem sob um céu imenso, em um campo enorme, olhando para cima. E existem aqueles que escrevem fechados num quarto, à noite. Dá para imaginar essas pessoas trabalhando assim. Gente como Elvis Costello e Chrissie Hynde."

Você esta sendo incrivelmente vago.

Vago... Quanto mais eu penso que estou aprendendo, estou é mais sem. Acho que o mundo é vasto, profundo e caótico. Essa é a maneira como tento reagir. Podem dizer que minhas letras são vagas porque elas não vão de A para B para C. Mas ninguém pode dizer que o efeito que a banda exerce é vago. Quando estamos no palco ou quando acertamos em um disco, algo está sendo dito, sem dúvida. Se algumas pessoas não entendem isso, elas é que são *fucking* vagas."

Você não acha a comunicação, em si, aterrorizante?

"Às vezes ela me assusta. Mas existem dias em que eu acho difícil ter até contato visual com outras pessoas. A ironia é que antes de entrar nessa banda eu não era exatamente um solitário, mas..."

Um outsider?

"Sim, isso mesmo. Ainda sou. Ver a mim mesmo como um animador de auditório, a ponto de ser um exibicionista, depois de ter sido meio recluso, é assombroso. Para mim, um *outsider* é alguem que não consegue se expressar. Bem, eu encontrei uma forma de me comunicar. As coisas vêm a mim, eu não tenho que procurá-las. Mas eu me arriscaria a dizer que tudo vai voltar a ser como antes, mais cedo ou mais tarde."

"Eu escrevo desde garotinho. Eu não sabia porque escrevia. Não havia estímulo. Eu apenas precisava escrever. Até onde eu me lembro, sempre existiram palavras e imagens na minha cabeça. Eu gostava da solidão que me levava a escrever, é ainda gosto. Embora hoje eu seja parte dessa coisa gigantesca, e esteja sempre na estrada, onde tudo acontece, a verdade é que quando volto para o hotel ainda estou tão *fucking* solitário."

E solitário no topo!

"Yeah, mas eu adoro isso. Existe uma relação real de amor/ódio sempre presente. Outro dia, por exemplo, eu estava conversando com um corredor de longa distância. Ele me explicava como cada milha era, ao mesmo tempo estimulante e odiosa. É assim que eu me sinto em relação aos shows. Quando chega o bis, eu fico eufórico. Mais um que se vai!"

É mais fácil avaliar as coisas em retrospectiva?

"A faísca inicial é ótima. Ter uma idéia para uma canção e vê-la tomar forma. A composição, na verdade, é um pouco mundana. Quando as pessoas estão ouvindo os discos, já estou trabalhando na idéia seguinte. Descobrir o modo certo de fazer uma música não é magia, é técnica."

Quando você deixa o palco, você se sente como outra pessoa?

Bem, alguem como Sting despejaria um longo discurso junguiano sobre o seu lado bom e seu lado mau. Pense desta forma: se estivéssemos num restaurante agora e todos se virassem para olhar fixamente para você..."

Eu começaria a me contorcer.

"Sim, exatamente. Eu sei que isso é showbiz, mas eu amo o som, as luzes, as cores, a reação do público."

Você fala de euforia, um estado transitório de bem-estar, uma sensação ilusória de excitação. Você certamente espera mais do que isso...

"Talvez algumas pessoas venham nos ver e fiquem atordoadas com as luzes e o som. Elas vão para casa e tudo acabou aí. Mas talvez outras pessoas venham... nós tocamos um acorde, mais outro, todos os acordes se envolvem numa espiral, e é como se a Terra se movesse. No dia seguinte, eles acordam e se sentem diferentes, talvez não se sintam sós como antes."

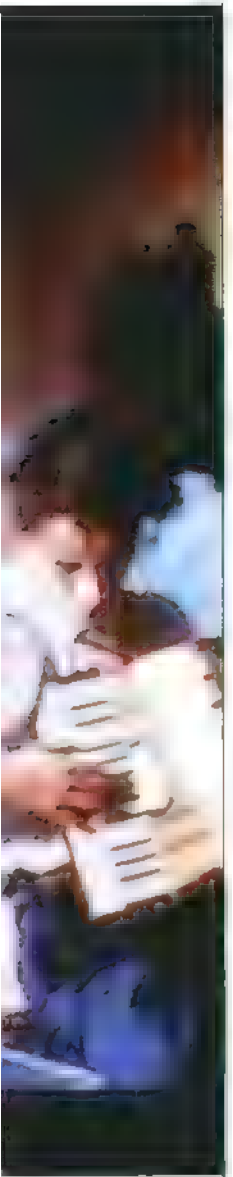
"Há um poder específico em cada tipo de música. Por exemplo, vi Prince no ano passado. Até um determinado momento, não estava gostando tanto porque ele não estava tocando as minhas músicas favoritas. Aí, de repente, tocou "The Cross" e o lugar veio abaixo. Bem, nós temos oito ou nove músicas assim nos nossos shows. Numa boa noite, é por isso que essa sensação estonteante aparece. Talvez euforia não seja a melhor palavra. Mas como chamar isso? Graça? Majestade? Êxtase?"

No vôo para Edimburgo, viajo sentado ao lado de um jovem executivo. Ele me conta que vende chinelos e pergunta quais os meus planos para Edimburgo. "Não vou vender chinelos", digo a ele. "Vou me encontrar com Jim Kerr, o líder dos Simple Minds. Ele conhece a banda, e pergunta o que pretendo conversar com Jim Kerr. Bem, eu vou repreendê-lo por Once Upon a Time. *Vou perguntar se ele tem os pés no chão. Se já encontrou o seu senso de humor. Se ainda está comemorando a invencibilidade do seu grupo. Se está inventando novos limites para si mesmo, agora que se cansou dos antigos. Se ele precisa dos Simple Minds mais do que qualquer outra coisa no mundo. Se ele ficaria mais tranquilo caso uma banda de guitarra de brancos ensebados tomasse o lugar dos Simple Minds. Mas, principalmente, vou perguntar a Jim Kerr que tipo de homem os Simple Minds fizeram dele.*

Meu companheiro parece confuso. Ele mergulha em devaneios repletos de chinelos de todos os tamanhos. Eu começo a imaginar quanto tempo levará para que Jim Kerr faça com que eu me renda ao seu charme.

Uma questão de segundos. Foi o tempo necessário. Durante meio segundo, eu realmente tentei. Ele me recebeu em seu

Os SIMPLE MINDS ficaram três anos sem gravar para digerir o sucesso. Quem conta é Jim Kerr, nesta entrevista a Jonh Wilde



apartamento em South Queensferry, a alguns quilômetros do aeroporto de Edimburgo, com um aperto de mão extremamente afetuoso. Me serviu uma xícara de chá de ervas. Estava a meio caminho da minha primeira pergunta quando começou a nevar.

"Ora, Jim", exclamei, "não precisava ter esse trabalho todo."

Jim não providenciou a neve pessoalmente — mas, se ele pudesse, teria feito isso.

Eu tinha sido avisado de como era fácil sucumbir à sua solicitude extraordinária. Não que ele faça você esquecer por que veio, como algum vendedor encantador. Não que ele se defenda com uma armadura blindada. Ele simplesmente concorda.

Quando eu insinuo que o grupo adota, de uma forma tola e ingênua, a idéia do rock como missão, ele concorda pensativo.

"Fizemos isso algumas vezes. Se você está falando sobre *Once Upon a Time*, ou sobre esse novo disco, é muito mais claro hoje que, depois de dez anos de estrada, estamos de novo procurando algo, levantando questões. Não tem nada a ver com respostas. Não sinto que tenha de responder nada. Perguntas? Eu tenho uma tonelada. Agora voltamos a procurar em vez de acreditar numa missão.

Quando afirmo que Sparkle in the Rain *lançou os Simple Minds numa fase em que tudo estava subitamente perdido quando eles começaram a soar terrivelmente pomposos, ele apenas encolhe os ombros.*

"Oh, é verdade. Nós estávamos nos esforçando demais em *Sparkle*. *New Gold Dream* foi o nosso passaporte para os grandes shows. Quando você chega lá, é obrigado a voltar para trás. E, quando você volta para trás, não existe espaço para sutilezas, a princípio. Mas agora não é mais assim. Vamos tocar no estádio de Wembley e não vamos ter que nos esforçar muito. Não tínhamos essa perspicácia naquela época. Com quem podíamos aprender? Ninguém tinha feito isso antes. Era um território inexplorado. Só as superbandas dos anos 70 faziam shows em estádios. Todo o movimento punk era contra isso. Aparentemente, aquelas bandas haviam transformado os grandes espetáculos numa merda – um grande negócio sujo, com os ideais de um hamburguer!

Bem, eu entendo porque as pessoas dizem isso. Mas quando você é como nós e vem de onde viemos, não dá para desprezar desafios como esse. Apenas porque Joe Strummer tem medo de assumir o desafio, eu não vou ficar com medo. Prefiro aceitar o desafio e errar. Vou descobrir por mim mesmo.

"Conversei sobre isso com Bono, assim que nos conhecemos. Concordamos que não havia motivo para não tocar em grandes espaços. Só porque as bandas dos anos 70 haviam feito uma confusão e transformado a coisa em algo detestável? Eu nem mesmo culpo ou ridicularizo mais aquelas bandas. É óbvio que você não precisa ser um gênio para fazer parte de uma banda de rock de sucesso. Eu sou uma prova viva disso. Nos anos 70, aquela massificação acabara de ser inventada. Garotos da classe operária entravam no negócio, ganhavam algumas libras; não eram intelectualmente privilegiados e acabavam loucos. Nós não podemos aprender com eles? Assumir a tarefa com um pouco de classe, estilo e dignidade? Eu nunca subi num palco e achei que o lugar era grande demais.

Digo a ele o quanto detestei Once Upon a Time, *por causa da sua grandiosidade e da sua presunção grosseira. Eu imagino o quanto ele gosta do disco.*

"Eu não diria que gosto dele. Não estou muito ligado emocionalmente a nenhum dos discos, não é esse o caso. Talvez eu goste porque fomos nós que fizemos. E isso é o mais próximo que consigo chegar da nostalgia. Fomos nós, naquele momento, e é provavelmente o melhor que podíamos fazer. Se não ficou perfeito, tudo bem."

Você reconhece que foi o fim de mais uma fase? Que vocês não poderiam ir adiante naquela trilha?

"Exatamente. Nós sabíamos disso. As pessoas que criticavam a banda não percebiam, mas para nós era muito claro. Estamos no fim da década. Quer gostem ou não, os Simple Minds foi uma das principais bandas. Se fosse necessário apontar uma arma na diversão dos Simple Minds, nós o faríamos. Se percebêssemos que a banda havia chegado naturalmente ao fim. Quando você vê as discografias de gente como Lou Reed e Van Morrisson, é simplesmente incrível. E aí que eu vejo que nos mal começamos. O fato de termos chegado ao megaestrelato é significativo. Vamos ver se conseguimos fazer bons discos agora.

Pergunto se ele não percebe que tocar em estádios não introduz automaticamente o grupo no posto elevado em que estão Lou Reed, Van Morrisson, Jim Morrison, Iggy Pop, Patti Smith e Tom Verlaine.

"Você quer dizer que as bandas não são mais como eram naquela época.

Eu quero dizer que os Simple Minds simplesmente não têm esse impacto e essa influência. Simplesmente não têm.

Não têm para você, John. Talvez para garotos de 14 e 15 anos... Nós não sabemos. É verdade que essa subcultura não existe mais, mas existe algo diferente hoje. Quem sabe o que pode ser.

Proponho, então, uma rápida viagem pela história dos Simple Minds para descobrir onde foi que eles erraram. E Jim sorri e me diz para ir em frente.

No começo, havia Johnny and the Self Abusers, uma banda punk de terceira categoria liderada por um Jim Kerr ansioso e inseguro. Os Abusers chegaram ao fim no dia em que seu compacto de estréia, "Saints and Sinners", foi lançado.

Reapareceram, então, como Simple Minds e, em março de 79, lançaram Life in a Day, *uma espécie de power pop entre o Roxy Music e as Spiders from Mars (banda de Bowie na época de Ziggy Stardust), muito precipitado e derivativo para ser levado a sério. Hoje em dia, Kerr se recusa a deixar que isso o embarace.*

Quando tocamos no Brasil, incluímos duas músicas desse disco. Há um tempo atrás, eu não entendia como tínhamos gravado aquilo. Hoje é como olhar para um retrato nosso no primário e perceber como éramos desajeitados. Mas éramos nós. Era o melhor que podíamos fazer. E daí.

Vocês tinham de passar por isso, da mesma forma que tiveram que fazer Once Upon a Time, *sete anos depois?*

"Exatamente. Acho que é por isso que não ficamos muito chateados. Eu gostaria de pensar que aprendi com os erros. De uma olhada nessas bandas com discografias extensas. Elas atingem o clímax, para depois entrar numa fase insossa de entressafra. Isso tem muito a ver com o que acontece na vida da gente, em nível espiritual. Há também um sentimento como você se sente em relação às coisas que

nossa volta. Tudo isso nos afeta."

Você tinha o pé firme na realidade nessa primeira fase?

"Oh, não! Éramos completamente inocentes. Mas havia tanta energia reprimida que tínhamos certeza de que daríamos conta de qualquer coisa que aparecesse pela frente."

Kerr afirmou certa vez que os Simple Minds estavam indo de si mesmos em Real to Real Cacophony, *lançado no final de 79. É uma tentativa irregular e claustrofóbica, o disco talvez devia demais ao Magazine de Howard Devoto, por quem Kerr estava então assombrado.*

"Não consigo lembrar o que passava pelas nossas cabeças. Sem dúvida, havia um sentimento de claustrofobia que se manifestou na música. Era como se apenas nós existíssemos. A idéia de uma indústria musical não passava pelas nossas cabeças. Era uma coisa muito auto-indulgente e muito clandestina. *Real to Real* foi o primeiro álbum em que nos vimos como uma banda. Havia algo surgindo em faixas como 'Premonition' que já tinha uma força básica. Naquela época, havia uma sensação real de escuridão. Como a sensação que você tem antes de uma tempestade, quando as coisas ficam muito intensas. A tempestade foi *New Gold Dream*. Antes disso, era apenas meditação e pulsação. Era cheio de tons de preto e violeta.

Depois vieram Empires and Dance *e* Sons and Fascination/Sister Feelings Call, *onde a inquietação substituiu o nervosismo, e a fascinação mesclou-se ao desespero. Discos de transição para fases de transição. Kerr vê esses trabalhos como uma reação às suas experiências viajando pela Europa. Fotos que se desvanecem, filmes para os ouvidos. A chuva antes da tempestade.*

Ele descreve o incandescente e espacial New Gold Dream *lançado em 82, como seu primeiro trabalho completo.*

"É completo, yeah! Os primeiros álbuns eram mais fragmentados. Quando começamos, a última coisa em que estávamos interessados era em fazer canções. Nossa atitude era: 'Quem diabos vai querer ouvir uma canção?' Parece absurdo dizer isso agora.

"Nós estávamos ouvindo *Low* e *Heroes*, de Bowie e *The Idiot*, do Iggy Pop. Estávamos ouvindo John Cale e respirando Albert Camus, todo o pensamento existencialista. Não tinha nada a ver com comunicação. Estávamos interessados em negativismo e nulismo, cheios de pretensões artísticas. Se estão nos acusando disso, tudo bem, somos culpados mesmo.

"Quando começa a trabalhar com atmosferas, coisas intangíveis, esse é um risco que você corre. Com *New Gold Dream*, nós realmente descobrimos que podíamos nos comunicar. Havia algo surgindo que era maior que todos nós. É verdade que entre 78 e 81 muita música pretensiosa deve ter sido lançada. Nós contribuímos para isso. Mas não vou dizer que não havia bons momentos.

New Gold Dream deu aos Simple Minds dois compactos entre os "Ultimate Mais": "Promised You a Miracle" e "Glittering Prize". Em 84 Sparkle in the Rain *conquistou mais dois hits, "Waterfront" e "Speed Your Love to Me". Apesar disso, eles se estourgram mesmo em 85. Foi nesse ano que Keith Forsey apareceu no estúdio onde a banda ensaia com uma fita de "Don't You Forget about Me", que ele havia composto para o filme Clube dos Cinco. Brian Ferry já havia recusado e Keith procurava uma banda. Os Simple Minds relutaram antes de concordar mas nunca mais olharam para trás. A música chegou ao "Dr. Mais" na Inglaterra e, mais do que isso, conquistou o primeiro lugar nos Estados Unidos. Os Simple Minds haviam chegado ao megaestrelato.*

"Eu me preocupo bem menos com aquela canção agora", diz Kerr. "Isso foi há quatro anos. É, para mim, a diferença entre ter 24 e 29 anos. As pessoas que me conhecem sabem que a diferença é marcante. Coisas que eram muito importantes não são mais.

O grupo sempre pareceu ressentido com o fato de ter tocado uma canção de outra pessoa para estourar nos EUA. Não tiveram que fazer força nenhuma, e gostariam que isso parecesse difícil. De qualquer forma, "Don't You" deixou claro que o grupo não vinha dando a devida atenção ao seu próprio senso melódico — sempre considerado secundário. Mesmo considerando "Chelsea Girl", "Love Song" e "Promised You a Miracle" como positivas exceções, a verdade é que eles ainda não haviam escrito uma canção pop memorável.

É verdade. Isso também está relacionado com a nossa formação. O chamado *art rock*, Bowie, Roxy, e algumas coisas mais obscuras. Embora essas bandas lidassem com melodias, era tudo uma questão de atmosfera. Atmosfera e um pouco de vibração. Fragmentos de som. A última coisa que queríamos era escrever refrões e estrofes. Bem isso é tudo o que eu quero fazer agora.

"Com 'Don't You' foi muito fácil, você tem razão. Talvez seja aquele velho sentimento de culpa católico. Aquela idéia de que o empenho traz o sucesso. Eu nunca escreveria uma canção assim. Seria mais fácil escrever 'Do Forget Me'. Foi apenas uma pequena canção para um filme americano sobre adolescentes. Ai ela chegou ao primeiro lugar e abriu todas essas portas. Diziam que tínhamos nos vendido. Nós ficamos mesmo preocupados porque não gostávamos da canção. Mas eu não ia dizer para as pessoas: 'Como vocês podem gostar disso? É um monte de lixo'.

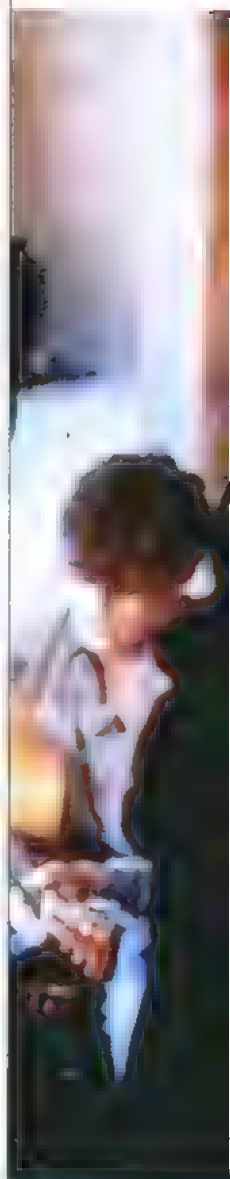
O ano de 1985 trouxe também o **Live Aid.** *Em 1986, foi a vez de* Once Upon a Time *e dos grandes estádios. Em 1987, eles lançaram* Live in the City of Light.

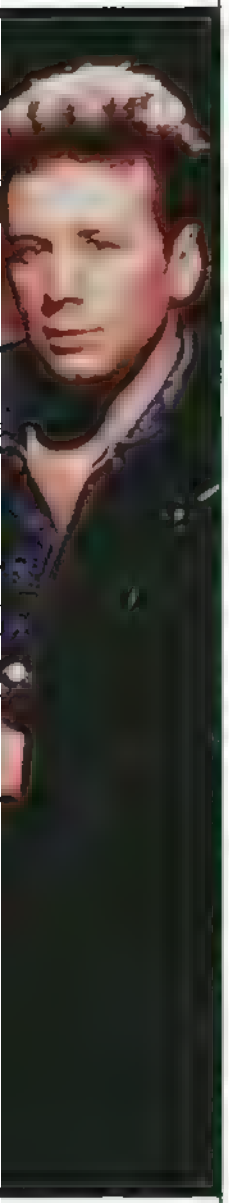
Kerr, percebendo que é aí que o meu desgosto chega ao máximo, tenta explicar.

Coisas exageradamente grandes nunca me transformaram. Essa sensação do épico e da vastidão... Eu morava em um prédio de vários andares. Todo dia eu sentava na frente dele e ficava vendo como era grande. Mas eu nunca me senti pequeno perto do prédio. Eu achava uma coisa oitava, um labirinto enorme com milhões de coisas acontecendo lá dentro.

Não havia espaço para sutilezas em *Once Upon a Time*. Você sente o megaestrelato chegando perto. O que eu podia fazer? Voltar para baixo? Bem, você pode virar a chave delicadamente e entrar devagar. Sendo como somos, nós chutamos a porta e atravessamos!

Depois disso, sentimos que havíamos chegado lá. Avaliamos a situação, os prós e os contras. Havia um lado muito positivo. Conseguimos dedicar algum tempo e energia à Anistia Internacional e ao *Free Mandela Concert*. Depois de oito anos, tínhamos ganho algum dinheiro que podíamos investir em nós mesmos. Certas noites, éramos fantásticos. Funcionava. Em outras, não. Havia também os aspectos negativos. A pressão é intensa, claro. Existia um componente muito forte de bafe. Sempre existe. Cada banda tem um ritmo e uma visão. Mas o sucesso tem uma visão e um ritmo próprios. Sabe como dois irmãos começam a se aproximar, e depois eles começam a se repelir? Eu estava perdendo o controle. Mas não estou





reclamando, não mesmo."

"Se uma banda está pensando em partir para o megaestrelato, eu incentivo sem a menor dúvida — se eles sentem esse impulso. Veja se você consegue chegar aos camarins do Hope & Anchor. Os camarins do Marquee. Os camarins do Wembley Arena. Aí então os camarins do Wembley Stadium."*(N. da R.: Respectivamente, um bar, uma casa noturna um ginasio e um estadio londrinos).*

"Quando eu conversei com o Bono sobre isso, ele disse que achava o Wembley Stadium grande demais. Fiquei pensando nisso muito tempo. Ele subiu ao palco do Wembley Stadium durante o *Mandela Concert* e eu ainda estava pensando. Entramos direto com 'Waterfront', e eu pensei: 'Que nada, é pequeno demais!' Eu sabia que a canção tinha um coração grande o bastante para aquele lugar. Eu sabia que as pessoas lá atrás estavam sentindo isso."

De uma certa forma, vocês sempre tocaram para cem mil pessoas.

"Sim, porque sempre cultivaram essa imagem sobre a banda. Tudo tinha grandes dimensões, tudo era uma grande demonstração. Nunca quisemos ser pomposos, embora eu percebesse que acabávamos sendo, às vezes. O coração, a alma e a intenção nunca foram pomposos. Quando esses elementos são realmente pomposos, então a música é um lixo. Tudo se equilibra. Seria chato e mundano se não perdessemos o equilíbrio de vez em quando."

"Mas sabe o que me incomoda? O lado patéuco das pessoas que gostam de você até determinado momento e então, por causa de um disco, te desprezam completamente. De repente, é como se tivessemos feito tudo errado. 'Oh, é o fim deles!' Esse é um comportamento muito egoista. Compaixão é uma coisa muito importante. A idéia de que perdemos tudo com *Once Upon a Time* é ridícula. Não se pode cometer nenhum erro! Bem, como você espera que uma banda aprenda? Nos entramos pelas portas dos fundos das gravadoras antes que elas começassem a dispensar bandas com apenas um disco gravado. Como alguém espera que a gente acerte antes de ter errado?"

"Eu acho que deveriamos ter o direito de admitir que erramos. Fizemos uma avaliação sobre o disco completamente errada. Sabe o que significam, na verdade, todas essas críticas? Em termos vulgares, significa que fizermos sucesso. É por isso que fomos colocados sob o microscópio".

Certa vez você disse que "nos Estados Unidos as coisas são tão vulgares que chega a ser encorajador." Até que ponto os EUA são culpados pela vulgarização dos Simple Minds, por terem esvaziado a banda das suas sutilezas?

"O que eu quis dizer foi que eu encontrei uma maneira completamente nova de vender discos quando descobri como a indústria funcionava nos EUA. Era tão vulgar e odioso que fiquei deprimido por três dias. Aí eu percebi o quanto eu estava sendo ingênuo. Na Inglaterra, é tudo armação. Lá, é um grande negocio. Se você faz um hit nos Estados Unidos, estamos falando em milhões e milhões de dolares. É claro que isso é corrupto e completamente errado. Para mim foi encorajador quando eu percebi que era assim mesmo e eu teria que ir em frente da mesma forma. Eu não estava disposto a desistir. Eu não ia me esconder numa casaca ou sair correndo.

"Você pergunta se isso nos vulgarizou? Bem, não tivemos escolha. Mas foi por isso que voltamos para a Escócia. Os valores que nos foram ensinados continuam intactos. Se perdemos esses valores de vista por algum tempo, voltamos para cá e eles entram em foco de novo. Nós não vamos mudá-los, apenas temos que aprender a lidar com as situações. Se existe, no rock, algo como a Divisão Especial no futebol, queremos fazer parte dela."

Em que tipo de homem isso transformou você?

"Bem, eu comecei a me fazer essa pergunta. Foi por isso que fiquei afastado durante três anos. Estava me sentindo um tanto quanto inútil, apenas vegetando. Ai eu comecei a me preocupar com minhas responsabilidades para com a familia e os amigos. Percebi que precisava parar e colocar tudo em ordem. Então largamos tudo. Isso nos deu força e alguma paz de espirito. Quando você fica na estrada catorze meses, acaba perdendo a noção da realidade e fugindo de uma porção de responsabilidades. Percebi que eu estava, de certa forma, ficando cruel."

Você perdeu seu senso de humor?

"Os entrevistadores sempre apontam a óbvia falta de humor na nossa musica. Isso sempre fez falta: ser um comediante, fazer as pessoas rirem, é fundamental. As pessoas que nos cercam sempre comentam que a diversão faz parte do nosso trabalho. Mas não dá para perceber isso assistindo aos shows, ou ouvindo os discos. É uma crítica absolutamente verdadeira."

Talvez os Simple Minds sejam vítimas do seu próprio senso de grandiosidade. Não há espaço para piadas.

"Nem mesmo isso, John. E que nao existe humor na musica que eu gosto. Nunca gostei de Frank Zappa, por exemplo. Eu suponho que Lou Reed e Iggy Pop tenham um senso de humor negro. Mas acho que nunca tentei achar humor na musica.

"Quando estamos no palco, é verdade que não há humor. Eu sei porque tudo parece tão sério, às vezes. É horrivel quando as pessoas tomam isso como presunção. Eu sei porque elas têm essa impressão. Certos dias, o equilibrio se perde. Você se sente possuido por esse gigantismo ilusório e é levado pela atmosfera. Nós caimos no chão e nos levantamos. No show seguinte, tentamos recuperar o equilíbrio. É claro que me incomoda quando nos chamam de presunçosos. Mas não é verdade. Nós realmente consideramos a musica importante, mas não nos levamos tão a sério."

Depois de uma ausência de três anos e meio, os Simples Minds estão de volta com um novo disco de estudio. Street Fighting Years. *Produzido por Trevor Horn e Steve Lipson, já está sendo chamado sarcasticamente pelos empresários de* The Dark Side of the New Gold Dream. *Jim Kerr não esta muito certo, mas espera que isso seja apenas uma referência distorcida aos numeros antecipados de vendagem do disco.*

Depois dos excessos de Once Upon a Time *e* Live in the City of Light, *o novo disco prova que o grupo passou a sua hibernação revisando e remodelando. Parecem ter domado a fera roqueira que marchou pelos estadios em meados de 86. Quando parecia que a máquina monstruosa estava prestes a sofrer uma hemorragia, eles se afastaram e reinventaram a si mesmos.*

Mas não se assustem. Ainda há bastante potência para quem sentiu que Once Upon a Time *era um bom pretexto para o rock'n'roll. Por outro lado, os Simple Minds redescobriram o senso de dinâmica. As novas canções foram construidas com alguma elegância. Se, há três anos, eles pareciam olhar fixamente para um espaço nebuloso e não chegar a lugar nenhum, hoje eles equilibraram o seu som, colocaram nele algum equilibrio emocional.* Street Fighting Years *é o disco que eles deveriam ter gravado depois de* New Gold Dream *— mas estavam ocupados demais explorando os matos americanos para ouvir seus proprios estertores. Quando Kerr dizia que um sussurro podia soar mais alto que um grito, sua própria música se recusava a acatar a sugestão.*

"Acho que não temos mais medo de enfrentar nossas próprias fraquezas. Tivemos três anos para pensar em tudo isso. Antes, era apenas uma noite depois da outra, não havia tempo para reflexão. Oito anos se passaram e pareciam quinze dias. Não havia tempo para enxergar nada em perspectiva."

Vocês estavam num estado de animação suspensa?

"Com certeza. As vezes, a euforia era verdadeira. Mas, em outras noites, era artificial. Depois dessa pausa de três anos, percebemos que havia algo individual aparecendo. havia uma faisca. Precisávamos encontrá-la de novo."

"Era o fim de mais uma fase. Parece que a cada dois discos, fechamos um ciclo. Eu sei que muitos fãs ficam chateados porque eu me recuso a ser nostálgico. Para mim, é difícil. Embora eu me lembre dos bons tempos, não quero criar mitos sobre o passado. Houve um momento em que pensei nisso. Agora estou interessado em algo bem mais concreto."

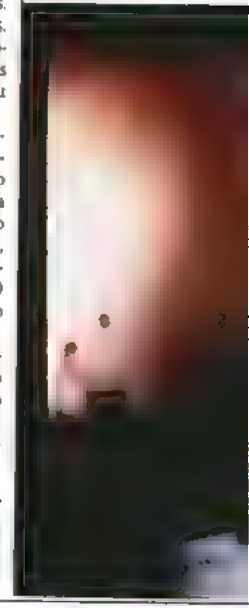
Digo a fim o que eu penso de Street Fighting Years, *que é o primeiro trabalho completo da banda desde 82, um trabalho que conhece os seus limites. Que possui até mesmo momentos sensuais. Que, ao contrário de* Once Upon a Time, *tem a emoção não sufocada por uma pomposidade implacável. E que revela um coração no lugar onde costumava ficar um cifrão.*

"Você acertou em cheio", ele concorda furiosamente. "Sei que isso está no disco. Essa sensação do fantástico. Quando eu digo 'fantástico', estou falando dessa coisa intangivel. Algo muito maior do que as pessoas envolvidas. Maior do que os acordes ou do que o estilo que tocamos. Sempre somos melhores quando não tentamos ser potentes. Quando essa força básica está lá. Acho que as grandes bandas sempre a possuiram. Ou você tem ou não tem.

"Eu senti a diferença quando tocamos no *Mandela Concert*. O tempo em que nos esforçávamos demais fazia parte do passado. Uma amostra dessa força havia aparecido em *New Gold Dream*. Então tentamos fazer com que ela voltasse, o tempo todo. Mas estávamos nos esforçando demais e não conseguíamos nada. Esse não é o caminho, porque qualquer um pode fazer isso. Você vê o Then Jerico conseguindo tirar um som de bateria imponente. O INXS também. Quando caimos nesse erro, os shows são ruins."

"Existem coisas do passado que deixamos para trás, esquecemos ou simplesmente perdemos. Bem, elas estão de volta e em evidência neste momento. Com um novo foco. Essas canções têm algo de concreto em torno delas. Portanto, temos agora a força do passado, ao lado de novas criações. Essa é a minha esperança para esse disco. Mas as pessoas podem julgar por si mesmas."

NA PRÓXIMA EDIÇÃO, A SEGUNDA PARTE DA ENTREVISTA COM JIM KERR:
O LP STREET FIGHTING YEARS, CHRYSSIE HYNDE E LOU REED



BREGA KITSCH CAFONA BOKO MOKO

UMA MATÉRIA DE GOSTO DUVIDOSO

"I Just Called to Say I Love You", música de Stevie Wonder para o filme *A Dama de Vermelho* (*Woman in Red*, de Gene Wilder, 84) tocou em praticamente todas as rádios do Brasil e do mundo sem nenhum problema. Mas, alguns meses depois, transformada em "Só Liguei Pra Dizer que Te Amo", na voz de Adilson Ramos — aquele que na década de 60 perpetrou pérolas como "Sonhar Contigo" — a mesma música desceu aos infernos das mais popularescas rádios sertanejo-românticas do dial AM e foi solenemente ignorada pelas FMs, Globos de Ouro e congêneres. Mas, outros tantos meses depois, uma outra versão percorria o mesmo roteiro "chique" negado à sua antecessora. A diferença é que quem cantava era Gilberto Gil.

Essa é a complicação básica em se tentar definir o que é brega. Como na discussão sobre as diferenças entre o "erótico" e o "pornográfico", o que separa o "brega" do "popular" é uma linha muito tênue. Pornográfico é o que *os outros* acham excitante, erótico é o que me excita, com *muito bom gosto*. Assim, a lista de "bregáveis" muda de pessoa para pessoa, num caldeirão onde se misturam José Augusto com Lulu Santos, Dominó com Jane e Herondy, Eduardo Dusek com Martinha, dependendo de quem está aviando a receita.

O gosto duvidoso, obviamente, existe desde as cavernas. Mundialmente consagrado no século vinte, o termo *kitsch* passou de sinônimo de "mau gosto" a definição de um estilo berrante, popularesco e ingênuo, mas sem conotação pejorativa. Os ingleses introduziram, então, o "olhar" *camp*, capaz de se divertir loucamente com a manipulação do *kitsch* — quase sempre com um toque perverso de desvio sexual. Um modo muito específico de ver/ouvir/ler cuja definição rendeu o célebre ensaio *Notes On Camp*, de Susan Sontag, e até uma enciclopédia própria, lançada há uns três anos na Inglaterra.

O certo é que o que hoje é brega, já foi *cafona* e até *boko moko*, e é parte essencial da cultura brasileira. O Brasil, convenhamos, é um país brega para xuxu. Esta matéria fica apenas como uma breve introdução ao assunto, que nos perdoem todos os bregas que não foram mencionados por um motivo puro e simples: falta de espaço.

Pré-História Miecio Caffé, um dos maiores estudiosos e colecionadores de MPB, tem uma noção muito precisa do momento em que a massificação cultural começou a ditar parâmetros estéticos. Esse dia teria sido no início dos anos 50, quando o chamado "Rei da Voz", Francisco Alves, perdeu um concurso de melhor cantor, promovido pela *Revista do Rádio*, para um jovem bonitão chamado Francisco Carlos. Surgiam as **macacas de auditório** para colocar no trono, acima dos meros cantores, a figura do **galã vocal** — não importe o quão canastra... ou, quanto mais canastra melhor.

Garganta de Ouro, Terno de Tergal em algum ponto dessa pré-história, surgiu o protótipo do cantor que solta uma quilométrica extensão vocal para derramar toda **baba** de monumentais **dores-de-cotovelo** em **bolerões orquestrados**, em que a musa é a pérfida Mulher Fatal que pratica a traição e o abandono por esporte. Obviamente, há modelos de classe e elegância como, além de Francisco Alves, Orlando Silva e Nelson Gonçalves, fontes básicas de inspiração para a **Música Romântica**. O mesmo fião, "embregado" até o último fio de cabelo, renderia ainda muito melodrama nas vozes de **Altemar Dutra, Agnaldo Rayol, Nelson Ned** (superstar em Cuba e Miami!) e **Agnaldo Timóteo**. Por isso todo mundo gostaria de saber: o quê **Julio Iglesias** tem que eles não têm?

Cantores do Rádio Ainda nessa fase pré-Jovem Guarda, duas figurinhas carimbadíssimas merecem uma citação especial. Dois autênticos **ídolos populares**. Consagrado com um repertório primeiro afrancesado, depois nordestino, amarrado à base de mímica e humor, **Ivon Curi** participou até das chanchadas da Atlântida. Com o advento da Jovem Guarda trocou o time de campo e virou dono de um restaurante chamado Vaca Sagrada e de uma casa de mulatas. Ivon reapareceria no final dos anos 70 tirando a peruca no palco, participando de uma novela das sete homenageando as chanchadas (*Feijão Maravilha*) e até fazendo papel de vampiro no filme de Ivan Cardoso, *As Sete Vampiras* (86).

Já **Cauby Peixoto** foi batizado até de "o sambista comerciário". Ele também surgiu nos anos dourados da Rádio Nacional, e deu suas voltinhas pelos EUA sob o pseudônimo Ron Coby — a revista *Time* estampou: "O maior ídolo da canção brasileira". Por onde ele passava, ficava o rastro da **histeria** que já acompanhou Frank Sinatra, Elvis, os Beatles, o Menudo, o RPM, o A-ha e o Duran Duran. Elas desmaiavam e Cauby passou a usar roupa apenas alinhavada para que fosse rasgada com maior facilidade pelas macacas. O termo, aliás, provavelmente vem de uma das façanhas do cantor que, assediado durante o café da manhã num hotel, pegou um cacho de bananas e foi beijando-as e atirando-as para as "macacas".

Muzak Lamê Tão *camp* quanto Ivon e Cauby, **Pedrinho Mattar** é o mais próximo que o Brasil conseguiu chegar de Liberace e Richard Clayderman. Ápice da carreira: tocar para Jimmy Carter em plena Casa Branca.

Foto Agnaldo

Mr. Ivon Curi, ídolo popular. Na outra página, Sidney Magal e Paria

Jovem Guarda ou, melhor ainda, "Iê Iê Iê". Bossa-novistas e puristas do cancioneiro pátrio achavam as "**tardes de domingo**" o fundo do poço em colonização descerebrada, mas — em termos de *kitsch* terceiro mundista, paródia pa-tro-pi do pop anglo-americano — era uma brasa, mora! A calça Calhambeque, o anel de brucutu, o cacharel, a botinha sem meia, os cabelos alisados, a boa vida de playboy e as versões de Fred Jorge e Rossini Pinto para hits ingleses e italianos, o Brasa, o Tremendão (Roberto e Erasmo), a Ternurinha (Wanderléa) roubando a coreografia das Supremes em "Stop! In the Name of Love" diante do senhor juiz. Junto com eles, o que o guru do iê-iê-iê, **Carlos Imperial**, chamava de "turma do lamê": a infiltração, entre os roqueiros, de galãs românticos como: **Wanderley Cardoso, Jerry Adriani, Nilton César, Antonio Marcos** e até — numa emissora concorrente — um "príncipe" querendo usurpar o trono do rei com um hit inesquecível: "A mesma praça, o mesmo banco..." (**Ronnie Von**, claro). Todos bons rapazes, só um pouco dados a purpurina e babados, que utilizavam a batida "changa-langa" para chorar amores perdidos ou impossíveis. A nova geração de macacas aprovava a fartura de ídolos e foi essa mesma estética que se transformou no legítimo brega dos anos 70 e 80, facilmente identificável em **Evaldo Braga, Reginaldo Rossi, Odair José, Fernando Mendes, Carlos Alexandre**, atingindo seu pico de vendas com **Amado Batista**.

Ainda na Jovem Guarda, cada modelo gerava similares e derivados. de Wanderléa é um pulo para a "Fada Loura" **Rosemary**, que chegou a gravar com os Beach Boys no filme *Juventude pra Frente*, e a totalmente selvagem **Vanusa**. A morena era o "Queijinho de Minas" Martinha. Todas garotas papo firme.

A terceira falta iê-iê-iesca pertencia ao que hoje chamamos de "grupo" ou "banda" e, na época, atendia por **conjunto**. Os **Fevers** eram especialistas em versões dos Beatles e legaram dois dos responsáveis por 90% do brega ouvido atualmente: **Michael Sullivan**, da dupla Sullivan e Massadas, e **Miguel Plopschi**, diretor artístico da BMG-Ariola. Já os **Incríveis** eram mais estilosos e adrenalinados, mas cometeram a mitame "Eu te Amo, meu Brasil", distribuída como brinde em um sabão em pó no momento mais negro da ditadura militar.

Macho com H "Eu não sou cachorro, não!" Um brado inesquecível para um ídolo inesquecível. **Waldick Soriano** teve um dia a idéia de se vestir como Durango Kid, a quem cultuava, e saiu do interior da Bahia para resgatar o bolerão em shows de circos e cinemas, ao fim dos quais invariavelmente arremessava o chapelão para a platéia. Acabou como todas as stars, super ou mega nas telas de cinema, atuando em

Sobre a lareira azul de Agnaldo Royal, Duarte de Paula (esq.) e Conley Peixoto

Paixao de um Homem e *O Poderoso Garanhao*, dois filmes semibiograficos (tinha sido garimpeiro, lavrador e caminhoneiro). Provocou um certo auê quando a socialite Beki Klabin assumiu publicamente seu romance com Waldick.

Algumas perolas de seu pensamento:

O progresso do Brasil esta espantando as demais nações.

Devem acabar com as ferias, estudante não trabalha.

Recebemos influências negativas dos EUA e da França. O sujeito está em casa, lendo e, depois de tanta besteira, acaba chamando o amigo para lhe dizer: "Pode sair com a minha mulher."

Se eu pudesse, teria tres esposas, pois tenho condições de sustenta-las. E ainda constituir familia. As mulheres, no entanto, não devem ter varios maridos. O privilegio so cabe aos homens.

Os hippies estão certos, porque encontraram o caminho aberto. Errada está a policia, que não mete o pau neles, não bota tudo na cadeia.

Programa de Auditorio. O templo, o altar, o santuario onde as macacas entram em contubinio com seus idolos, em meio a destiles de calouros e jurados, fuscas zero quilometro e liquidificadores, mulheres rebolando semnuas, coordenados pelo indefectivel animador. Hão de marcar capitulos na Historia Brasileira o sorriso cosgate hiperextraplus de **Silvio Santos**, a alucinação carnavalesca do **Chacrinha**, o "Oooôn, geeeenial!!!" de **Darcio Campos** e sua "Geração Xanti", as estampas das camisas de Edson Curv, o **Bolinha** (gorducho e quase careca, ele mesmo anuncia remedios à base de ervas milagrosas contra a calvicie e a obesidade), os medalhoes e bocas de sino de **Raul Gil**.

Poesia e Filosofia. As vezes, a sabedoria popular vaza através de trovadores cujos versos a articulam com toda a sugeleza poetica de um primeiro

amor. Sem duvida, o grande especialista nos problemas cotidianos da massa é **Odair Jose**, merece um verbete à parte. Certa vez, Caetano Veloso teve de encarar uma tremenda vaia por cantar uma musica de Odair e rebateu à altura: "Não existe nada mais Z do que a classe A."

Alguns versos inesquecíveis:

"Olha, a primeira vez que eu estive aqui foi só para me distrair eu vim em busca do amor ... foi então que eu lhe conheci ... Eu senti saudades de você eu precisei do seu carinho pois eu me sentia tão sozinho." (Em "Eu Vou Tirar Você Desse Lugar.")

Deixa essa vergonha de lado pois nada disso tem valor por você ser uma simples empregada não vai modificar o nosso amor." ("Deixa Essa Vergonha de Lado.")

"Pare de tomar a pinga. Ela não deixa nosso filho nascer." ("Uma Vida Só.")

Se você está pensando que o que traz no corpo é algo mal pense bem e lembre que um dia você também foi coisa igual." ("Viva e Deixe Viver", contra o aborto.)

Já não se recomenda mais o que muito gente gosta e faz troca-troca de casais." ("O Virus.")

Por ultimo, Odair chegou até — em 77 — a fazer a sua ópera-rock *O Filho de Maria e José*, espécie de *Jesus Christ Superstar* influenciado por suas leituras de Khalil Gibran, em que trata de temas polêmicos como homossexualismo e teorias misticas.

Amor Cigano, Harpa Paraguaia. Aspirantes a Sandra Rosa Madalena atiravam suas calcinhas no palco quando **Sidney Magal** torcia os lábios e estremecia as pernas. Um híbrido Elvis-Travolta hiperlatino enveredou nos anos 80 pela publicidade, fazendo vocais em jingles da Coca-Cola.

A porção mulher da *intimidad* pop tica consagrada a paraguaia **Perla** (que se considera brasileira), apadrinhada por Nelson Rodrigues. Perla chegou ao Brasil em 71 e, poucos meses depois, já estava sacudindo a cabeleira e soltando os agudos nos palcos cariocas. Seu repertorio inclui musicas em castelhano a versões de "Inuia" e do hit do grupo sueco Abba "Fernando" — com a letra amenizada, já que o original narrava a vida de um revolucionario e Perla dizia não querer saber de politica (apesar de ter cantado para Stroessner, de Gaulle e Isabelita Peron).

Outro monumento do "brega de raiz" é, sem duvida, o luso **Roberto Leal**, com seu impagavel casamento de danças folcloricas portuguesas e plastificação pop, sempre acompanhado de balcanicos. Hits para a posteridade: "Arrebita", "Carimbo Portugues", "Rock Vira" e "Casa da Mariquinha".

Picaretagem S.A. Os anos 70 foram não só a decada em que o brega pos-Jovem Guarda se cristalizou como o momento em que deu muita grana cantar baladas melosas em ingles, com pseudonimos ocultando a origem tupi-guarani dos malandros. O proprio **Michael Sullivan** empacou "My Life" e "Sorrow" e acabou exportando a fraude para o Mexico, Alemanha, Canada e Argentina. **Chrystian** (hoje metade de uma dupla sertaneja) também foi um rei do "inglês de ouvido". Outro: **Jesse** foi Chris de Burg (nada a ver com o Chris de Burgh de "The Lady in Red", brega-chiquissima por sinal), quando gravou o megahit "Elvira", e também assinou Tony Stevens, cuja "Remember" foi tema de novela das oito — recebeu muitos convites para o *Fantastico* e o *Globo de Ouro*, mas nunca teve coragem de dar as caras antes de aparecer como Jesse mesmo. E Mark Davis, lembram-se? Era o nosso **Fabio Jr.** — que começou ao lado de **Silvio Britto**, no *Alegria* da TV Tupi. "Tá todo mundo louco, oba! ..." Em carreiras paralelas de ator e cantor, Fabio acabou engrossando o filão dos idolos-galas, legando o maior cruzamento brega internacional em seu dueto com Bonnie Tyler. Quem não viu o videoclip não sabe o que está perdendo.

Mas o verdadeiro campeão do "brega para exportação" — até ser condenado por plagio — era **Morris Albert**, cuja "Feelings" sagrou-se mundimegahit mundial e *standard* do muzak, em versões de Frank Pourcell, Ray Conniff, Johnny Mathis, Frank Sinatra e Dionne Warwick. Que pena! "Feelings" era identica a "Pour Toi", uma musica francesa de vinte anos atras, e o tribunal tirou a autoria de Mauricio Alberto.

Sambão Joia. Malandragem pasteurizada no embalo **mela-cueca**, em que o filão aberto por **Antonio Carlos & Jocafi** foi se espalhando e ganhando um sotaque mais carioca. O mesquecivel **Benito di Paula** foi fundo com "Retalhos de Cetim" e "Meu Amigo Charlie Brown", mas os mais tipicos são **Luiz Ayrão** e os que consagraram o brega suavemente erotico como **Agepê** e **Wando**, autor do classico "Lua e Estrela" ("quando tão louca me beija na boca me ama no chão"). Campeões de vendagem, realizam o desejo secreto dos rapazes que querem pegar a moça no colo, deita-la no solo e fazê-la mulher.

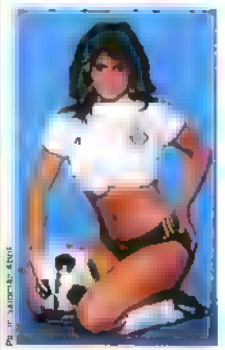
Pornobrega. E já que o assunto é sacanagem, não custa lembrar que maliciosas letras de duplo sentido são parte da tradição das marchinhas carnavalescas. Mas o mestre absoluto e o paraibano **Genival Lacerda**, autor de classicos incontestaveis como "Severino Xaque-Xaque" (do refrão "Ele está de olho é na butique dela"), "O Disco" ("Você tem que me dar o disco") e "O Chevette da Ivete". Além da poesia, Genival tem a seu favor o excentrico visual e a dança da barriga, sua especialidade.

Muito mais explicito é **Sandro Becker**, que atingiu as radios com o hit "Julieta": "Eu tenho uma prima que se chama Marilu ela tem a perna aberta de tanto tomar cate. Eu tenho um passarinho que se chama papagaio ele tem um preto preto bem na ponta do nariz. Eu namoro uma menina que se chama Marieta e a tem a xaninha aparecendo a... etiqueta."

Vestido com breguissimos ternos em preto e branco, Becker até hoje tenta emplacar outro sucesso igual.

De uns tempos para cá, com hits como o "Ladeira de **Cremilda** e o "Fricote", de **Luiz Caldas**, o frevo vem engrossando e atraindo a nova geração — caso da "Marvioa", do **Ultraje** e da inflame "Eu Fui Dar Mamar", dos incredibilissimos **Dr. Silvana & Cia.** No mais, um apelo erótico — ainda que mais *soft* — é o chamariz de musicas como "Cafe da Manhã", do **Rei Roberto** e interpretações arfantes encontradas em cantoras que vão de **Joanna** e **Simone** a **Gretchen**.

Brega de Proveta. Quando os "armadores de gabinete" perceberam que era mais facil fazer em casa do que sair atras, choveu um toro de artistas pre-produzidos e pre-fabricados por empresarios e produto-



De cima para baixo: Waldick, Vanusa e Gretchen

De cima para baixo: o Trio Los Angeles, Rádio Taxi e Gengis Khan

res. A acima citada **Gretchen,** rainha do rebolado, começou ao lado das irmãs no grupo infanto-juvenil As Melindrosas, depois lotou clubes e ginásios do país inteiro, até contracenar com outra musa do gênero, a ex-chacrete **Rita Cadillac,** no filme *Aluga-se Moças*, estouro de bilheteria.

Provetao do brabo é o **Trio Los Angeles,** três ex-modelos que investiram uma nota preta em aulas de canto, dicção, dança e coreografia para arrombar a festa com o hit "Vamos Dançar Bambole". Ou então o estrúxulo ao quadrado **Gengis Khan,** dubladores e dançarinos de *playback* de auditório, uma filial de um grupo homônimo e idêntico de algum canto fanino da Europa. O Gengis Khan nacional não só fazia as versões do G.K. original, como reproduzia fielmente o visual de guerreiro mongol.

Proveteiros profissionais: **Mister Sam,** um argentino que fez hits na voz de **Nahim,** como "Cale Essa Boca", "Taka Taka" e "Da, Da, Da", uma colagem picareta de "Da Da Da" dos alemães do Trio com a ciranda tradicional de "La Bamba" e "Twist and Shout". Além de alguns sucessos de Gretchen, Sam fabricou também uma infinidade de grupinhos e grupelhos.

Outro proveteiro de destaque é **Lincoln Olivetti** que, na virada dos 80, produziu meio mundo da MPB com um naipe de metais costurando o batuque estaca. Por fim, os proveteiros do momento: **Sullivan e Massadas** (Xuxa, Rosana, Roupa Nova, Tim Maia, Fagner, uma usina de hits à qual até Roberto Carlos sucumbiu.

Clássicos do Cancioneiro Ou "Hits Instantâneos", aqueles que por uma magia expressiva no casamento letra-melodia conquistam de cara o coração e a boca do povo.

Almir Rogério passava, um dia, pela rua, quando ouviu um moleque cantando uma música obscura: a obra-prima indiscutível, crônica de realismo urbano e decadência maldita que é "Fuscão Preto". Almir logo sentiu que aquela seria a música de sua vida, "assim como 'O Menino da Porteira' foi a de **Sérgio Reis,** 'Estrada da Vida', a de **Milionário e Zé Rico,** e 'Coração de Luto', a do **Teixeirinha".** Assim que a gravou incrementou seu guarda-roupa com uma porção de roupas pretas, comprou o seu "fuscão preto" e ficou esperando o inevitável sucesso. Um estrondo! "Fuscão Preto" não só virou filme (estrelando **Xuxa**!) como gerou uma série de imitações tipo "Égua Preta", "Fuscão Azul", "O Motorista do Fuscão Preto" e "Chevette Branco", além de uma continuação do próprio Almir chamada "Motoqueiro". "Motoqueiro, que destino traiçoeiro era destruir meu coração pois trocou o meu fuscão pelo amor de um motoqueiro".

Brega Pop De um lado, a onda do rock. Do outro, a vontade de faturar uma grana entrando na programação das FMs, numa fase intermediária entre a virada da década e o *boom* do "roque nacional". Nos anos 70, **Guilherme Arantes** já havia aberto a trilha que seria seguida pelo **Rádio Taxi,** os baluartes do brega pop, junto com o **Roupa Nova.** "Sanduíche de Coração" já era um arremedo de pop-bregapop. "Pouco devagar que devagarinho que é pra não machucar..." Mas talvez não exista nada mais brega em todo o planeta que a versão que fizeram para "Eva", um hino de dor.

Brega Infanto-Juvenil Cobaias favoritas dos proveteiros profissionais, as alegres criancinhas cantantes e ninfetinhas de minissaia estão em alta: **Harmony Cats, Turma do Balão Mágico, Trem da Alegria, Patrícia, Simony e Jairzinho, Abelhudos, Angélica,** e dois pós-Menudo, um que deu certo (**Dominó**), outro que não (**Tremendo**).

Metabrega Ou "Brega Crítico", a outra face da moeda. Quando a estética e a linguagem brega são conscientemente apropriadas como um elemento significativo e valioso da cultura popular, uma redenção. **Caetano Veloso** foi o pioneiro com sua gravação de "Coração de Mãe", de **Vicente Celestino,** seu dueto com Odair José na festa-show da gravadora Philips (ver também no verbete *Povo e Filosofia*) e se manteve na linha ao gravar também "Sonhos", de **Peninha** (se ele estava sendo metabrega então, **Marisa Monte** estava sendo apenas óbvia ao atacar a mesma música; a Marisa metabrega surge mesmo quando ela canta Waldick Soriano).

Por pura gozação, o **Premê** e o **Língua de Trapo** tiveram seus momentos "metabrega", mas o trabalho mais rico nesse sentido foi desenvolvido por **Eduardo Dusek** — seu LP *Brega Chic* é a bíblia metabrega. Escavações interessantes também foram promovidas pelos **Titãs,** quando ainda eram "do Iê-iê-iê". Por mais sucesso que tenha trazido à guinada para o punk, é de se imaginar o que o metabregapop com uma queda para o reggae e para o ska poderia ter rendido além de "Sonífera Ilha".

LUIZ HENRIQUE ROMAGNOLI/CARLOS EDUARDO MIRANDA

Som preto e branco.

Este som foi produzido originariamente em preto e branco, com direito a chiados e alguns riscos. Mas, já que você vê em cores, está na hora de virar a página e ouvir em cores também.

Ao lado, Amado Batista. Abaixo, Odair José, Fábio Jr. e Roberto Leal

brega-vermelho
brega. Bras.
bregma.
breguese.
breguesso
bregado.
zumbregação
zumbregar
xumi. Bras. dos xumis, tribo indígena, e habita ... Trompetas ... e com a qual se

[illegible] ... Há quem ... brega vem de ... há uma lenda, segundo a qual um forró nordestino pertencente a um certo Nobrega foi a origem da expressão. As letras N e O teriam caído do letreiro. Os frequentadores passaram a convidar os amigos para irem ao "Brega", e os nordestinos radicados no eixo Rio-São Paulo teriam popularizado a expressão, com as distorções ... No interior do estado de São Paulo, ... música. Talvez seja ...

Amado Batista "No dicionário, brega quer dizer casa de prostitutas. ... no sentido de ... de pessoas ..."

Fábio Jr. "Se ... do ... Lobos ... brega. Se você ... o Amado Batista ... achar que brega é o Amado. Tudo é uma questão de referencial."

Renato Russo "Não gosto do termo porque ele é pejorativo. Pode definir tanto uma coisa boa como uma ruim. Eu sei o que é *kitsch* e o que é *camp*, mas não sei definir o brega."

Ed Motta "O brega só pode ser o underground do underground."

Fausto Fawcett "É uma derivação do *kitsch*. Todo país miserável vai ter suas variações do *kitsch*. O que as pessoas costumam chamar de brega é a música romântica. Só que o amor é totalmente brega. Hoje tudo é *muzak*. A programação das rádios em cima do *flashback* é a essência do brega."

Nasi (Ira!) "Existem dois tipos de música brega. Uma delas é a que não tem condições de ser bem feita, mas que pode ter valor artístico. A outra é a que se inspira em ... todos os ingredientes notoriamente usados para o sucesso — como, por exemplo, o RPM — e que não passa nada de artístico, poético ou musical."

Michael Sullivan "O que nós fazemos e o que está no ar não é brega. É pop. Brega é música ruim, letra fraca. O que os grandes artistas fazem é romântico e chamam de brega. O que toca nas rádios é reflexo do que o povo quer ouvir... Agora, veja um exemplo disso: a Madonna é super pop e faz sucesso no mundo inteiro. Se uma garota daqui fizesse o que ela faz, seria chamada de brega. A Patrícia canta muito melhor do que ela."

Edu K (DeFalla) "Brega para mim é essencialmente o Ratinho da Santa Marta (*vocalista da banda ... Joelo Comm*), depois o Sidney Magal e eu daqui a dez anos."

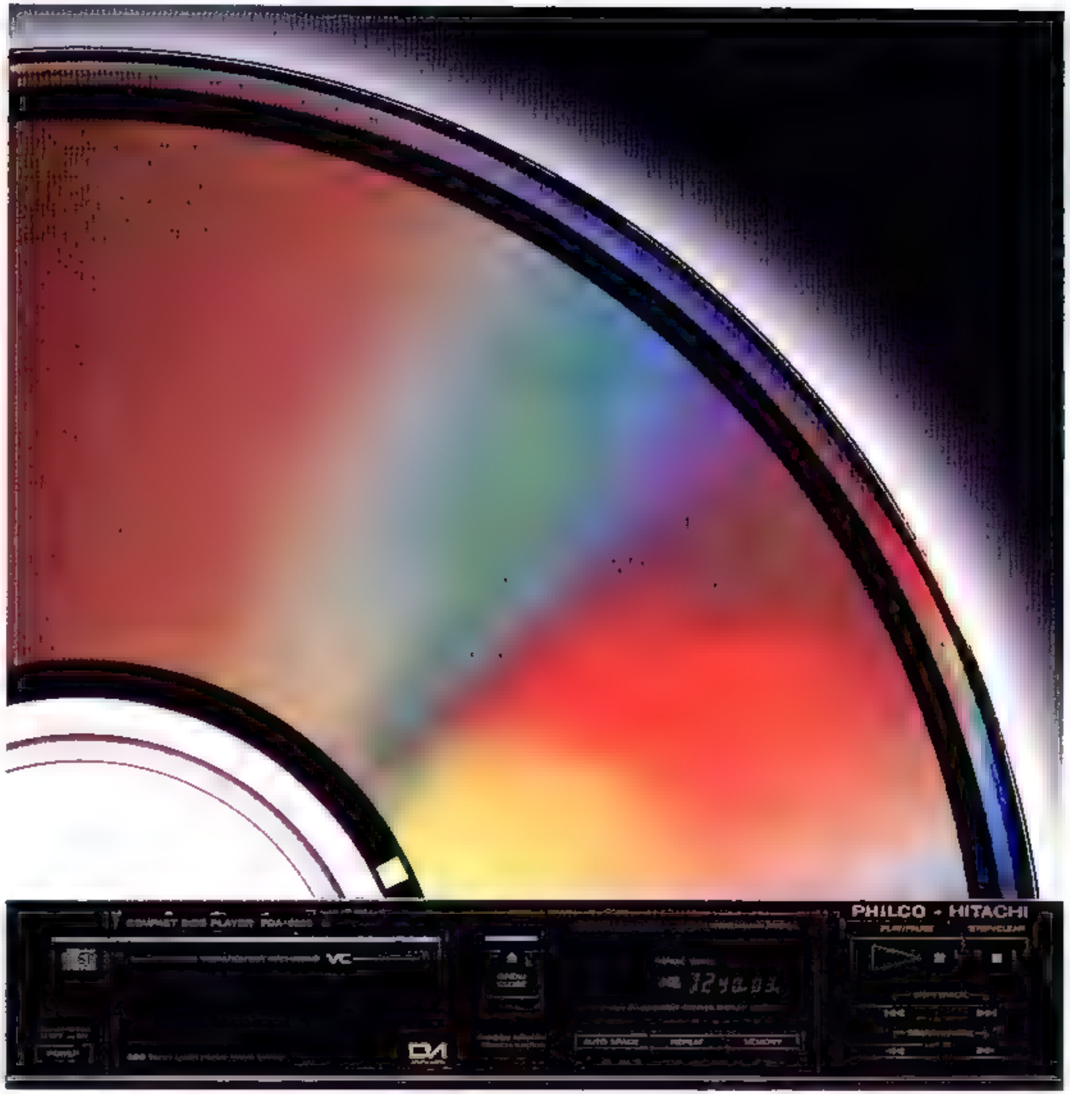
Herbert Vianna "A melhor radiografia da alma brega brasileira foi feita por Eduardo Dusek no LP *Brega Chique*. Considero uma obra-prima infelizmente mal compreendida. Esse disco é assombroso, de uma coragem... desde a capa. Nós tocamos em cinco faixas e realmente ... Hoje em dia a tecnologia faz com que as pessoas tenham acesso à FM, mas ainda existe muita gente que liga para o rádio pedindo música. O que está aí no ar é o gosto da maioria. Lembro que houve uma época em que cheguei a ouvir Clash no rádio."

Scowa (Máfia) "Brega hoje é sinônimo de mau gosto, mas tem algumas coisas com as quais eu me identifico — a gente é meio brega na hora do amor, por exemplo. Deveria deixar de ter uma conotação pejorativa porque é um estilo. Acho que não existe bom gosto nem mau gosto, existe gosto. Eu gosto do Lupicínio Rodrigues, que pode muitas vezes parecer brega."

Paula Toller "É um tipo de música romântica, com um discurso cheio de clichês, letra e música fáceis, melodia que você já ouviu muito. É feita para ser consumida por um tempo e é essencialmente comercial. Não importa o que o cara canta, mas a imagem que ele tem."

Léo Jaime "É algo ... entre o Brega e o brega. *I'm a book. The ... table*. É mais uma palavra como outra qualquer."

Som a cores.



Novo Digi-Laser Philco-Hitachi com programação de até 24 músicas.

É impossível não dar ouvidos à tecnologia Philco-Hitachi.
Por isso estamos lançando o novo Digi-Laser PDA-6000. O único compact disc player do mercado que tem memória com capacidade para programação de até 24 músicas. Tem leitura laser de feixe triplo, sem chiados. Puro laser, puro lazer. Localização do Index sem riscos. E Direct Search System (sistema de procura direta).
O Digi-Laser PDA-6000 valoriza cada nota musical. E cada nota que você investir nele. Vem com 1 ano de garantia total. Vá conhecer no revendedor mais próximo o novo Digi-Laser PDA-6000. A sua emoção nunca ouviu nada igual, nem tão colorido.

PHILCO HITACHI
TODA EMOÇÃO DO MUNDO EM SUAS MÃOS.

AGORA O BASQUETE BRASILEIRO ESTÁ EM PÉ DE IGUALDADE COM O BASQUETE AMERICANO.

A única diferença que existe entre o MVP americano e o MVP brasileiro é que um é calçado por pés americanos e o outro por pés brasileiros.

O V da Vitória.

VENDIDO!

O POP E O PREÇO DO

$UCE$$O

O rock'n'roll sempre esteve perigosamente vinculado ao comércio. Nessa zona fantasma, basta um pequeno desvio e a credibilidade de um artista vai por água abaixo. Vender música pop ou se vender ao mundo dos negócios, qual é a diferença? Pepe Escobar *recua na História para trazer luz ao debate*

THE WHO SELL OUT

Replacing the stale smell of excess with
the sweet smell of success,
Peter Townshend, who, like nine out of ten stars,
needs it. Face the music with Odorono,
the all-day deodorant that
turns perspiration into inspiration

THE WHO SELL OUT

This way to a cowboy's breakfast
Daltrey rides again. "Thanks to Heinz
Baked Beans every day is a super day".
Those who know how many beans make five
get Heinz beans inside and outside at
every opportunity. Get saucy

Os Beatles em Washington, ainda pré-psicodélicos e sob a tutela de Epstein

Para quem mantém uma fé eterna na ideia-chama Rock n'Rol, — raça condenada à extinção, em todas as latitudes —, não existe crime mais horrendo do que um artista que se vende. *Sold Out*. Vendido! Um estigma pior do que a Peste. A maioria absoluta dos fiéis da ideia-chama Rock n Roll não saberia definir este Pecado Capital. Mas sabe identificá-lo quando o vê. Tudo isso é muito vago? É também compreensível. Quem entra no maremoto pop entra para ganhar dinheiro — entre outras coisas. Para Frank Zappa, *we're only in it for the money*, ou seja, só conta mesmo o $$$. Quem entra no pop entra para *vender*. Como separar um *business* absolutamente legítimo — vender — do ato imperdoável de *se vender*?

Na pterodáctila era do rock'n'roll como expressão máxima da revolta adolescente, submeter-se à ditadura dos quadrados era equivalente a se vender. O *killer* Jerry Lee não se submeteu e sua carreira foi praticamente arruinada. Mas quando Elvis deixou de ganhar cem mil dólares por semana como rock star e foi chutado pelo sistema para a ocupação de soldado do exército americano n.º 53310761, a U$$ 83,20 por semana, seu imenso público o apoiou. Quando os Beatles aceitaram a condecoração de membros do Império Britânico, não se tratava de uma venda para o *establishment* era o símbolo do triunfo de todo o planeta com menos de 25 anos de idade.

A contracultura, no fim dos anos 60, não só espargiu flores, comunas, cabelos compridos e LSD: o conceito de "se vender" passou a ser levado a sério. Na era do festival grátis, rock stars demonstravam sua solidariedade com os fãs, apesar de manter uma relação de trabalho com *the man* — ou seja, o homem da sua gravadora multinacional e seu exército de *managers* e contadores. Os Beatles tentaram estabelecer uma estrutura alternativa de *business* — a serviço da criatividade e da filantropia. Mas a Apple, como se sabe, foi para um sonoro brejo. Voltava a ser *cool* lidar diretamente com o quadradão de terno e gravata.

Quase uma década depois, os *sixties* já não passavam de uma piada para a nova geração. Há numerosas teorias para o nascimento do enraivecido bebê punk. Anexo mais uma. A culpa não foi de Malcolm McLaren: foi da blondie sueca Britt Ekland, mulher de Rod Stewart na época. Em 1976, ela transformou Rod the Mod de um delinquente escocês movido a cerveja em um novo-rico californizado, membro do jet-set e movido a champanhe.

Papel mais vergonhoso fez o homem que em 1962 era um purista imaculado de rhythm n'blues. Na noite do primeiro concerto ao vivo dos Rollings Stones ele rezava com todos os poros de seus lábios para que não fossem confundidos com uma — vai lá, embora, capeta! — banda de rock n roll. Em 1977, o milionário sr. Jagger, exilado da Inglaterra para não pagar mais impostos, saía pelo globo fazendo compras com Bianca e aparecia nas colunas sociais envolvido com a mulher do primeiro-ministro canadense Pierre Trudeau. Com todo esse carnaval, fãs de Rod, Mick e cia. só poderiam se sentir traídos. Quanto à música, acompanhando esta escalada social, chegava, no máximo, ao estado de musak de elevador.

Os anos 70 — dos quais vítimas da moda descerebradas andaram cantando um *revival* em 1988 — foram a era de ouro dos vendidos. Gravavam albuns de luxo, auto-indulgentes, em locações luxuosas. Tocavam em estádios tão grandes que para a massa de fãs não passavam de um dispendioso ponto colorido no horizonte. O Pop Group — denominação irônica

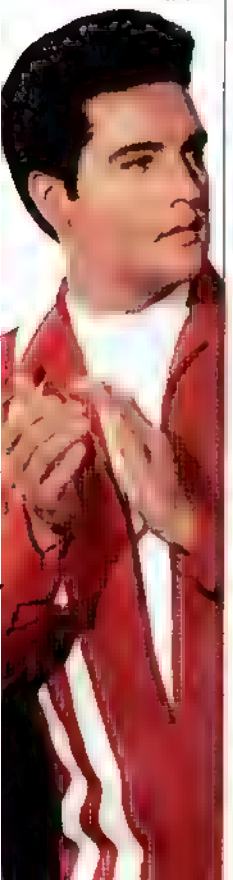
No centro, a capa de *The Who Sell Out*, ou The Who Se Vende, todo um LP ironizando o comércio pop

Os Stones fase *It's Only Rock'n'Roll*: fugitivos do fisco britânico

Abaixo, Elvis

The Pelvis

Acima, Rod The Mod



ideologia bem cuidada — cantava: "Somos todas prostitutas". A música não fez sucesso. Se tivesse feito, eles teriam se vendido.

O punk fez sucesso. E muito. De repente os anarquicos e enraivecidos confrontavam-se com o paradoxo de manter a taxa de raiva adequada para os desposuídos desse mundo e, ao mesmo tempo, ganhar um monte de dinheiro. A agonia mais publica e menos convincente foi a do Clash empacotarem logo depois de ganhar uma grana preta no circuito de estadios americanos. Mick Jones hoje lidera esta ladina mutretagem que é o B A D, mas Joe "Estrume" — como o define um DJ de São Paulo — continua na briga. Em sua ultima aparição ao vivo documentada nesta revista, agitava a bandeira do "Rock contra os Ricos" em um bufo esquadrão da zona norte londrina.

Estrume" estudou em uma boa escola. Isso sempre provoca a ira do pobre John Lydon, que ha alguns meses fulminou: "Não aguento esses filhinhos de papai que vivem me dizendo o que acontece na vida operária. Por que eles acham que existe algo de gamouroso em viver mal? Não existe. Eu quero melhorar o nível de vida de todo mundo, não voltar para trás. Não fazer como o sr. Strummer com as suas *velhas* de luta de classe". O mínimo que se pode dizer de Rotten é que melhorou o seu nível de vida: passa muito bem como um maçonário na Califórnia.

Nos anos 80, o punk fragmentou-se em inumeras facções — da "linha dura" rabugenta que preferia a obscuridade ao comercial a hordas hedonistas e cativos de lama como Boy George. Essas facções também podiam ser encontradas no Rio e São Paulo, logo depois que estourou a "nouvelle vague" local.

Os vendidos a avidez hipercapitalista atual são inegavelmente ricos. Tina Turner, David Bowie, Michael Jackson. *Muito* dinheiro esta em jogo. Muitos dos vendidos não precisam deste dinheiro. Mas por que não "tocar as estrelas"? No entanto, dezenas (ou centenas) de milhares de fãs abandonaram Wacko Jacko depois que o moonwalker sucumbiu à Pepsi — uma corporação que não tem o menor interesse na música pop, a não ser como um canal privilegiado para atingir o mercado jovem. Jacko ganhou dez milhões de dólares na brancaleona — fora os *fringe benefits* (N. da R. — *Todos os outros produtos que levam o nome de artistas como Madonna, Jackson etc.*).

Paul McGuinness, o manager do U2, anda por ai acusando os vendidos: "E embaraçoso para uma superestrela anunciar um produto como Pepsi só por dinheiro. Contradiz todos os valores que eu associo ao rock'n'roll". E providencial lembrar que a banda do sr. Guinness anda em todas as lojas de discos, cinemas, videos e livrarias, de Vladivostok à Ilha de Páscoa. Isto não significa exatamente uma aversão ao mercado. Nada garante que o proximo passo do U2 para expandir seu já imenso rebanho não seja um comercial para a Levi's 501 ou botas Frye texanas.

De vez em quando alguem *não* se vende. Nos EUA os Beatles remanescentes forçaram a Nike a tirar do ar um comercial cuja trilha era "Revolution". Mas quem estava por tras da jogada, quem? Wacko Jacko: ele detem os direitos de reprodução do catalogo Lennon-McCartney, mas não pediu permissão a Paul para "emprestar" a musica para a mala de *sport shoes*.

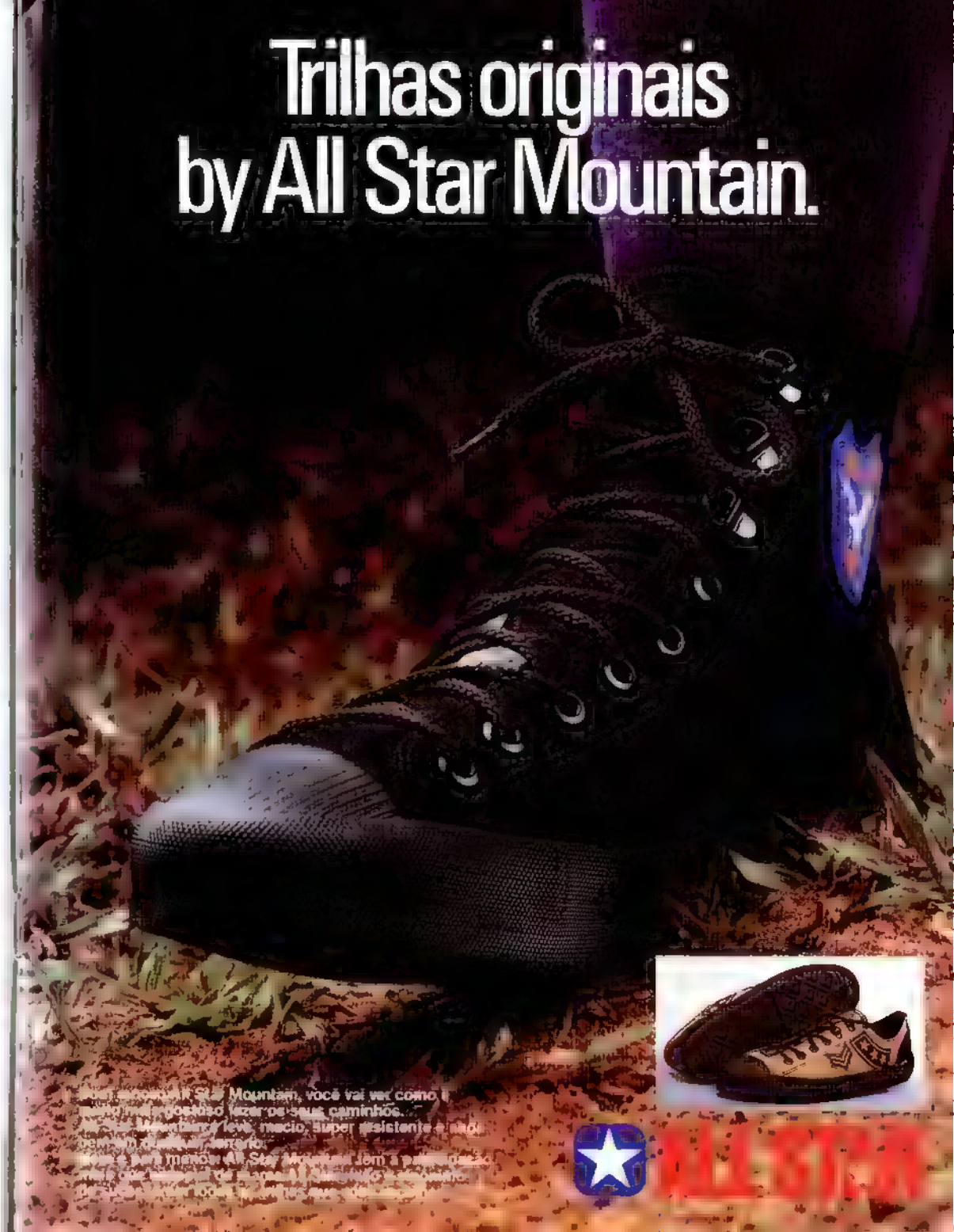
Não adianta *não* se vender neste final dos reaganômicos anos 80 do sucesso desenfreado. Para ter uma chance em um mercado megacompetitivo e baseado no *look*, você precisa ter o *look* de quem "já chegou lá". Tina Turner trocou de roupa e peruca e deu certo. Steve Winwood cortou o cabelo, botou um terno Armani e deu certo. O Aswad — historico grupo de reggae londrino — trocou as roupinhas de camuflagem e o technicolor rasta por casacos de couro e Rolex de ouro, e deu certo. Dar certo, no caso, significa "vender". Se a musica se diluí, *these are another five hundred* como dizia Millor Fernandes.

E assim chegamos ao fenômeno da safra 88-89 na Inglaterra, o Bros. Até o fechamento desta edição, o Bros. configurava-se como o mais extraordinario caso de *vendido!* na historia do pop europeu (na América, fabricam dezenas de coisas do gênero por semana. No Brasil, o fenomeno Xuxa tambem é motivo de orgulho). Bros. não escreve suas próprias musicas. Não toca nos seus discos. Só *aparece* — em shows de TV, em playbacks ao vivo. São dois irmãos — Matt e Luke — e mais um outro coitadinho. Estes três garotos são fotografados extensivamente para *representar* o nome Bros. Ja andam se preocupando com credibilidade. Será a sua morte. Os dois irmãozinhos – bregas com banho de loja — não são Bros. Eles apenas *se portam* com Bros. Bros. é um design. E um *canal* através do qual flui um maremoto de *merchandising*. Este canal pode ser a coisa mais bem calculada até agora no pop para atingir um mercado que de geração a geração quer sempre a mesma coisa: o mercado de garotas adolescentes. Elas sempre querem a mesma coisa. So muda o cabelo, as roupas, o olhar e o ritmo.

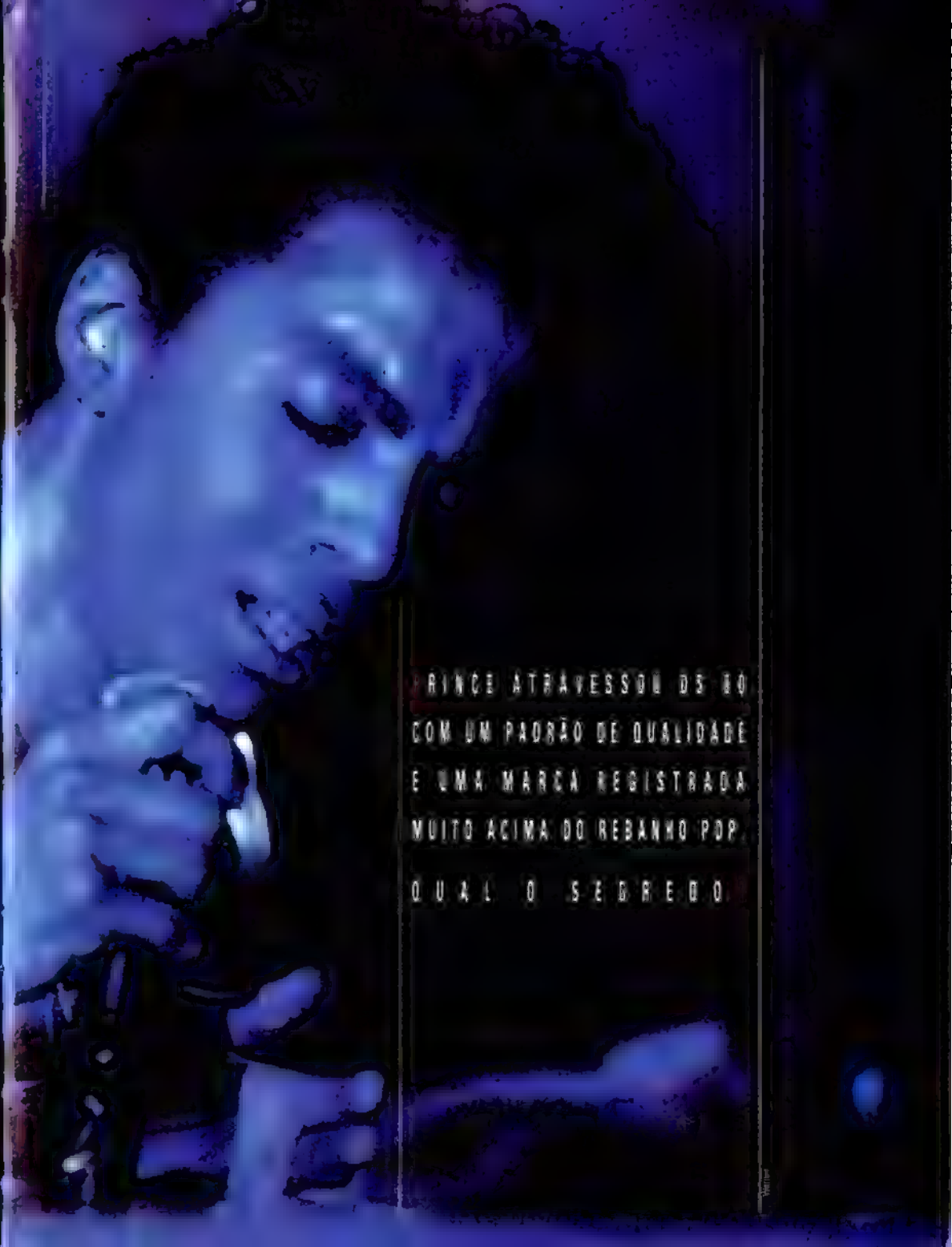
O responsável pelo fenômeno Bros. é um personagem gordo, suarento e podre de rico: Tom Watkins. Tem um diploma em Desenho de Interiores, é o homem que vestiu Wham!, Frankie Goes to Hollywood e Kim Wilde e é o *manager* dos Pet Shop Boys. Foi ele quem criou o "espaço" para os Pet Shop Boys comercializarem alguns elementos — inclusive a aura — do universo do New Order. É como se o New Order fosse um Jaguar e os Pet Shop Boys um MP Lafer com muito de fusca. O que fez Watkins com tres ondrinhos debilas para que a historia do pop começava com Kylie Minogue? Cortou seus cabelos, tacou fogo em suas roupas e lhes deu um nome.

Watkins é um personagem tipico entre aqueles que *fazem* o pop, aqueles que manufaturam o que você (leitor, ouve (ou é obrigado a ouvir em qualquer lugar). Watkins é um vulgar. Mas um vulgar alerta — por motivos comerciais. Qual é sua definição de musica pop? Não passa de uma idiotia elaborada.

Bros. é apenas mais uma coisa/nome/canal de *merchandising* em uma corrente interminável. Na idiotia elaborada do pop hipercapitalista, já não é o ponto falarmos de *vendido!* Se você, leitor, ainda mantém uma fe na ideia-chama Rock'n'Roll, esqueça do quadro atual: fique com seus vinis empoeirados ou compre Eddie Cochran em CD. Hoje, todos os discos pop tem o mesmo som. Por onde passa o fio que distingue o sucesso do fracasso nos Top Ten contemporâneos? E uma questão de design, de negociação, de pesquisa de mercado, e de quem souber se vender na hora certa para o publico certo. Mas, acima de tudo — quando todos se vendem para todos —, não e uma questão de talento: é uma questão de sorte.

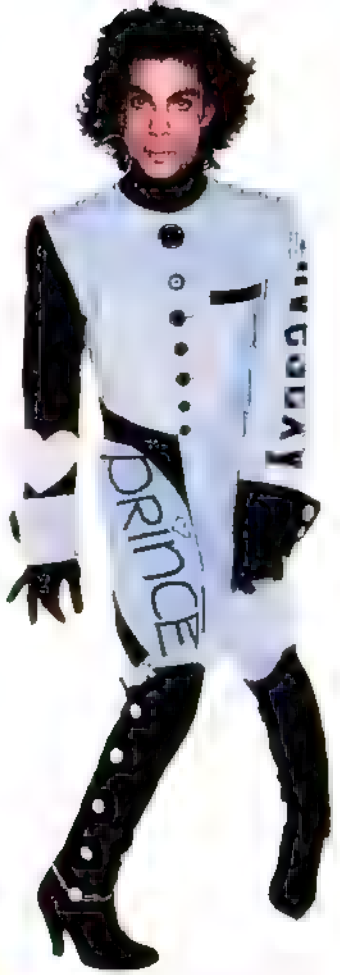


A SÍNTESE E O PERFECCIONISMO



PRINCE ATRAVESSOU OS 80
COM UM PADRÃO DE QUALIDADE
E UMA MARCA REGISTRADA
MUITO ACIMA DO REBANHO POP.

QUAL O SEGREDO



Enquanto escoam os últimos minutos da década, a imprensa musical do planeta parece estar firmando um consenso. Prince foi a salvação do pop dos 80, uma era em que a plastificação e a pré-fabricação — a "produção" no pior sentido do termo — ocuparam todos os espaços, vedaram todas as frestas e consagraram o videoclip.

Qual o segredo? Vários: o perfeccionismo maníaco, a habilidade em descer (quase) sem escorregar até o mínimo denominador comum, sem o qual não há música popular, e ascender outra vez até o casulo de sua auto-suficiência, de onde só sai se o jogo obedecer às suas regras.

O clichê jornalístico dos 80: Prince é um gênio. Falta completar: Prince é um gênio pop, espécie em extinção, e uma verdadeira anomalia. Não era o pop o terreno onde a genialidade não cabe, onde a sofisticação e a originalidade são espantadas dos estúdios e palcos a tiros por empresários, produtores e programadores?

Além do talento musical absurdo, ele tem o dom de passear impassível nesta corda bamba de alta tensão e cair de pé.

Não deve ser simples coincidência que — assim como ele — duas entre outras raras demonstrações de pop inteligente dos 80, New Order e Art of Noise, detestem entrevistas. Não só pelo fato da música falar por si mesma mas por suas sugestões infinitas e ilimitadas, linguagem sensorial abstrata, vaporosa — tudo isso que o videoclip aniquila ao "ilustrar" uma canção. Esse silêncio gera matérias muito mais interessantes que as próprias entrevistas de Prince — mesmo que nas duas últimas, para a *Musician*, em 83, e para a *Rolling Stone*, em 85 (esta publicada em BIZZ 5), ele se revele o suficiente para os mais ávidos e curiosos devoradores da vida pessoal dos que têm vida pública. Mas o silêncio gera longos textos, nos quais, em vez da tradicional pergunta e resposta, temos verdadeiros labirintos de interpretação e especulação.

No fim das contas, nem é mais necessário entrevistar Prince. Os últimos anos viram uma pequena enxurrada de biografias. *Prince: Inside the Purple Reign* de Jon Bream (Collier Books, 84), *Prince: Imp of the Perverse* (87), de Barney Hoskyns, e a mais abrangente *Prince, A Pop Life*, de Dave Hill (Faber & Faber, 88). Esta última vai de uma extensa apresentação de Minneapolis — sede pacata e de mínima população negra do "Reino Purpura" — a depoimentos das várias pessoas que uma vez colaboraram com Prince em algum projeto. Não há nenhuma entrevista com os que continuam trabalhando com ele: a primeira coisa que o "gênio de Minneapolis" exige é a assinatura de um contrato estipulando que a pessoa não deve jamais falar com nenhum jornalista.

O clichê jornalístico da década de 70: David Bowie é um "camaleão". Com sua série de mutações e metamorfoses, Bowie apresentou uma das poucas soluções para o desgaste até a saturação que derruba 99% dos ídolos pop nas gangorras da mídia. Foi uma lição básica que quase toda a classe dos 80 aprendeu. Madonna principalmente. Prince tem lá suas medidas de camaleonismo, mas prefere concentrar-se em sua música.

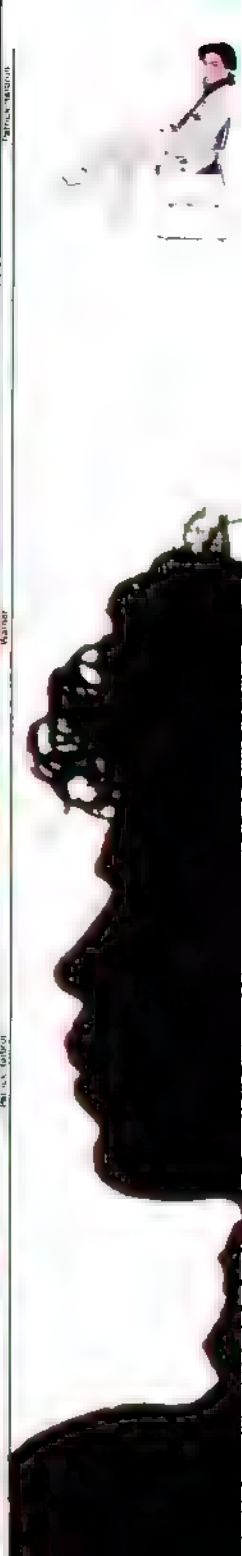
"E a não consigo acreditar / No que essas pessoas ficam dizendo / Será que eu sou preto ou branco? / Será que eu sou hetero ou gay? / Controversia."

Assim ele abre, sobre uma enxuta locomotiva techno-funk, a faixa-título de seu quarto LP, *Controversy* (81). Não existe carta de intenções mais explícita em suas obras completas. Cada vez mais densa, a faixa culmina no cântico: "Dizem que sou grosseiro / Eu queria que todos estivessemos nus / Eu queria que não houvesse brancos nem negros". Antes, porém, ele freia e começa a sussurrar o Pai Nosso. No lado um está a síntese de todos os "desvios" lapidados em *Dirty Mind*, seu antecessor (ver *Discoteca Básica* desta edição). Junte o lado dois de *Dirty Mind* com o lado um de *Controversy* e você terá o encontro definitivo de Prince com seu potencial bruto e sua fina obsessão pelo detalhe. Não à toa, na sequência viria o duplo *1999*, um dos favoritos do próprio Prince — e, com ele, o sucesso radiofônico a partir de hits clássicos como a faixa-título (lançada em compacto antes do álbum) e "Little Red Corvette". Daí para o estouro mundial — inclusive no cinema — com *Purple Rain* é um pulo, fabricado de sedução em massa. Interessante e instrutivo é acompanhar o ziguezague entre a busca do pop perfeito e uma constante soltura das amarras, fugindo das fórmulas consagradas para emplacar em rádio. Entre *Dirty Mind* e *Purple Rain*, há essa mão dupla que comprova ainda mais seu talento de compositor, arranjador e, principalmente, produtor. Um desejo ardente de conquistar o maior número de corações e — por que não? — discos de ouro e platina e ao mesmo tempo mostrar que é capaz de muito mais que isso. Sem esquizofrenia.

Seu primeiro empresário, Owen Husney — profissão publicitário —, conseguiu para ele um contrato bom demais para ser verdade (além de um adiantamento substancial, a liberdade para tocar todos os instrumentos e ser seu próprio produtor, algo impensável para um estreante), vendendo Prince como "o novo Stevie Wonder" e reduzindo sua idade para reforçar a imagem de garoto-prodígio que serviu de base para comparações com Mozart e o.

Um de seus primeiros parceiros, um inglês residente em Minneapolis chamado Chris Moon, tem sido várias vezes creditado como a fonte das letras inspiradas em sexo, sexo, sexo que mudaram a evasiva imagem pública de Prince com a canção "Soft and Wet" ("Macia e Molhada"), primeiro compacto de seu primeiro LP — *For You* (78) — e seu primeiro hit, ainda que só nas paradas específicas de música negra.

Dado o arranque, os dois caíram fora, descartados pelo próprio discípulo, e começou a ser erigida a entourage, o pequeno séquito que daria nos estúdios de Paisley Park, um complexo/usina produtor de discos, vídeos e filmes que — só pelas construções faraônicas de seus últimos shows — o está levando à falência. Mas é de se acreditar que ele não esteja nem aí, preferindo fazer samba e amor até mais tarde em seu templo de 48 canais.



Parabéns!

Pelo Disco de Platina.

ParaBizz

por mais
um ano de
sucesso.

Prince é uma enciclopédia de soul, rhythm n blues, funk, jazz, o que você quiser. Eis mais um dado que o coloca no vértice de toda a estirpe dos 80 com seus camelôs "pós-o-que-for" tentando validar sua perplexidade com referências, alusões, citações, griffes e colagens. A colagem de Prince não tem costuras aparentes, como esses frankensteins da cultura da massa. Nem colagem é, e sim a síntese daquilo que interessa, uma devassa hermenêutica que só aprende com quem tem o que ensinar. A controvérsia, a ambivalência entre sacro e profano, o ataque e o ritmo pelo ritmo em Little Richard são um bom ponto de partida. Quanto a Jimi Hendrix, ele diz que sua maior influência como guitarrista é Carlos Santana. O parafuso com o (superestimado) "deus da guitarra" vale pelo *crossover*, uma fusão pop que extrapola o mercado black. Nesse ponto, o sonho de Prince intersecta o de Michael Jackson. Numa das mais interessantes matérias dessa safra especulativa, publicada na *Musician* de novembro de 88 e intitulada *Prince Vs. Prince: Um Artista em Guerra Consigo Mesmo*, seu autor Steve Perry cita um produtor negro nos seguintes termos: "Eu realmente adoro Prince mas ele já não provoca nenhuma excitação nas ruas. Bem, eu sei, que ele não gosta de ser comparado com Michael Jackson, mas eles *são* as duas maiores estrelas negras que existem. E, com todos os seus problemas de imagem, Michael ainda excita os *b-boys*. Prince, não".

Quem conseguisse agora entrevistar o eremita por pura teima de começar fatalmente por *uma* pergunta talvez a única que interesse: O que será que ele representa para a brigada negra que milita através do rap e do hip hop, com seu glamour, sua utopia da orgia sem culpa, sua celebração irrestrita? Talvez ele respondesse com as mesmas evasivas de "Controversy": é só mais um pop star que não quer ser porta-voz de nada. Suas investidas em panoramas "políticos" como "Sign O the Times" acabam se esgotando em slogans e nas entranhas da vida contemporânea seu dever nada aos pregadores do rap, eis aí mais lenha para a fogueira das especulações. Seu forte continua sendo a utopia, com todas as insinuações de que qualquer tentativa de libertação passa pela sexualidade ("Sexuality" é o título da segunda faixa de *Controversy*, com seu refrão: "sexualidade é tudo que eu preciso"). Para grande alívio, eis enfim um letrista que dispensa a infantilidade dos versinhos de duplo sentido e vai direto ao assunto. Outra característica que o separa do rebanho sexo n rock n roll (Prince abomina *todas* as drogas, desde o vinho e a cerveja) é existir uma possibilidade de soltar instintos e impulsos sem traumas nem conflitos com a chamada "realidade". Freud detectou o problema, a incompatibilidade que nos faz neuróticos desde o berço. Prince quer ser a solução — e tem certeza de que Deus está do seu lado.

Fuck Art, Let's Dance! ("Foda-se a Arte, Vamos Dançar!") era o slogan do trio *two-tone* — ou o resgate inglês e "wave" do ska jamaicano. Poderia muito bem ser o slogan da década. Tanto na capa de *Dirty Mind* como na de *Controversy*, Prince exibe na lapela um bottom *two-tone*, quadriculado preto e branco, com a inscrição *Rude Boy* (referência aos garotos "malucos" das favelas jamaicanas). O que acontece? Todas as particularidades, as jamaicanas e as inglesas, se universalizam para, logo em seguida, ganhar uma só assinatura: a de Prince. Do mesmo jeito, sua enciclopédica bagagem musical acaba sendo um trunfo de originalidade. Dos babados aos bigodinhos, as baladas com violinos, aos trejeitos *camp*, aos gritos e sussurros de orgasmos múltiplos, ele volta e meia bota um pé em terreno *kitsch* e sai ileso. Ninguém sabe como... principalmente quando se lembra da guitarra que ejacula, em *Purple Rain*.

O flerte com o megaestrelato, no estouro dessa música título LP, da uma boa pista: ele jamais se fixa. O sucesso viria aval para a idiossincrasia. Os dois LPs posteriores — o "neo-psicodélico" *Around the World in a Day* e *Parade* — derrapam na curva de sua própria preciosismo e preciosismo. Ele mesmo admitiu, em rápida entrevista à TV inglesa, que, de todas as músicas desses dois discos, só gosta mesmo de "Kiss". E assim mesmo. Numa das mais cinzentas entressafras, irrompe uma obra-prima. Muita gente só percebeu que Prince era um caso muito sério a partir de "Kiss", e é possível descontá-los quando a maioria o conheceu através de *Purple Rain*.

Não se deve subestimar nunca o resgate de Sly Stone e George Clinton. O primeiro teve uma carreira das mais erráticas e, apesar de uma série de hits nos anos 60, viu a Motown lucrar muito mais com seu estilo, a principal influência do produtor Norman Whitfield em sua "psicodelização" dos Temptations. Ao lado de monstros como Bootsy Collins e Bernie Worrell, em duas bandas paralelas — Parliament e Funkadelic — George Clinton levou a folia funk de Sly Stone às últimas consequências numa série de discos brilhantes mas imperdoavelmente ignorados durante os 70. Em Prince essas duas tentativas de a utimação coletiva se cristalizam em fórmula de pop numa redenção mais do que necessária. Só que a adição de *Dirty Mind*, *Controversy*, *1999* e *Sign O the Times* não substitui o prazer de ter à escolha Sly & the Family Stone e o trio Parliament Funkadelic — essas edições nacionais ainda podem ser encontradas nos selos.

Depois do ápice atingido no monumental *Sign O the Times* — especialmente o disco dois, com "I Could Die For You" e "If I Was Your Girlfriend", uma das mais sublimes *love songs* de todos os tempos e talvez a mais provocativa —, a maturidade confortável de *Lovesexy* não deixa de ser uma decepção. "Tudo que alcança a perfeição está pronto para morrer", escreveu um certo filósofo, e a música pop segue essa lógica até as mais cruéis consequências.

Do topo de seu Olimpo privativo, ele sorri seu sorriso safado — todas as barreiras estão vencidas, todos dizem que ele é um "gênio" e todos querem sua "participação especial". Lá está ele no novo LP de Madonna, mas muito mais quente é seu presente para Chaka Khan, também em seu disco mais recente (*CK* — na faixa "Sticky Wicked", o encontro há muito anunciado e esperado com Miles Davis. Os Fine Young Cannibals foram até Minneapolis, e a peregrinação rendeu lucros e dividendos. Não conseguiram ser produzidos por ele só por seu engenheiro de som, David Z. mas a música em questão — "She Drives Me Crazy" — já é um dos maiores estouros radiofônicos de 89, com muito mais que uma vaga lembrança da estética principesca. Neste Olimpo está a encruzilhada entre a repetição e a surpresa, com uma agravante: agora o mundo inteiro espera para ver.

JOSÉ AUGUSTO LEMOS

Warner

Freud detectou o problema. Prince quer ser a solução e Deus está do seu lado

O meio ambiente precisa da sua ajuda para deixar de ser meio.
Se você realmente acredita que ainda é possível salvá-lo,
vai ser preciso transformar os próximos dias de sua vida
em defesa de um ambiente vivo e inteiro.
Meio, é muito pouco! Não suje, não mate e não desmate
Só assim nós chegaremos lá.

monark
VOCÊ CHEGA LÁ

NEAL X (S. S. SPUTNIK)

Na época do surgimento do punk, Neal X ainda estava na escola e escutava **Rolling Stones, Little Richard, Sex Pistols** e **New York Dolls.** Quando soube que Tony James, ex-baixista do Generation X, estava procurando um guitarrista para formar uma banda, ele topou na hora. O fato de não saber tocar não o abalou. Seus modelos como guitarrista eram **Marc Bolan, Keith Richards** e **Jimmy Page.** Antes de lançar o "projeto" Sigue Sigue Sputnik, a banda passou dois anos ensaiando, tocando rock dos anos 50: **Gene Vincent, Eddie Cochran** e **Elvis Presley.** Apesar do abuso de instrumentos eletrônicos no SSS, ele jura que gosta de rock'n'roll: Elvis, Led Zeppelin, Suicide, T. Rex e Small Faces, New York Dolls e Who. Conhece alguma coisa de samba e de ritmos latinos, mas não tem nenhuma intenção de utilizá-los no som da banda.

OSMAN SHOCK "MENSAGEM" (Hugo Kedyh)
"Brilhante! Muito interessante, muito africano. Não entendi a letra, mas não é importante. Grande ritmo. Eu compraria o disco, mas duvido que conseguisse encontrá-lo aqui em Londres. Se bem que isso está mudando, as pessoas estão ficando mais interessadas. Qual é o nome da banda? Vou anotar."

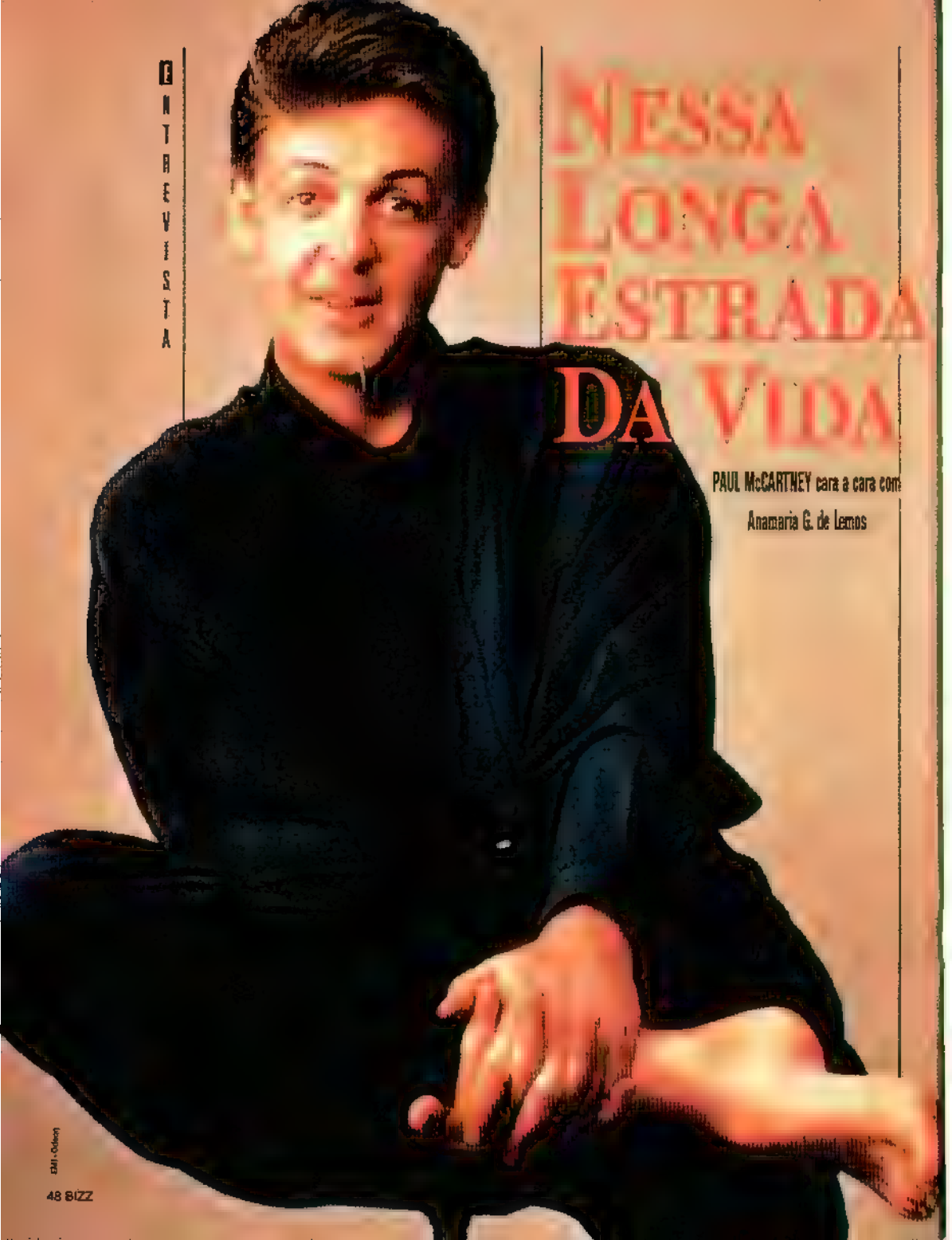
CREDO "O CREDO" (Cassius Franco)
"É interessante ouvir pessoas do outro lado do mundo fazendo discos que soam como se tivessem sido feitos em Londres! Só a letra e a voz são diferentes, mas soa como qualquer outro hip-hop. Eu dançaria esta..."

BETH CARVALHO "VESTIDA DE SAMBA" (Jotacê Marquinhos China)
"Parece a trilha sonora de algum filme. Gostei da batida e ela tem uma grande voz. Imagino que não deva fazer muito sucesso com o pessoal mais jovem. Posso me imaginar na praia ouvindo isso... Muito relaxante."

MARIA ANGELICA "SHYNESS" (Fernando Naporano/Maria Angelica)
"Não é exatamente o meu tipo de música. Tem um pouco de Beatles, um pouco de Cure, um pouco de Smiths... Tem muitas referências aí. É inofensiva, talvez um pouco comum demais. Muitas bandas inglesas fazem esse som e vendem bem, talvez porque as pessoas sejam jovens demais para terem ouvido os originais."

GAL COSTA "AS ROSAS NÃO FALAM" (Cartola)
"Vou chorar! Maravilhoso! Muito, muito bom. Não se fazem mais coisas assim na Inglaterra. Parece algo feito nos Estados Unidos, nos anos 50, por uma cantora negra. Grande música. É um grande prazer ouvir alguém cantando uma bela música, com uma bela voz, só com acompanhamento de piano. Eu gosto de ver os jovens tentando chegar lá, mas também gosto de ouvir algo assim, bem feito."

FELINI "TEU INGLÊS" (Cacão Lobato/Thomas Pappon/Ricardo Salvagni)
"Nós temos a mesma bateria eletrônica! Quando estávamos trabalhando com o Liminha, toda vez que nos queríamos usá-la ele dizia que parecia música de churrascaria. Esta música parece muito com as coisas feitas pelas bandas independentes inglesas, mas com elementos brasileiros, diferentes. Muito interessante. Gostei também da parte cantada em inglês. Não é um clássico, mas não é mau. Acho que a banda deve continuar fazendo sua própria coisa, tem futuro. Eu não sairia correndo para comprar o disco, mas acho que se ouvisse mais algumas vezes eu o compraria."



ENTREVISTA

NESSA LONGA ESTRADA DA VIDA

PAUL McCARTNEY cara a cara com

Anamaria G. de Lemos

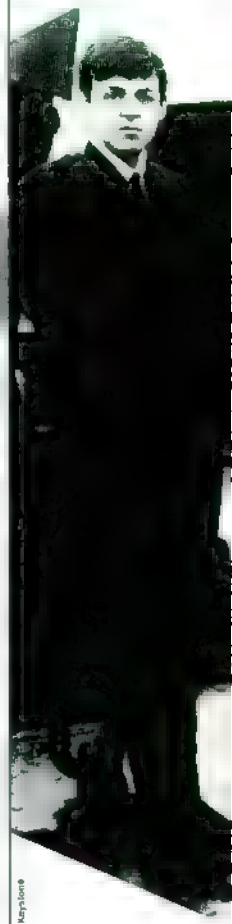
EMI-Odeon

Depois de tres anos de silêncio, Paul McCartney está de volta. Nao que o silêncio tenha sido total: em 87 foi lançada *All the Best*, uma coletânea dos melhores momentos pós-Beatles de McCartney, e no final do ano passado, com exclusividade na União Soviética, o disco *Choba B CCCP (Back in the USSR)*. Mas seu novo disco, chamado *Flowers in the Dirt* traz doze musicas inedita e conta com a participação especial (e decisiva) de Elvis Costello.

Encontro Paul McCartney em seu escritório no coração do Soho, em Londres. Antes de entrar, a secretária me avisa: "Quando Paul começa a falar, ele não para!" Mesmo assim, ele é uma surpresa. Depois de mais de duas décadas no *music business*, seu entusiasmo é inesperado. Nos instalamos num sofá e logo pergunto sobre a turnê mundial que está preparando.

"Vamos começar pela Europa. Escandinávia, talvez a União Soviética depois. Aí partiremos pelo mundo afora. **America do Sul, talvez?** "Acho que sim. Na epoca dos Beatles sempre nos diziam para não ir porque a segurança não era boa o suficiente. Agora eu conheço varias pessoas que dizem que é muito bom que eu devo ir. Uma das pessoas que estão organizando nossa turnê já trabalhou no Brasil, no Rio, e ele diz que é demais! Estamos pensando nisso.

Conte um pouco sobre esse disco lançado na União Soviética... "Bem, eu estava trabalhando de um modo mais generico, mas não estava cantando. Então decidi que precisava cantar com uma banda. Isso foi há mais ou menos um ano e meio. Eu falei para o meu empresario 'Será que podemos arranjar umas jam sessions em Londres? Arrume um lugar, telefone para as pessoas... um guitarrista, um baixista, um baterista, teclados... pessoas diferentes cada semana'. E nos pagamos esses musicos, . não era essa a ideia original, mas a realidade economica é diferente. Então, toda sexta-feira durante duas horas, eu vinha para Londres, pegava meu baixo e tocávamos qualquer coisa. Tocávamos velhos rock'n'rolls, principalmente as canções mais simples, de três acordes. Eu dizia para o guitarrista: 'quando eu balançar a cabeça, é seu solo'. Era muito, muito espontâneo e foi virando um grande prazer .. eu não via a hora de chegar lá nas sextas. Fez bem para minha voz. Como um atleta... fui treinando. Eu adorava essas sessões, e fizemos dez. Várias pessoas apareceram. Johnny Marr, dos Smiths, apareceu uma vez. Trevor Horn, com seu baixo, e Henry Spinelli, que tocava com o Eric Clapton. Varios tipos de pessoas. Eu estava gostando muito do que estava acontecendo e pensei: 'Deveríamos levar tudo isso para um estudio. A mesma coisa, poucas horas, so que vamos gravar. Vamos fazer como um jam session, em vez de passar horas tentando aperfeiçoar tudo, fazendo gravações muito técnicas. Vamos apenas tocar!' Fomos então para o meu estudio — eu tenho um estudio a umas duas horas de Londres — e eu disse: 'Ok, "Lucille"... e em dó, doze compassos. Quando eu balançar a cabeça, você faz um solo na guitarra. Quando eu balançar a cabeça na sua direção, você toca o piano'. E eles diziam: 'O quê?!' E eu dizia: 'É fácil. Nós somos homens crescidos, vamos conseguir... um, dois, tres, quatro...' E no final do primeiro dia havíamos gravado dezoito músicas. Mais rápido do que com os Beatles! Foi uma loucura! E no final do dia nos sentíamos demais... Fizemos a mesma coisa no dia seguinte, so que com uma formação diferente, porque eu queria tocar guitarra e então arrumei alguém para tocar baixo. Era um grupo totalmente diferente de pessoas. No segundo dia fizemos dezessete musicas. Aí passamos alguns dias mixando,e tudo estava terminado em uma semana. E tínhamos esse pequeno álbum de rock'n'roll. Aí eu tive uma ideia louca: lançá-lo como se fosse um disco pirata russo. Nós fariamos de conta que os russos haviam pirateado o disco. Uma ideia louca, mas nova, original. Nos escreveríamos para os russos dizendo: 'Nós sabemos que vocês não pirateraram o disco, mas esses ocidentais são brutas!' *(risos)*. Achei que seria muito divertido. Sabe, quando você começa no *music business*, tudo é diversão. Tudo parece louco, tudo é empolgante. Mas, quanto mais você faz, mais automático fica. Por isso é sempre bom ter uma ideia louca, você fica mais empolgado. Por isso fizemos esta proposta para a gravadora e eles disseram que não podíamos fazer discos piratas, seria uma loucura. E se alguém ligasse pra eles e perguntasse: 'É verdade que o Paul McCartney está fazendo seus próprios piratas? O cara está louco?' Eu fiquei decepcionado, a ideia parecia tão boa. Pouco depois meu empresario sugeriu que lançassemos o disco na União Soviética... e eu disse: 'Por que não lança-lo só na União Soviética?' Isso sim seria empolgante. Imagine o pessoal aqui perguntando: 'Quando é que nós vamos ter o disco?' E nós dizendo: 'Vocês não vão ter o disco; é apenas para os russos'. E, também, o Gorbachev e o Reagan tinham começado a conversar: as armas estavam sendo reduzidas. . não muito, mas um pouco. E eu vi isto com bons olhos. Nos estamos no 'Teatro da Guerra'. Se os dois gigantes resolverem brigar, nos somos o campo de batalha. A Europa é o 'Teatro da Guerra', como se diz por aí. Achei ótimo o Reagan e o Gorbachev estarem conversando, e achei que talvez pudessemos ter nossa pequena vitória. Lançar o disco na União Soviética seria como estender a mão, num gesto de amizade. Então fomos diretamente à unica gravadora russa, que é estatal, e acho que na União Soviética ninguém sabe como as coisas funcionam, acho que eles lançaram o disco em apenas duas lojas e venderam imediatamente cinqüenta mil cópias. Eles prensaram mais um lote, mas não sei o que aconteceu com ele. Eu sei que chegamos a número um... Só ficamos sabendo umas duas ou três semanas depois. Foi uma experiência interessante, e o principal foi que isso me levou a participar de um programa no radio, onde falei pelo telefone com várias pessoas na União Soviética. Foi bom porque começei a pensar neles como pessoas, em vez de 'russos'. Nós pensamos neles como se fossem uma espécie diferente; sei que é uma coisa horrivel para se dizer, mas é verdade. Mas eu conversei com muitos deles e são exatamente como europeus... 'Oi, Paul *(imita um sotaque russo)*, adorei



Kerylone

seu disco. Quando é que você vem pra cá?. Eles fizeram perguntas muito simpáticas e inteligentes."

"Sempre digo para os meus filhos que estou muito consciente de fazer parte da História. Nos anos 60, quando saíamos por aí gritando 'Paz' ou 'Direitos iguais para os negros', o que hoje em dia é aceito... não totalmente, mas muito mais... Martin Luther King ainda estava vivo. Então sempre digo aos meus filhos que é uma grande coisa, sentir que você é parte da História... nós podemos dizer que nos lembramos dele vivo, eles só se lembram dele morto, uma figura histórica. Por isso estou sempre muito consciente desse senso histórico, acho que é uma coisa importante no século 20. E tenho orgulho de fazer parte disso, não é todo mundo que tem essa chance. Como é que eu acabei tendo essa chance? Não sei, mas foi bom. De repente eu estava no rádio, conversando com essas pessoas, e me senti muito bem. Senti que não falta muito para a cortina de ferro cair..."

Somos interrompidos por um telefonema. Paul volta minutos depois: "Era a minha filha. Ela acabou de ouvir minha música nova no rádio!"

Você, voltando à turnê mundial, já escolheu o repertório? "Não. No momento a banda já sabe umas dezoito músicas. O interessante é que, quando eu comecei com os Wings, estava ainda tão perto do fim dos Beatles que era como um divórcio muito recente. E meu sentimento era de não querer ter nada a ver com isso. Então eu só tocava uma ou duas músicas que eu havia composto com os Beatles. Me sentia tímido. Queria material novo, queria botar os Wings pra funcionar e não me referir aos Beatles. Não queria viver à custa dos Beatles, queria ser capaz de chegar lá por mim mesmo... Mas agora já passou tanto tempo... vinte anos... Imagino que muitos dos seus leitores sejam mais jovens que isso! Agora eu gosto das músicas pelo que elas são, elas não me trazem más recordações dos Beatles. Por isso vou escolher algumas delas, principalmente aquelas pelas quais sou mais conhecido, como 'Long and Winding Road', 'Fool on the Hill', 'Let It Be', as mais 'McCartney'. Depois temos o material totalmente novo. Entre o material antigo e o novo, tem coisas dos Wings, como 'Band on the Run'. Há uns seis meses, eu sentei e pensei: 'Se eu fosse um fã, o que gostaria de ouvir?' E fiz uma lista de 35 músicas, a maioria coisas dos Beatles. Isso seria um show de duas horas! Tenho que diminuir a lista. Temos muito material. Vamos tocar várias coisas e ver o que soa melhor, porque às vezes algumas coisas soam bem em disco, mas não funcionam ao vivo, e vice-versa. Tudo isso nós vamos decidir mais tarde."

Você está feliz com o disco novo? "Sim. É a melhor coisa que fiz nestes últimos tempos. É claro que sempre tento fazer um bom disco, mas não dá para acertar toda vez. Este disco é bem interessante... A primeira faixa, 'My Brave Face', eu compus com o Elvis Costello. Vai ser o primeiro compacto. Me lembra um pouco uma fanfarra, com os trompetes. É uma boa música para abrir um disco, uma boa música pop. Foi muito divertido compor com o Elvis. Nos demos muito bem, ele é muito habilidoso, então foi fácil compor com ele. Quase sempre terminávamos uma música em um dia. Um processo indolor."

"'Rough Ride' foi feita com o Trevor Horn e Steve Lipson, e é uma coisa mais do tipo computador'. Há uma mistura interessante neste disco, coisas com computadores e coisas sem. 'Rough Ride' tem mais computador porque é assim que o Horn e o Lipson trabalham, nós completamos a música em dois dias, o que foi um recorde para eles. Normalmente demoram muito mais... levaram três meses para fazer 'Relax' com o Frankie Goes to Hollywood. Eu disse a eles que tínhamos que fazer a música rapidamente, eu não tinha tempo pra ficar trabalhando muito numa música, e ficaria entediado. Foi interessante para num vê-los trabalhando tão rapidamente... e foi interessante para eles também. Foi um intercâmbio. E gosto muito desta faixa, tem um bom *groove*."

"Depois vem 'You Want Her Too', também em parceria com Elvis. Quando estávamos fazendo esta, eu disse a ele: 'Era assim que eu e o John trabalhávamos! Eu cantava — está ficando cada vez melhor— e o John cantava – não pode ficar muito pior. O Elvis fazia algum tipo de comentário sarcástico em cima do que eu havia escrito, que era o que o John fazia. Os mesmos papéis... E eu disse para o Elvis que não sabia se podia continuar. Ele sugeriu que eu cantasse sozinho todos os versos. Eu cantei, mas não deu certo. Sempre parecia muito falso. Acabamos cantando juntos. Não me importo... Se soa como eu e o John, tudo bem. O John era uma pessoa muito forte para se compor junto. E o Elvis também é... Mas acho que não tão forte para parcerias, porque o John era um homem muito especial. Não existem muitas pessoas como ele. Você sabe... Não preciso explicar *(risos)*."

"'Distractions' é a seguinte. Pra mim, essa é meio brasileira. A idéia original era de uma música meio latina, suave, que me lembra um pouco o Brasil... Muito íntima, romântica. Eu conversei com o produtor em Los Angeles e disse: 'Vamos tentar uma coisa levemente brasileira e levemente jazz!' Não sei se os brasileiros vão achar que a música soa brasileira *(risos)*. Estamos trabalhando numa versão em espanhol... Eu sei que vocês falam português no Brasil, mas dá para entender. Estamos tendo problemas com a tradução, especialmente porque a palavra 'distrações' em espanhol não encaixa bem com a música. Eu adoro espanhol, aprendi na escola. Pode ser então que eu grave uma versão."

"Em seguida há 'This One', um pouco estranha. Eu estava compondo uma música sobre um homem conversando com uma mulher e dizendo: 'Se eu nunca te disse que te acho uma grande mulher, pelo menos eu tive a intenção'. É um sentimento que sempre tenho. Você passa pela vida e só quando você está se sentindo romântico é que você diz 'Sabe de uma coisa? Eu te amo'."

"'Don't Be Careless Love' é outra que compus com Elvis. Tem um significado especial para mim. É sobre alguém que está esperando outra pessoa chegar em casa, de noite, e dizendo 'Não seja descuidado', como um aviso. Acho que ligo essa música a crianças. Quando meus filhos saem e me perguntam a que horas devem estar de volta, tenho vontade de dizer: 'Oito!' *(risos)*. Mas você tem que ser generoso, apesar de estar com medo. Hoje em dia... é surpreendente que eu os deixe sair de casa em primeiro lugar! *(risos)*. É assim que me identifico com a música. No final, é um pequeno truque, ele acorda e ela está dormindo a seu lado, e ele diz 'A mente nos prega peças'. Típica 'nonsense' do Elvis Costello. Ele adora esse tipo de coisa. Nós dois gostamos dessas viradas no final de uma música."

"Depois tem 'How Many People', que compus quando estava de férias, e começou com um tema meio World Music. A letra diz: 'Quantas pessoas ficam em fila/ Quantas pessoas nunca têm uma chance de brilhar/ Se você puder responder, ouvirei com prazer/ Quantas pessoas morreram?'. E o refrão responde: 'Uma demais para mim'. Como John Lennon, Chico Mendes... homens bons que tiveram um fim triste, por razões políticas ou por causa de um louco. Quantas pessoas vão chorar, quantas pessoas vão morrer? Dedicamos esta música a Chico Mendes, porque ele foi assassinado logo depois da gravação e senti que era algo que devíamos mencionar. Não é uma música com grandes pretensões políticas... eu não escrevi para ele, mas a dedico a ele porque me parece correto. Imagino que seja um assunto muito discutido no Brasil, porque existem os dois lados da questão, mas aqui a coisa tem um só lado. Ele é indiscutivelmente um grande herói. Sou muito preocupado com ecologia e acho que grandes empresas como MacDonald's estão tendo um efeito muito grave no nosso planeta. Não só elas... os britânicos também têm culpa, com nossas fábricas mandando enxofre para a Alemanha e destruindo as florestas lá. Temos que parar com tudo isso: não só a destruição da floresta amazônica, mas também a emissão de enxofre, o aerossol. É uma loucura! Você pode sair na rua e perguntar a qualquer um se eles querem salvar a camada de ozônio. Só um louco diria não!, ninguém quer um buraco gigantesco no céu! Me preocupo muito com essas coisas, e por isso as menciono no disco. Na capa há um agradecimento a todas as pessoas que estão trabalhando para salvar o planeta. Há muita gente fazendo isso e quero que elas saibam que nós as notamos. Quero que as pessoas se conscientizem do problema, sem parecer que estou pregando. Ninguém quer saber de pregadores! Mas deve-se tentar achar um meio termo entre pregar e não dizer nada. Então dediquei a faixa a Chico Mendes. E também o título do disco, 'Flowers in the Dirt', é um pouco ecológico. É tirado da letra de 'That Day is Done'."

"E no CD há uma faixa extra, chamada 'Où est le Soleil?', uma música maluca que fizemos com Horn e Lipson. Trabalhamos nela durante alguns dias, e estávamos satisfeitos com a parte instrumental. Eu estava tentando escrever a letra e 'Valley Road' ('A Estrada do Vale') era uma coisa que sempre vinha à mente. Mas eu não estava gostando destas palavras. No final, o Trevor me perguntou se eu não tinha nada além disso. Eu disse que tinha uma coisa, mas era uma besteira: 'Où est le Soleil? Dans la tête. Travaillez'. E ele disse: 'Tente'. E essa é a letra completa da música. Uma coisa meio burra, mas gosto muito, gosto do fato da letra ser curtíssima. 'Onde está o sol? Na cabeça. Trabalhe.' ... Isso diz tudo! E o Trevor disse: 'É isso aí. Pode jogar fora *Valley Road!*'. E assim acabamos com uma pequena dança em francês."

O disco está repleto de participações especiais, e você já participou de músicas de outras pessoas como Michael Jackson. Como acontecem estas colaborações? "Bem, eu queria muito colaborar com alguém; é óbvio que, depois de ter trabalhado com alguém como o John, é difícil trabalhar com outra pessoa, seja quem for, porque ele era tão bom e tão especial. E acho que para ele também era difícil trabalhar com outro depois de mim. Nós éramos muito úteis um para o outro... era competitivo, mas útil. Compunhamos muito rápido, normalmente acabávamos escrevendo músicas boas e de vez em quando músicas muito boas. Era genial trabalhar num time assim, muito especial. É o tipo de coisa que só acontece uma vez na vida... Mas eu sempre soube que seria bom colaborar com alguém, apesar de ter medo... quem poderia suceder o John? Bem, trabalhei com o Michael Jackson, na sala aqui em cima. Nós nos sentamos e trabalhamos algumas noites nas músicas 'Say Say Say' e 'I'm the Man'. Gostei das músicas, mas achei que as letras não eram muito profundas. Gostei de trabalhar com o Michael, ele é cheio de energia e talento, é muito divertido. E trabalhei com Stevie Wonder, com quem fiz 'Ebony and Ivory'... mas essa eu compus sozinho."

"Quando começei a pensar em colaborar com outra pessoa, alguém sugeriu o Elvis Costello. Eu achei a idéia interessante, gosto do trabalho dele, é cheio de ironia. Decidi tentar... ele tem uma imagem meio séria, mas... aliás, esta foi outra coisa nele que me lembrou John. Eles têm várias coisas em comum. Uma delas é que os dois usaram óculos desde pequenos. Acho que isso modifica uma pessoa. Elas terídem a criar uma armadura contra o mundo. Na escola todo mundo tira sarro, então desde criança você tem que se defender da crueldade das pessoas. Senti que o John e o Elvis tinham atitudes semelhantes por causa disso. E, debaixo dessa armadura, os dois eram muito doces, simpáticos, com um grande coração. Quando o Elvis fala de música, parece tão sério! Eu gostava quando começávamos a rir e não conseguíamos parar... Eu li uma entrevista com ele, onde disse que trabalhar comigo foi como uma colisão de duas pessoas. John e eu éramos competitivos, Elvis e eu colidimos."

Quais são, na sua opinião, os pontos altos da sua carreira pós-Beatles? "'Maybe I'm Amazed' é uma das melhores músicas que já fiz. Engraçado, há um tempo atrás alguém chegou para mim e disse que essa era sua música favorita... e esse alguém era a Liza Minnelli! Nunca pensei que ela fosse dizer isso, achei que talvez ela preferisse 'Long and Winding Road' ou 'Yesterday'... Meu maior 'hit' foi 'Mull of Kyntire'... foi uma loucura. No Canadá, na Austrália e na Irlanda foi um sucesso enorme, são lugares com raízes escocesas. Eu achei bem estranho! *Band on the Run* é meu disco

"John Lennon, Chico Mendes... homens bons que tiveram um fim triste"

"Depois de ter trabalhado com o John, é difícil trabalhar com outras pessoas"

B4ZZ

NO ANIVERSÁRIO DA
REVISTA BIZZ A CONTINENTAL
ESTÁ DE VOLTA COM:

EM DISCOS E FITAS

predileto. E também *McCartney*, meu primeiro. É um disco especial para mim, porque eu e Linda estávamos recém-casados, nos descobrindo, era tudo muito excitante. Não que não seja excitante agora, mas o começo é sempre especial. Eu gravei esse disco na sala de casa: tem uma faixa, 'Lovely Linda', onde se ouve a porta abrindo. É muito intimo e pouco comum. Eu também gosto muito da musica 'Waterfalls'... e 'No More Lonely Nights'.

E a fase dos Wings, como foi? "Foi boa... o problema é que era quase impossivel suceder os Beatles. A única escolha que eu tinha, segundo várias pessoas, era me aposentar! Imagine, me aposentar, não tinha nem trinta anos! Não vou me aposentar até os noventa e cinco, talvez nem aí. Adoro trabalhar. Bem, foi difícil, mas decidimos ir adiante com a idéia. Eu convidei a Linda para fazer parte do grupo... foi mais por diversão, ter a namorada na banda, esse tipo de coisa. Fomos para os Estados Unidos e tivemos muito sucesso. Na época eu achava que não, mas isso foi porque eu estava acostumado com os Beatles. Nada podia fazer sucesso na sombra dos Beatles. Mas se você olhar para trás, agora, vai ver que nos demos melhor do que quase todo mundo na época... em termos de vendas de disco, shows, vendas de ingressos."

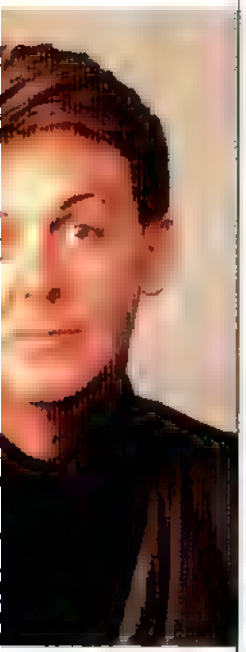
E o filme *Give my Regards to Broad Street*? "Foi um fracasso, *baby*! *(risos)*. Não teve muito sucesso... Vou te contar o que aconteceu: a idéia original era fazer um filme para a TV, com uma hora de duração, uma coisa em pequena escala. Começamos a fazer o que seria um filme muito bem fotografado, para a TV. E aí começamos a pensar que talvez ele devesse ser feito para o cinema. E esse foi o grande erro. Era uma coisa pequena, que tentamos transformar em algo grande. Para isso precisaríamos de um roteiro grande... por isso não foi um grande sucesso. Mas também não é ruim. Funciona bem na TV... então, voltou a ser o que deveria ter sido em primeiro lugar. Toda aquela coisa teatral do filme não foi uma boa idéia, mas gosto dele no sentido em que registrou a musica que eu estava fazendo na época. Quando você chega aos quarenta você percebe que não é mais tão jovem. Conheço gente que se preocupa porque tem vinte e cinco anos."

O que você acha de acid house, a recuperação da psicodelia que também estava presente em *Sergeant Peppers*? "É isso aí, cara! *(risos)*. Recentemente fiz um mix com um pessoal que trabalha com acid house... é *dance music*, e eu adoro *dance music*. Não sei dançar muito bem, mas adoro. Acho que o acid house é uma fase. Acho interessante essas diferentes fases da música... quando o punk aconteceu, eu estava lançando 'Mull of Kintyre', uma balada escocesa! Eu não reagi ao punk, simplesmente passei batido por ele. Não sei se acid house é assim, mas sinto que é apenas outra fase."

Você foi influenciado por todos esses diferentes contextos pelos quais já passou? "Eu não deixo que eles me influenciem conscientemente, mas eles acabam me tocando inconscientemente. Por exemplo, eu gosto de alguns discos de rap. É muito moderno, americano, negro, musica das ruas. É tão empolgante quanto *break dancing* no começo... A primeira vez que eu vi alguém dançando *break* eu pensei 'Como é que eles fazem isso?', e três semanas depois pensei, bocejando, 'Por que é que eles fazem isso?' *(risos)*. Essas coisas me influenciam, mas pequenas partes delas. Tento não deixar que me influenciem. É como ser influenciado pelos Bay City Rollers... de repente você está usando calça xadrez, e no ano seguinte você parece um idiota *(risos)*. Mas algumas coisas acabam entrando na minha cabeça. Eu gosto do bumbo que tem nos raps. Eu gosto das coisas técnicas. Eu nunca faria um disco de rap, apesar do Trevor Horn ter tentado que eu fizesse uma faixa. Ele me disse 'Olha, esses rappers só falam de como eles são os melhores, de como eles são o máximo... imagine você fazendo um rap, dizendo que você já fez mais musicas do que todos eles, que você é o maior!' *(risos)*. Seria divertido, mas não, muito obrigado. Você tem que resistir a estas tentações. O mais perto que cheguei disto foi outro dia, numa entrega de prêmios... não conseguia pensar num discurso de agradecimento, e então fiz um rap de agradecimento. Caiu bem... não conseguia acreditar no que estava fazendo! Quando andava até o microfone pensei: 'Seu idiota, o que você pensa que vai fazer?' Mas não resisti... foi divertido."

Olhando mais para trás, como você vê as diferentes transições dos Beatles, de *rockers* em Hamburgo ao pop na fase com Brian Epstein, e depois a virada para a sofisticação de *Revolver* e *Sergeant Pepper*? Essas mudanças foram intencionais, ou apenas aconteceram? "As duas coisas... é a história de quatro garotos amadurecendo. Me lembro de um dia na estrada, quando o carro quebrou. Estávamos no meio do inverno e ainda faltavam duzentas milhas até Liverpool. Alguem perguntou 'E agora, o que vamos fazer?' E alguém da banda respondeu 'Pode deixar, alguma coisa vai acontecer'. Era essa a nossa filosofia, 'alguma coisa vai acontecer'. E sempre acontecia, sempre aparecia algo para nos levar até o ponto seguinte. Éramos quatro garotos de Liverpool que não sabiam muito. Porém não éramos burros. Éramos bem espertos. Essa foi uma das coisas que nos distinguiu de outros grupos. O John estava na faculdade de artes, eu e o George freqüentávamos escolas boas, e o Ringo... bem, ele nunca foi à escola! Ele sempre foi um personagem engraçado. A história da vida dele é mais engraçada do que qualquer coisa que ele tenha feito no palco. Quando ele tinha três anos, os médicos disseram que ele não viveria muito tempo. Ele tem milhares de cicatrizes na barriga, quase morreu. Por isso ele mal foi à escola. Toda vez que alguém mencionava o assunto, ele dizia 'Só consegui ir três dias!' *(risos)*. O resto do tempo ele passou no hospital. Mas ele é esperto. Universidade da vida, como ele costumava dizer. Mas nós quatro éramos bastante inteligentes. E a maioria dos grupos na época não era muito educada. Hoje em dia há muitas pessoas com uma edu-

"É melhor legalizar as drogas do que ter um mercado negro"



cação muito melhor do que a que tivemos, gente como Peter Gabriel. Mas na época éramos diferentes, tínhamos um visual diferente, então as coisas aconteceram de maneira diferente para nós. Viemos de Liverpool para Londres, e amamos Londres. 'Swinging London'... nós ajudamos a fazer essa cidade virar 'Swinging London'. Em Hamburgo éramos mesmo *rockers*. Aqui em Londres tivemos que fazer coisas diferentes, como trabalhar na BBC, trabalhar com a gravadora. Então tivemos que evoluir, desenvolver outras coisas. Depois disso saímos em turnê e finalmente fizemos muito sucesso nos Estados Unidos, e tivemos que nos adaptar a isso. Quando voltamos para cá éramos realmente famosos, a primeira banda inglesa a ter sucesso nos Estados Unidos. E nos tornamos ainda mais famosos que as bandas americanas. De uma certa maneira, maiores ainda que Elvis Presley. Eu sei que ele e o Coronel Tom *(empresário de Elvis)* estavam preocupados por nossa causa, eles se sentiam ameaçados. Em seguida, paramos de fazer turnês e passamos um tempo no estúdio. E aí aconteceu todo o psicodelismo dos anos sessenta, que nos influenciou um pouco."

"Era sempre uma questão de desenvolvimento e adaptação a essas diversas fases de nossas vidas sempre tentando lidar com a fase nova, tentando tirar o máximo de cada uma delas."

No Brasil, e talvez no resto do mundo, após a separação dos Beatles, você ficou com a reputação de ser frio e calculista, o mais comercial, o que mais pensava em dinheiro. Qual é a sua versão dessa imagem? "Bem, eu não penso mais em dinheiro do que os outros Beatles. Eles todos pensavam muito em dinheiro. O John tinha um apartamento no Dakota, e sete casas espalhadas pelos Estados Unidos! É só uma imagem. Eu tenho essa reputação, mas nunca morei numa casa tão grande quanto as casas onde os outros Beatles moravam. Eles tem mansões, vivem como lordes. Minha casa tem dois quartos! *(risos)*. Sou muito diferente da minha imagem. Eu me dei muito bem, é claro, fiz muito sucesso, e esse tipo de coisa sempre chega aos jornais. Eles tentam adivinhar quanto dinheiro eu ganho, e estão sempre além da realidade. Numa certa época, o John tinha sete mansões nos Estados Unidos. Eu nunca vivi assim. É tudo uma questão de imagem. É porque o John saía por aí cantando 'Give Peace a Chance', usando jeans... essa era a imagem dele. Aliás, me lembro do Paul Weller, do Style Council, reclamando para mim do John: 'Como esse cara pode cantar 'Imagine no possessions', quando ele tem tantas?' Mas é claro que as pessoas não tem que ser tão coerentes assim. O George mora numa casa enorme. O Ringo até recentemente morava numa casa de cinquenta cômodos. Tudo uma questão de imagem, do que os jornais falam. É difícil para mim, porque às vezes tenho que tomar uma decisão: passo o resto da minha vida me justificando, me explicando, ou simplesmente deixo eles pensarem o que quiserem? Agora isso faz parte da minha imagem o que posso dizer? E eles dizem que eu era mau, eu simplesmente diria *Fuck off*. Mas o que posso dizer hoje em dia? Inventam histórias estranhas a meu respeito. As pessoas desconfiam muito de gente que se deu bem na vida."

Me fale um pouco da imagem do John Lennon... e que imagem você acha que as pessoas mais jovens podem ter dele? "Obviamente, ele virou um mártir, um santo. Acho ótimo, era um cara maravilhoso, lindo. Ele mudou o mundo, e acho justo que seja adorado. Eu o conheci intimamente e, mesmo depois de todos os problemas que tivemos, ainda posso dizer isso dele. Poderia te contar mil coisas dele, todas suas falhas humanas, se eu quisesse destruir o mito... Naturalmente, por causa do modo pelo qual ele morreu, é isso o que as pessoas mais jovens vão lembrar, como o James Dean. A coisa toda se modifica, o mito fica ainda maior. Mas ele merece, era um grande humanista, um grande compositor, um grande artista. Fico feliz de ter sido a pessoa que trabalhou com ele. Eu sou Paul McCartney! *(risos)*. Tenho que me lembrar disso ocasionalmente! Sei como foi bom estarmos juntos, como nos ajudamos mutuamente, o quanto ele contava comigo. Foi provavelmente uma das pessoas mais incríveis que já conheci. É bom que ele seja lembrado. Não me importo que as pessoas exagerem um pouco e digam que ele foi mais do que realmente foi. É natural que isso aconteça."

"Se alguém diz para mim que eu e o John não fizemos nada de importante, digo: 'Olhe, ele escreveu 'Give Peace a Chance', e essa foi a música que todo mundo cantou na frente da Casa Branca, e uma semana antes da guerra do Vietnã terminar. Isso não é importante? Podem dizer que é apenas uma música. Mas é uma música muito importante! 'All you Need is Love' foi outra música importante... elas representaram uma esperança para muitas pessoas. A coisa com os Beatles foi... bem, nós podíamos ter feito coisas más. Nós podíamos ter virado Hitlers, nós tínhamos esse poder sobre as pessoas. Podíamos ter dito: 'Agora voltem para casa e botem fogo em tudo'. E acho que algumas pessoas teriam obedecido *(risos)*. Mas se você olhar para a história dos Beatles, vai ver que apesar do flerte com drogas e outras coisas, o que queríamos passar para as pessoas era paz, amor, bondade."

Nos anos 60 você, entre outros, participou de um abaixo-assinado pedindo a liberação da maconha. Qual a sua posição hoje em dia? "Ainda tenho a mesma posição. É melhor legalizar drogas do que ter um mercado negro. Prefiro não falar sobre drogas hoje em dia porque tenho quatro filhos e o problema é que, se alguma coisa que eu disser virar manchete pode adquirir um sentido diferente. Não me importo com o que os outros fazem, com suas vidas, mas com meus filhos é diferente. Eu diria a eles para não se envolverem com drogas, inclusive calmantes e remédios para emagrecer. Se você quer ter uma vida boa, não se envolva com alcool, maconha, coca, crack e, obviamente, heroína. Tento dizer isso a meus filhos de uma maneira sensata. Mas tenho uma atitude bem aberta. E, afinal, se tudo o que fiz tivesse sido tão terrível assim, eu não estaria aqui'"

▸ S.O.M . P.O.R.T.Á.T.I.L . P.H.I.L.I.P.S ◂

PHILIPS

SE PRA VOCÊ SOM É UMA VIAGEM,
OLHA AQUI SUA BAGAGEM DE MÃO.

É pegar e não largar. Som Portátil Philips. Os aparelhos na medida certa para você curtir o maior som. Seja onde for.

▸ **COPY RADICAL** • O som radical do jeito que você curte • Com Duplo Deck • Continuous Play • Copy • Rádio com 3 Faixas de Ondas • Saídas para Fones • Controle Automático de Gravação

▸ **DOUBLE SOUND MACHINE** • O dobro de emoção com Duplo Deck Soft touch • Continuous Play • High Speed Copy • Caixas Acústicas Destacáveis • Equalizador Gráfico com 5 Bandas • 4 Faixas de Ondas

▸ **SOUND MACHINE** • O som que se joga em você • Deck com Comandos Soft touch • Caixas Acústicas Destacáveis • Rádio com 4 Faixas de Ondas • Saídas para Fones • Controle Automático de Gravação

▸ **SKY MASTER** • O som que é uma parceria o seu corpo • Com FM estéreo • Headphones de Alta Qualidade • Controle de volume independente • Clip para cintura

▸ BEM-VINDO AO FUTURO BEM-VINDO À PHILIPS ◂

PALAVRAS EM PUNHO

Rap funciona em português? Thaíde e DJ Hum levantam a voz para provar que sim

E[illegible] Big Bang [illegible] mericana, à noite André Jung repassa algumas das gravações do futuro LP de Thaíde e DJ Hum. O disco traz faixas lentas e dançantes, raps hardcore só com scratches, colagens e voz, e faixas lotadas de instrumentos. A lista de convidados é especial: além dos produtores Nasi (que faz alguns vocais) e André (responsável pelos programas de bateria e a maioria das percussões acústicas), participam ainda Scowa e James Muller (Mafia), Fuba (Chimica), Kuru, Marcio Werneck e Beto Firmino (Fabrica Fagus), Bokato, Gaspa (também do Ira!) e Marcel do Preme. Esses e outros tantos começaram a circular pelo estúdio a partir do fim de março. A dificuldade de encaixar o horário de estúdio com a agenda de André e Nasi — que nesta noite, por exemplo, partem para uma turnê do Ira!, dez dias em Santa Catarina — tem feito com que as gravações se realizem em ritmo de *slow dance*.

Thaíde e DJ Hum não possuem conhecimentos técnicos. Isso não é uma grande dificuldade para o trabalho, Marcelo do Preme explica, brincando, como eles se en[illegible] dum". A tarefa dos produtores tem sido, justamente, traduzir o desejo dos heróis desta matéria em notas, canais e equalização. Ao som de "Consciência", um rap cheio de disposições, Thaíde irrompe no estúdio armado com uma guitarra, imitando a *mise-en-scène* do AC/DC.

Thaíde começou a fazer rap "de brincadeira. Eu colocava uma música e inventava uma letra em cima. O rapper falava 'Kurtis Blow', eu dizia 'no meu show'. Vão entrar duas músicas que eu fiz assim no disco, mas hoje eu não componho mais desse jeito". Ele veio de Vila Missionária, em Diadema, cidade da Grande São Paulo. "Eu fui uma vez lá, cara. Para voltar só com colete à prova de bala", conta DJ Hum. "O pessoal de onde eu moro gosta de curtir rap, mas não vão fundo. Eu tenho certeza [illegible] da população de uma favela qu[illegible] coisa musicalmente, artisticamente, eles [illegible] bem. A vida que se leva numa favela, num lugar perigoso, é a vida que se leva na televisão. Para sair na rua de uma favela à noite tem que ser artista, porque não pode demonstrar medo. Assim, se o pessoal fosse fando... Tem que batalhar, é lógico, mas eu acho que vai dar certo, porque o pessoal é inteligente, não é burro como todo mundo pensa. Por exemplo, eu estudei [illegible] a terceira série. Só sei escrever, e pouco [illegible] nha letra é horrível. Só que tem um proble[illegible] eu tenho cabeça boa para fazer letra de música. Eu danço break, que é a dança mais difícil que já apareceu. Eu [illegible] com toda essa burrice, essa ignorância que o pessoal fala, consegui chegar onde estou".

Hoje, fora da periferia, ele mora no bairro de Vila Mariana, na sede do DJ Clube (associação que promoveu o recente concurso de DJs), e grava um disco num estúdio que fica no Alto de Pinheiros, região das mais valorizadas de São Paulo. O que [illegible] disto? [illegible] gente mora é foda. Uma [illegible] para um cara, uma mulher e uma [illegible] a polícia [illegible] para o estúdio. Nada é igual para todos", considera DJ Hum.

Thaíde e DJ Hum se conheceram na época em que DJ Hum discotecava na danceteria Achote, no Ibirapuera. "Eu desci para o banheiro e lá estava um neguinho com óculos escuros, tipo barata, e uma puta duma caça-pizza, olhando para mim. Tipo 'vou roubar esse cara'. Ele tinha a maior pinta de ladrão". Um dia ele descobriu que Thaíde e sua turma cantavam rap num inglês meio misturado. Thaíde disse que queria fazer um rap e ele topou. "Ele cantou uma [illegible] dio. O pessoal acabou batendo palmas, parecia um show. Eu disse: 'do caramba!'".

A parceria só veio acontecer mais tarde, por sugestão do Nasi. DJ Hum havia sido convidado pelo pessoal do Ira! para participar da festa *My Baby*, que reuniu rappers, DJs, breakers e curiosos em geral para um fim de semana [illegible]. Ele conta que se surpreendeu [illegible] esse [illegible] rock", ou seja, André e Nasi foram [illegible] e deram o apoio [illegible] para a [illegible] produzindo sua primeira demo. O começo foi [illegible] habituais, só que com dois agravantes. [illegible] hip hop brasi[illegible]. Tinha [illegible] cultar. Algumas vezes [illegible] chamavam mas colocavam outras pessoas [illegible] nosso lugar e nem nos avisavam. Outras [illegible] e pagou transporte do próprio bolso". Estes e outros acidentes de percurso até viraram um rap, "Problema". A única reclamação de Thaíde é em relação às "pessoas que [illegible] está na boa, ficam nos [illegible]".

O panorama [illegible] MC Who, do Credo [illegible] dos rappers paulistas [illegible] da-los a integrar a coletânea *C[illegible] de Rua*, com Credo, Código 13 e MC Jack. O lançamento do LP abriu as portas da imprensa e do público para o hip hop. "A gente foi bem recebido do interior ao underground. Não tinha aquilo que a gente pensava: se você faz som black, só vai ser bem recebido pelos blacks". O disco revelou um Thaíde crítico e preocupado com a temática social, a exemplo de seus grupos prediletos, como Public Enemy, Boogie Down Productions e Ice-T. "O rap é uma música como o rock, onde o pessoal fala da vida deles — de amor, festas, tênis novos... Eu posso dizer que sou preto, só que todo mundo já sabe que eu sou preto.

"Não é que precise mandar uma mensagem falando das coisas que acontecem de errado aqui no Brasil, mas é que o governo é tão idiota, tão ignorante, que a gente tem que fazer alguma coisa para eles entenderem. Eu odeio esse governo." DJ Hum radicaliza: "Eu gostaria que São Paulo fosse cortado do país. Pô, o estado é maior que o Japão".

As letras do LP solo com certeza continuarão refletindo esta consciência aguda de quem veio da periferia. Thaíde [illegible] dá uma prova: "[illegible] tive um [illegible] fala do Cláudio, um camarada meu, gente fina. Ele queria gravar um disco; ele cantava rap em inglês. Tudo o que ele juntava por aí, metade ele aplicava para gravar o disco. Só que ele andava em más companhias. Um dia, uns camaradas chegaram na casa dele e levaram ele para dar uma volta... Ele disse para a mãe dele que dali a meia hora estava de volta. Só que os caras levaram ele para uma quebrada e deram um montão de tiro e facada nele. Deixaram ele lá mesmo. Foi aí que pelo fato dele gostar de rap... Ele tinha dito uma vez que, quando gravasse o disco, ele não ia esquecer da gente. Aí eu fiz uma homenagem a ele... (*emocionado*). Tem 'Consciência', que é uma mensagem. Conta a história de um cara que cheira cola. Tem 'Minha Mina', uma música romântica com batida rápida. É um go-go..." O estilo é "*def*", que é onde você pode mandar ver. Você não tem que escolher as palavras para poder falar", resume Thaíde. DJ Hum completa: "Mas no nosso disco tem de tudo, *inclusive* guitarras de rock. A gente foi criado no subúrbão sem esse papo de rock. Você mostrava uma guitarra fadidona para um black, pelamor de Deus, o cara saía correndo".

Tudo mudou? "O sonho da gente era gravar", diz DJ Hum. Thaíde completa: "Não vencemos ainda, mas já alcançamos cinquenta por cento da vitória".

MARCEL PLASSE

PROFISSÃO DE FÉ: ROCK'N'ROLL

Entre o novo LP dos Inocentes e a estrada traçada por eles até agora, há uma linha vigorosa, difícil de ser quebrada, reforçada sempre com as duras lições que os velhos e novos tempos trazem

"A chávamos que uma banda iria mudar o mundo, mas uma banda não muda o mundo. E quando a gente falava em mudar o mundo, era mudar mesmo, literalmente... O punk mudou muita coisa no Brasil. Eu vi! Antes de sair *Grito Suburbano (coletânea de 1981)* e depois... Embora não tenha provocado uma mudança profunda, teve uma conseqüência, todo mundo virou banda, três, quatro anos depois me abre o Madame Satã e, oh!, o underground está na moda! Todos aproveitaram uma coisa que já estávamos vivendo há... quantos anos?... nem sei mais. Todos se encheram de dinheiro. E nós não ganhamos nada com isso".

"Eu uso cabelo curto e preto desde que me conheço por gente. Hoje o preto saiu de moda e continuamos usando preto. Depois a moda voltará e continuaremos usando... Este tipo de mudança um movimento musical é capaz de causar. Já uma mudança política é difícil, porque são as pessoas que têm de mudar... Agora nós sabemos — não vamos conseguir transformar isso aqui num mundo anarquista. Mas continuaremos batalhando por outros meios. E tem mais: estamos a fim de divertir a molecada que está atrás de diversão rock n'roll". Este é o desabafo sintético de Clemente, um dos primeiros rockers brasileiros desta década.

A estrada traçada pelos Inocentes tem paralelo com a chuva de insatisfação gerado pelos descaminhos do rock nos meados dos anos 70. Para reencontrar o básico uraram das prateleiras empoeiradas preciosidades dos anos 50 — Jerry Lee Lewis, Eddie Cochrane, Elvis Presley — e dos anos 60 — MC5, Iggy Pop —, em busca de energia e simplicidade. Até que chegou o punk, cuja identificação não se restringiu apenas à música.

Depois de treze anos, eles vem confirmando o mito do eterno retorno e os velhos discos voltam aos pick ups, junto com a mesma sensação de solidão. E ainda pior — hoje nao há mais *turma*. Clemente puxa da memória e compara. "Antigamente tinha aquele lance de ser rocker, um estilo de vida mesmo. E você montava uma banda porque não conseguia viver sem uma banda. Naquela época tinha aquela coisa bonita, ideológica, romântica e, de repente, virou tudo um negócio só. Não importa mais se você é independente ou não — está todo mundo a fim de vender disco. Hoje neguinho fala para vender disco, se aproveita da prisão para vender disco, se aproveita de ser drogado para vender disco".

Como algumas bandas, eles tentam manter — a um custo nem sempre modesto — uma ideologia extra-música em seu trabalho. De todas as bandas que fizeram parte do festival do Sesc Pompeia em 1982, *O Começo do Fim do Mundo*, foi uma das poucas a sobreviver e a única a conseguir ingressar numa multinacional. Isto causou um certo mal-estar no meio do qual vieram — não era difícil ouvir, por volta do lançamento de *Pânico em SP* (primeiro LP pela WEA) que eles tinham perdido o gás, se vendido etc. Certos ou errados, inocentes ou não, os quatro garotos do suburbio se defendem, comparando seus vinis lançados até hoje e colocando os devidos pontos finais nas interrogações ainda existentes quanto à honestidade de seu trabalho. "Quando éramos moleques, fazíamos aquele tipo de música porque, além de gostarmos, tinha a ver com o meio em que a gente vivia. Tinham os punks, uma postura de movimento que a gente gostava e estava a fim. Mas isso não significa que não tínhamos ouvido ou que não ouvíamos outros estilos. Com o decorrer do tempo, as coisas foram mudando ao nosso redor — o movimento foi decaindo e tivemos que assumir uma postura de banda. A partir daí tivemos mais liberdade para tocar coisas que não tocávamos naquela época e que também tem a ver. Mas se você ouvir *Miséria e Fome* que é a fase mais hardcore, uma paulada só, e *Pânico em SP*, vera que este último é uma contaminação de *Miseria* , e *Grito Suburbano*. Não queremos ir para o hardcore, que foi um movimento de explosão. Tudo, para nós, tem a ver com o momento que estamos vivendo".

Este é o momento do novo LP *Inocentes*, já colado por parte da crítica como um dos melhores do gênero este ano. Um feito nada impossível para quem já enfrentou toda a artilharia decorrente de casamento difícil como este, entre punk e indústria fonográfica. Clemente continua: "Por exemplo, tem uma música nesse LP que se chama 'O Homem que Bebia Demais', inspirada na história de Robert Johnson, um blues man dos anos 30 que tomava todas. Isso é uma coisa que tem a ver com a gente — o lado pessoal, de criar em cima de personagens... O que estamos fazendo é power rock porque deriva da energia. Não é punk porque é um pouco mais trabalhado, mas não é rock porque não é tão trabalhado assim (*risos*)... Tocar mal não é sinônimo de ser punk, fudido, como pensa muita gente. O MC5 tocava para caralho e fazia um som que eu gosto para caralho. E nossas influências são mais ideológicas — nos influenciamos mais pelo posicionamento da banda do que pelo som em si. Gostamos de psychobilly, rock n roll, coisas até da música popular brasileira, quando era feita de forma decente no Brasil. Por exemplo, 'Pesadelo', do Paulo César Pinheiro (*constante do LP anterior*, Adeus Carne). Já tínhamos uma versão dela desde os tempos dos Condutores de Cadáveres (*primeira formação dos Inocentes*). So que, naquela época, não tocávamos porra nenhuma (*risos*)! Mas curtíamos os discos. Nos encontrávamos com a turma da Carolina (*bairro da periferia de São Paulo*), pegávamos uma música do Geraldo Vandré e achávamos do caralho, pela história do cara e tudo o mais. Isso numa época em que ainda estava censurada, saca! Então, tem coisas que já rolavam mas que vão aparecendo com o tempo, quando você consegue tocar aquilo que você quer".

Pode parecer estranho a produção ter ficado a cargo de Frejat, do Barão Vermelho. Clemente ironiza os detratores: "Iamos chamar quem? O Roberto Carlos?" Ronaldo (*guitarra*) aproveita a deixa para fazer uma lembrança: "A gente queria o Iggy Pop, mas a gravadora não pagou". Clemente retoma, explicando aos interessados e duvidosos: "Sabe, o Barão Vermelho nunca foi uma banda que me incomodou, tipo, blargh, que merda! É uma banda que sempre foi rock'n roll e nunca falou que era new wave, que era não-sei-o-quê, Police, aí virou reggae... Porque teve uma febre, uma época em que todo mundo era new wave: os Ronaldos, 'oh!, rock, to à toa' loquio' (*risos*). O Barão, não. Nunca negaram suas influências. Rolling Stones, *blues bands*, até hoje são assim. Achei isso legal. A gente não os conhecia, só o Ezequiel Neves, que uma vez foi a um show no Circo Voador e achou *demais* a hora que eu falei pau no cu de Deus' no meio da música 'Não à Religião'. Naquela época eu nem imaginei que ele nos apresentaria para a mídia, porque eu queria que todo mundo se fodesse. Bem, demos um show no mesmo Circo Voador no ano passado e o Clínica abriu. Então, como eles estavam lá, toda a WEA também compareceu (*risos*). E o Frejat veio falar com a gente, trocamos idéias, achamos legal e ele falou que estava a fim de produzir uma banda."

O que há de significativo em *Inocentes* — além do trabalho em cima de várias referências e ritmos, sem parecer *fusion* oportunista, climas dentro de uma roupagem completamente rock n'roll — é a regravação de "Garotos do Suburbio", um clássico não apenas para a banda, como para toda a turma que hoje se encontra espalhada pelos quatro cantos do Brasil. As evidências não negam: o movimento punk começou e terminou na periferia. Por quê? Saudoso, entristecido, mas firme e ainda sonhador, Clemente relembra: "Para mim foi um choque quando acabou o movimento punk — eu acreditava em todas aquelas pessoas que estavam ali. Passei um ano da minha vida bebendo todas por causa disso. Me senti sem pai nem mãe. Estamos agora na WEA mas o que notamos é que não passamos de quatro garotos do suburbio. Não sei quem disse por aí que o rock é originário da classe média, porque precisa de uma produção, dinheiro para instrumentos e não-sei-o-quê. Isso é uma bobagem.

Minha primeira guitarra era de madeira, não afinava e no show era uma perdição! Mas você acha que eu ia parar de fazer rock por causa disso? E já pensou se a gente conseguir ganhar bastante dinheiro fazendo essa barulheira? É uma piada, eu vou rir pra caralho se isso acontecer".

Não estamos na Inglaterra", se ressente, ainda, Clemente. "Lá ha um auxílio-desemprego para você se sustentar e começar a batalhar arte. Aqui no Brasil é foda! A cultura está na mão da classe média e está mesmo. Muitos daqueles garotos poderiam estar aí produzindo, mas não. Outro dia eu estava aqui no estúdio e vi o Raul Seixas entrando — uma sido urado da UTI por Marcelo Nova, que cuidou dele e botou o cara para produzir. Isso é uma vergonha! É ridículo o que o Brasil faz com seus artistas. Pô, ele é parte da história do rock no Brasil. Isso tudo é foda! E depois de dez, quinze anos, você encontra seus velhos amigos, como aconteceu no show do Iggy Pop, que desenterrou um monte de neguinho, falando, 'Ah, essa eu não perco!'... Bem, é por esses caras, por nós mesmos, que regravamos 'Garotos do Subúrbio'. Nos não vamos desistir. Mesmo que a gravadora dispense a gente, mesmo que tenhamos de voltar a ser independentes, mesmo que eu tenha de voltar a trabalhar num banco e fazer rock no fim de semana. Temos um papel importante aí nesse meio e vamos segurar essa onda".

SIMONE MARIA

Ricardo Salgado/Folha

Uma das bandas mais importantes dos anos 70, responsável pela ascensão do funk e popularização do movimento *black power*, a carioca **Black Rio** poderia se reunir novamente, porém com duas perdas lamentáveis, o guitarrista Claudio Stevenson e o seu líder fundador, o saxofonista Oberdan Jr., já falecidos. A banda se separou em meados de 84, logo após a morte de Oberdan, deixando três LPs: os instrumentais *Maria Fumaça* e *Gafieira Universal* além do derradeiro *Saci Pererê*, que inaugurava vocais. Os outros integrantes — Barrosinho (trompete), Jamil Joannes (baixo), Cristovão Bastos (teclados), Lúcio (trombone), todos da primeira formação e mais Paulinho Black (bateria) e Ulysses (vocal) — são os articuladores do retorno, que tem total adesão dos viciados em funk.

Enquanto isso, **Paulinho e Ulysses** continuam com a **Banda 747**, fundada pelo baterista no início de 86. O nome foi escolhido pela rapidez do referido avião, semelhante ao ritmo de trabalho — em apenas duas semanas ensaiaram um show com músicas inéditas. Tocando aqui e ali acabaram gravando, em 88, O LP *Banda 747* pelo selo Recarey, no qual incluíram uma versão mais funkeada de "Expresso 2222", de Gilberto Gil. E foi através desta cover que **Luiz Melodia** se interessou em produzir os rapazes. Completam a formação da 747, **Marcos Nabuco** (guitarra), **Marcos Cunha** (baixo), **Papi** (teclado) e **Zero** (percussão).

ADRIENA CALABRIA

Após a implosão do Divergência Socialista, o incansável **Marcelo Dolabela** vem agitando, nos últimos meses, o grupo **Mad Marx**. Fora o trocadilho infame, o projeto propõe uma sonoridade basicamente eletrônica, explorando áreas onde a acid house e a escola atonal parecem encontrar um absurdo denominador comum. Além de temas próprios, como a serialista "Arco e Flecha de Chumbo", o Mad Marx traz como carro-chefe de seu repertório um medley de "Opinião" (Zé Kéti) e "Prá Não Dizer Que Não Falei das Flores" (Geraldo Vandré), numa levada hip hop que mistura, ainda, citações da "Internacional" e de "As Quatro Estações" de Vivaldi! Além de Dolabela, os responsáveis por tais atrocidades são **Walter Jr.** (teclados, sequenciadores e drum machine), **Alexandre Gallo** (baixo) e **Virginia Nigro** (vocal).

ARTHUR G. L. DUARTE

Fabiana Figueiredo/Arq.

Luiz Vidal/Arq. Azul

Os garotos do **S.A.R.** apareceram nestas páginas em novembro de 87, numa das seleções de fitas enviadas para a redação. Quase um ano após, lançavam *Join the Mess or Leave the Town!* pela Devil Discos. Com letras em inglês — "pela sonoridade da língua e pelas bobagens que falamos" —, trabalharam basicamente no terreno psychobilly, estilo que mais se aproximava da filosofia sonora e temática — "sexo, diversão e álcool" — dos integrantes. O destaque ficou por conta da produção, que incluiu vários ruídos sampleados, e pela descontração das apresentações ao vivo. Por essas e outras, começaram a frequentar os programas alternativos de FM e a programação normal da 107,3 *Brasil 2000*, uma das poucas boas opções no dial paulistano. Para a próxima metade do ano, eles prometem um novo LP, talvez duplo, sendo um dos discos ao vivo e outro só de covers, indo de Bo Diddley a Duran Duran. Na atual formação estão **Luiz Fernando** (bateria), **Niki Nixon** (vocal), **Duda Rat** (guitarra) e **R. Rick** (baixo). Aos interessados em decifrar a sigla S.A.R., podem ficar com a versão original — Soviet American Republic —, ou com as "n" variações que a banda inventa dia a dia, como Sex, Alcohol e Rock n'roll, Síndrome da Angústia Respiratória, Salgadinhos e Alfajores Recheados, Saudosos Amigos do Rockabilly.

MARUSA ADAN GIL/SÔNIA MAIA

Algo de diferente rondava as noites e FMs de Salvador. Sem ter um espaço para agitar e mostrar seu folego há dois anos, as bandas de rock encontraram no underground Paris Lauro, no Rio Vermelho (o mais boemio dos bairros da cidade), um bar e um point perfeito para embalarem as noites de sexta-feira. Mesmo sem tocar nas rádios, uma nova e velha leva de garage bands como **Dever de Classe, Trebinka, Gang Bang, Doutrina Decadente, Cravo Negro, Ramal 12, 14.º Andar, Via Sacra, Faróis Acesos, Elite Marginal** e **Flores do Mal** tem conseguido lotar o espaço (cerca de 250 pessoas) e adrenalizar todas as tribos, dos adeptos da pop music ao hardcore. Para se solidificar ainda mais, o bar está passando por reformas e, na volta, promoverá uma coletânea reunindo cinco bandas, ainda não definidas, pelo selo independente Avata.

Se o rock volta a viver dias de agitação, o mesmo não acontece com a música afro-baiana-caribenha. Passado o boom surgido a partir de 1986, as vendas caíram assustadoramente e o percentual do gênero nas programações das FMs que ainda o tocam não representa nem metade do todo, sem falar que não há mais espaço para a inclusão de fitas demo. O sonho acabou? Talvez não, mas parece que nada será como a euforia de antes.

MAGAMENON SANTOS

Rosa Gauditano/Arq. Azul

Bastaram apenas quinze dias para as bandas paranaenses sentirem o sabor da vitória. Esse foi o tempo que a coletanea *Cemitério de Elefantes* — com **Beijo AA Força, Idolos de Matinée, Bons Garotos Vão Para o Inferno, Pos Meridion** e **Tessália** — levou para sumir das prateleiras das lojas. O lançamento do disco se deu graças à ousadia da independente Vinil Urbano. *Cemitério de Elefantes* ficou um ano na gaveta. Quando saiu, Beijo AA Força, formado por **Rodrigo Barros** (vocal), **Luiz Ferreira** (guitarra), **Renato Guge** (baixo), **Ghetto** (sax) e **Mola Jones** (bateria) viu seu sonho se transformar em realidade com "Homem de Ferro" e "Diario de um Palestino". Já os Idolos de Matinée, com **Debora Daroit** (teclados e vocal), **Fernando Amaras** (baixo), **Amândio Galvão** (guitarra) e **Daniel Schimidt** (bateria), entraram com "Vamos Separar os Estados Unidos da América" e "O Inimigo". Os Bons Garotos..., escalados com **Sergio Merlim** (teclados), **Norton Laval** (vocal), **Rodrigo Machado** (guitarra) e **Danilo Silveira** (baixo) apareceram com "Nunca Adormeça" e "Alice Não Mora Mais Aqui". A Pos Meridion, formada por **Jean Hansel** (bateria), **Samuel Ferrari** e **Paulo Acid** nas guitarras e **Alexandre Benato** (baixo e vocal), compareceram com "Saudade" e "Senhor dos Senhores". Fechando o vinil o Tessália, com **Luciano Cordoni** (vocal), **Dado Guimarães** (guitarra), **Rogério Cordoni** (bateria) e **Fernando Fricks** (guitarra,

FERNANDO TUPÃ

Arnaldo Alves / Azul

*Antes de começar a falar da ultima bateria de fitas que chegaram à redação, gostariamos de dar um aviso. Para facilitar nosso trabalho, pedimos que as informaçoes minimas necessárias — nome das musicas da banda, telefone para contato e integrantes — venham anotadas no próprio K-7 ou em sua caixa. Papeis avulsos tendem a se perder, por mais cuidado que tenhamos. E a desgraça recai, inevitavelmente, sobre nós. Como desta vez, onde um dos destaques, **Spyazul,** não foi localizado porque os dados devem estar no limbo. Estes fazem um rock basico, calcado na fina flor dos anos 60 e final dos 70. Rock com corpo, bom vocal, execução redonda e uma das melhores guitarras que já apareceram nesta coluna, com forte influencia do Who e Jam. O outro destaque vai para **The Pin Ups,** um trio paulistano que já vem chamando atenção nos guetos onde toca. Simples, porem nervosos, fazem um rock de boa simbiose acid entre Doors e Jesus and Mary Chain. O **Om,** banda de Presidente Prudente (SP), também já andou pelos palcos desta capital. Experimentalistas com convicção — ao contrário do **City Limits,** de São Vicente (SP) —, parecem funcionar melhor ao vivo que em gravaçoes, como atestaram os garotos do Vzyadoq Moe presentes ao show. **Buana 4** (banda do ex-Barão Vermelho Marcelo Barros), se entrega ao funk. No capitulo hors concours, destaque para o velho escriba e roqueiro **Ayrton Mugnaini** e sua nova edição de K 7s Brega Pega e Viva Las Bregas, paródias homenageantes ao estilo, mantendo o clima que sempre caracterizou seu material, ou seja, mais caseiro impossivel. As demais — **Exito** (Boa Vista, SP), **Republica dos Anjos** (BH), **Banda Revolusom** (SP), **Casa Forte, O Bando** (Jaboatão,PE) e **Estado Interessante**(RJ)— têm ainda muita poeira e feijão a comer. E o ultimo recado vai para a cidade de Lapa, no Paraná, onde o **Zeppelin de Chumbo** enfrenta serias dificuldades "por fazer um som sem bombacha e não ser Engenheiros do Hawaii", como eles dizem em sua carta. Vale a pena abrir os ouvidos, moçada!*

SÔNIA MAIA

Eles tiveram um avanço consideravelmente rapido em relaçao a outras bandas novas. No fim de maio, saiu o primeiro LP, **A Barata Oriental,** um grupo fora do normal, vem de Novo Hamburgo, cidade famosa por seus sapatos e proxima de Porto Alegre. Para **Nenum** (vocal), **Carlos** (guitarra), **Sting** (baixo) e o novo baterista **Sapiranga,** esse avanço nao é espantoso. A alguns minutos do seu primeiro show no Bar Ocidente (especie de templo gav-vanguardista-calhorda de Porto Alegre), eles não se mostravam nervosos nem preocupados com as implicações de um album. Como sempre, cumprindo a tradiçao germanica de sua cidade de origem, encharcavam-se de cerveja. Tudo começou há pouco mais de um ano. Uma fita demo foi parar na produção da Rádio Ipanema FM. Logo, A Barata era hit, com musicas como "Eu Não Quero Virar Couve Flor" ou "Deus, o Céu Pode Cair". Com a formaçao atual, eles se trancaram nos estudios Eger e gravaram material para um disco de dez faixas, incluindo os hits citados. Independente,o LP saiu com produção assinada pelo Replicante **Wander Wildner,** que se apaixonou pelo grupo e uniu-se a eles nao apenas no estudio, como nas cervejas e shows, de câmera em punho, registrando um rock de caracteristicas sessentistas.

JIMI JOE

Adriano Azul

Marcelo Lara Hi, Imagens

*A **Devil Discos,** responsavel, até então, pelos lançamentos de punk e heavy metal, se prepara para investir, depois do S.A.R., na primeira coletanea de rockabilly brasileiro. A primeira versão virá com **Big Trep** (Rio de Janeiro), **Kães Vadius, K'billys** e **Kriptonita,** as três de Santo Andre. Para o segundo vinil ainda não estão definidas as bandas. Portanto, interessados podem procurar Chicao, r. 24 de Maio, 62, loja 343/345 SP/Capital. Para os amantes a proxima edição trará uma materia completa sobre o crescimento do estilo no Brasil, suas tribos e bandas.*

*Os gauchos **Colarinhos Caóticos,** eleitos em terceiro lugar na categoria Revelação pela BIZZ este ano, estão com nova formação. Saíram Alvaro (teclados) e Leandro (bateria). No lugar deles entraram **Pól** (teclados e vocal, ex-integrante do Apartheid) e **Black Panther** (bateria, ex-Prize), que completam o time junto com os veteranos **Egsito** (vocal/guitarra) e **Beltrão** (baixo).*

SÔNIA MAIA

SONIC YOUTH

Eles tem estado em todos os lugares ultimamente: cartazes de rua, capas de revista e até como atração principal do *South Bank Show*, um programa de artes na TV inglesa. Mas a banda está longe de ser uma novidade. Kim Gordon (baixo e vocal), Thurston Moore (guitarra e vocal) Lee Ranaldo (guitarra) e Steve Shelley (bateria) já lançaram nove LPs. O mais recente é o *Whitey Album*, sob a encarnação de Ciccone Youth, contendo versões de "Into the Groove" e "Addicted to Love", de Madonna. O programa mais quente da semana era o show do Sonic Youth, e por isso o salão do Kilburn National estava lotado.

Nada melhor para nos preparar do que o show de abertura do Mudhoney. Com seus cabelos compridos e riffs pesados, eles poderiam ser os filhos musicais de Iggy Pop. Não é à toa que na noite anterior se juntaram ao Sonic Youth para uma versão estraçalhante de "I Wanna Be Your Dog". Hoje se abstêm de tais excessos e são particularmente brilhantes quando tocam "Touch Me, I'm Sick" (música deles mesmos que foi lançada em compacto pelo SY). Para terminar, o vocalista/guitarrista Mark Arms se atira na platéia e volta milagrosamente inteiro.

Quando Kim Gordon e Thurston Moore aparecem no palco para arrumar o equipamento, alguém ao meu lado grita: "Estou apaixonado". E compreensível: Kim Gordon é a figura feminina mais fascinante do rock. Somos então afogados nas ondas de barulho de "The Wonder".

Esta noite a banda se concentra nas músicas de *Daydream Nation*, o último LP. Os vocais de Kim em "The Sprawl" e "Kissability" são roucos, gritados e crus. "Teenage Riot" é um convite ao *stage diving*, logo aceito por alguém que se aventura a subir no palco e é imediatamente retirado pelos seguranças, para infelicidade dos músicos. "Madonna, Sean and Me" (do LP *Evol*) vem numa versão quase irreconhecível.

O Sonic Youth ao vivo é uma distorção do Sonic Youth em disco: no palco eles são mais pesados, a microfonia está ainda mais presente e tudo pode acontecer. E acontece, como quando Kim quase arrebenta as cordas de seu baixo com uma baqueta. Aqui tudo que seja barulhento, thrash e energético está valendo.

Talvez a característica mais surpreendente destes "adolescentes de 30 anos" seja sua total simplicidade. Com essa fórmula, intoxicam e chacoalham cérebros, nos levando ao êxtase. Saio do Kilburn National sentindo que minhas células cinzentas foram total e irremediavelmente desarranjadas. Acho que as prefiro assim. É de fazer qualquer um deixar o cabelo crescer e comprar uma guitarra.

OS REPLICANTES

Depois de anos e anos sem uma apresentação individual em solo paulista, os Replicantes desembarcaram no AeroAnita e provaram que não são apenas uma banda clássica do Sul, mas do rock brasileiro desta década. Primeiro pelo público que foi recebê-los, diferente dos *habitues* da casa, e segundo pelo repertório, que misturou os próprios clássicos da banda às novas canções mais clássicas de sua cidade natal — como "Sandina", de Jimi Joe, e "Só Mais uma Chance", constante do último LP, *Papel de Mau*, e do repertório de uma das primeiras bandas sulistas desta safra, O Urubu Rei. E, ainda, outros possíveis clássicos da nova geração gaúcha, como é o caso da Barata Oriental, aqui homenageada com "Albert Einstein". Mas isso não é tudo.

O termo clássico cabe aqui não apenas porque os Replicantes começaram sua carreira completamente enriquecidos no rock simples e eficiente, cujo *punch* eles mantêm até hoje, tanto pela atuação do vocalista Wander Wildner — um capítulo à parte — quanto pela força e litros de suor que a banda joga do palco para a platéia. O termo se avaliza, antes, pelo tipo de ação e reação que desencadeiam, só possível a quem já comeu muita poeira pelas estradas do rock'n'roll., trazendo alguma verdade ao supermercado de modelitos no qual enfadonhamente desfila o rock brasileiro de conhecimento público. Vejamos por que.

O show de quinta-feira, em alguns aspectos mais fraco que o de sexta — som baixo, corda do baixo quebrada no meio do show etc. —, abriu com Wander apenas se atendo à guitarra, sem tocar no microfone até a quinta música, todas do último LP — "Minha Vizinha", "Negócios à Parte", "Frankenstein Bonito" e "Papel de Mau". Assumiam os vocais até então Carlos Gerbase (bateria) e Claudio Heinz (guitarra). Foi impossível conter a frustração, porque ambos, além de deficientes vocalistas, não chegam nem aos pés da presença enlouquecida de Wander. Mas quando soavam os primeiros acordes de "Astronauta" Wander já havia desempunhado a guitarra, e os que já estavam desistindo de assistir ao show ficaram. E a orgia não parou mais. Uma energia que fez saltar todas as suas veias do corpo, aliada a um sorriso de êxtase estampado o tempo todo num rosto que lembra muito o de Shane MacGowan, dos Pogues. Chegou a ensandecer até os casais mais comportados, que não resistiram e se entregaram ao pogo junto a alguns remanescentes punks e outros tantos pretendentes a. Para os mais pornográficos, as atenções iam para a lateral direita do palco, onde a antitecladista Luciana Tomasi exibia seu generoso e saltitante colo enquanto dançava de forma anacrônica, feito boneca replicante. Teclado não é um instrumento que, a princípio, combine com o som desta banda. Mas Luciana soube achar timbres e intervenções que transformam em despudor qualquer possível fim ornamental do martim.

A presença de Heron Heinz (baixo) foi outro ponto hilário — ele foi o responsável pelas dicas e mensagens ininteligíveis, pontuadas, às vezes (quando percebia que não se fazia entender), por alguns arrotos. Wander, lá pelo meio do show, deu o boa-noite e avisou: "Nós somos o Lulu Santos".

A festa teve seu fim na sexta-feira com a platéia cantando saudosa e em uníssono o hino "Surfista Calhorda". Um coro que fugiu para o espaço, dado o vigor das gargantas. Sem seguir nenhum *script*, os Replicantes fizeram um show na quinta e outro na sexta, mudando repertório, incluindo e excluindo canções e atuações de palco.

Este foi um dos únicos eventos de comunhão dos amantes do rock'n'roll — artistas e platéia — que o AeroAnita assistiu. Eles tiraram a virgindade da casa mais até que seus conterrâneos do DeFalla. Resta salientar, ainda, que São Paulo está perdendo seu pioneirismo — este show chegou com no mínimo um ano de atraso. Culpa dos empresários e produtores paulistas, mais do que nunca voltados para o *mainstream*, pouco se importando com o que virá quando a fonte esgotar suas águas — se é que já não esgotou.

SIGUE SIGUE SPUTNIK

Diversão foi a palavra-chave do primeiro show em terras brasileiras do Sigue Sigue Sputnik. Do começo ao fim, e mesmo antes das cortinas se abrirem, entre a moçada presente no local (maioria esmagadora de jovens na faixa em torno de menos de vinte anos) a diversão era um fato. Por conta dessa força extra, o show rendeu mais.

A banda entrou em cena sob o espocar de flashes e gritos da pequena multidão, enquanto o vocalista Martin Degville soltava um "Boa noche Rioooo!". Num palco despojado demais, até para uma banda que se intitula "o futuro do rock" (uma grande piada, isso sim), o SSS teve que suar a camisa de verdade, já que não teria apelos visuais para distrair o público.

Trajado como um mocano futurista e parecido com um travesti de show de boate barra pesada, Degville mostrou simpatia e mais gogo do que se imaginava. Ele deve ter ficado impressionado com a recepção da platéia e, por isso, tratou logo de se descontrair e brincar com o público da frente. Em volta dele, os guitarristas Tony James e Neal X, como clones de alguma coisa entre Eddie Cochran e Chuck Berry extraterrenos, tocavam aqueles mesmos acordes afiados, que marcam o som do SSS, sem mexer parte alguma do corpo (fora os braços).

Atrás, suprindo a falta da parafernália que "engana" durante os shows europeus, Ray Mathew e Chris Kavanaugh atacavam, cada um numa bateria, lembrando os bateristas do Adam & The Ants. Enfeitando o palco, a atraente e curvilínea "perua" Yana Ya Ya, fingindo tocar seu teclado e apertando botões como se fosse uma Gillian Gilbert extravagante. No todo, o som estava muito bom. Graves e agudos no lugar certo, efeitos em estereofonia e clima alegre.

Para animar mais ainda a festança, a banda não poupou os novos hits para o final e atacou logo cedo com "Success" (a mais conhecida do novo LP) e fez a casa tremer. Com a platéia nas mãos, Degville aproveitou e passou a pedir palmas, gritos etc., o que era prontamente respondido com "yeahs", seja lá o que fosse que dissesse. Tudo era festa. Aliás, o público presente estava andando para os estardalhaços e u-uus que cercam o grupo desde sua formação. O principal é que estava lá no palco aquele grupo que toca na FM favorita, se veste engraçado e faz dançar.

A banda não se fez de rogada e apresentou cada hit em pontencial. "Rio Rocks" (com melodia salada chupada de "La Bamba") e "Jayne Mansfield" (uma das melhores do novo LP) foram alongadas, tiveram espaços para as palmas e tudo o mais. Porem, vale notar como as novas composições perderam para as antigas. Não fosse o público radiofônico, o show teria sido uma meia-bomba. No primeiro *encore* aconteceu o auge da noite: foram apresentadas "21st Century Boy" (referência a "20th Century Boy" de Marc Bolan e T-Rex) e "Love Missile F1-11", a música que levou o SSS às 150 mil cópias vendidas no Brasil (e só aqui).

No final, fica a impressão de termos degustado um pastel de vento retro-futurista, onde o passado e o presente do rock se transformam numa projeção de futurismo *fake*. Gostoso no momento, mas totalmente esquecido minutos depois.

BON JOVI

O fato de a MTV ter patrocinado a turnê *New Jersey* reforça a posição de Bon Jovi como uma banda eminentemente visual. Impulsionada por clips ágeis e atraentes, abandonou a subcategoria de "banda de aquecimento" para Kiss, Ratt e *ZZ* Top e passou a fulgurar no topo das paradas. Nos shows, as canções — ganchudas, decerto mas nada incomuns — são mero acessório de uma *mise-en-scène* hiperativa, espetáculos pirotécnicos e trucagens circenses. A música não é necessariamente o objetivo mas um instrumento para a diversão.

O Bon Jovi não é só um astro de rádio — apesar de figurar com freqüência nas FMs Top 40 — mas um produto, estruturado de maneira que a TV tem todas as prioridades. Quando começou a ser mais visto do que ouvido, o Bon Jovi reativou sua carreira, até então medíana, e passou a ser um dos estandartes da atual personalidade da MTV. A banda entendeu as virtudes de se cultivar uma legião feminina de videomaníacas e, assim, abocanhou toda uma fatia do mercado que estava dormente ou subaproveitada.

A imagem da banda é tão importante que a revista *Rolling Stone*, numa recente matéria de capa, gastou todo o filão da reportagem — as lutas mais nobres — falando do cabelo do vocalista John Bon Jovi, como se isso fosse o detalhe mais relevante e revelador de toda a história. Esse foco sobre a imagem não deixa de ser uma armadilha. Por causa de clips recheados de ação, o grupo precisa redobrar sua movimentação no palco para não parecer meramente humano.

O Bon Jovi exercita todos os exageros possíveis e imagináveis, confortavelmente ambientado às gigantescas dimensões dos ginásios, bombardeando os sentidos com decibéis glicosados e explosões de fogos de artifício, excitando os hormônios da ala feminina da platéia e lançando bravatas machistas que a mulherada devora com apetite. John Bon Jovi pula no público logo na terceira música com sua colante calça de couro negro, deixando pouco de sua anatomia para ser imaginado, e percorre alguns metros no meio do público cercado por doze seguranças que mal conseguem conter as meninas. O machismo da banda é enciclopédico. O baixista se pavoneia com uma camiseta onde se lê: Me chupe e depois cata fora". Em "You Give Love a Bad Name" desce do teto uma enorme passarela metálica que atinge todo o ginásio, e John, Richie Sambora (guitarra) e Alex Such (baixo) partem em desfile, tocando e saudando a multidão adoradora.

Seja como for, a banda consegue o mais difícil: construir uma cumplicidade com o público dentro de um espaço nada íntimo. Talvez porque sempre iluminem a platéia com requinte, dosando tonalidades de azul e prata ou contem piadas entre as músicas, eles conseguem o impossível: parecer que estão se relacionando diretamente com todas as pessoas presentes, sem fazer estrelismo. O contraste foi grande com a banda que abriu a noitada, Skid Row, conterrânea de John, também de Nova Jersey, cujo vocalista dava a impressão de achar que o show seria tão melhor apreciado quanto mais ele comandasse coros de "fuck-yeah".

Nada distingue o Bon Jovi da brigada pop metálica que se abateu recentemente, e gosto adquirido à parte, merecido, exceto o fato de ter sido uma das precursoras da tendência. Uma tendência, vale dizer, bastante retrô, que a banda parece ilustrar, uma vez que usa como tema de preparação para sua entrada no palco "Welcome Back My Friends to the Show that Never Ends", do Emerson, Lake and Palmer.

UAKTI

O quarteto mineiro Uakti é socio daquele clube ultrafechado que inclui Ray Charles, Jorge Ben, Beatles, Milton Nascimento, J.S. Bach e outros poucos artistas que viram sinônimo dos gêneros que criam. A musica instrumental do Uakti é um exemplo ainda mais raro de arte brasileira apreciada em todo o mundo (Paul Simon gravou com eles no inicio deste ano), inclusive no Brasil, onde gravaram cinco LPs e até conseguiram encher quase todos os lugares sentados do Projeto SP em plena vespera de feriadao (30 de abril), no show de lançamento de seu sexto LP, *Mapa*.

O som do Uakti nao é dos mais faceis de descrever: nao é rock, MPB ou erudito, mas tem um pouco de cada um desses gêneros. Nem mesmo os discos satisfazem tanto quanto ve-los ao vivo, com garra, inspiraçao, destreza e bom humor, chegando a correr de um instrumento para outro numa mesma musica. O Uakti (Marco Antonio Guimaraes, Paulo Santos, Arthur Ribeiro e Décio Ramos) é famoso pelos instrumentos que usa, quase todos inventados pelo lider e arranjador do grupo, Marco Antonio, e inspirados na teoria de Walter Smetak. Podemos dizer que o Uakti e um Les Luthiers a serio — "a serio" no bom sentido, claro.

O show começou com "A Lenda", descriçao musical da lenda Uakti dos indios Tucanos do Alto Amazonas, de onde o grupo tirou o nome (e que ocupa todo um lado do novo LP). Os solos incluem tubos de PVC, marimbas de vidro, pau-pi (ventosas de borracha presas a mangueiras de latex com apitos que reproduzem pios de pássaros na outra extremidade). O ideal seria ver o grupo tocando esta composiçao junto com o grupo de baile Corpo, de Belo Horizonte, para quem Marco Antonio a compos. Segue-se "Mapa", homenagem ao multiinstrumentista mineiro Marco Antonio Pena Araujo (falecido em 1986), que deixou varios LPs instrumentais.

Na sequência, "Dança dos Meninos", parceria de Marco Antonio com Milton Nascimento, perfeita para as FMs nao comerciais, o destaque e o solo de chorimetano (de duas cordas tocadas com arco, chamado assim em homenagem a Smetak). Depois tivemos faixas de outros LPs a totalmente percussiva "Ovo da Serpente" em andamento 5/4 onde se destacaram Décio e Paulo, o maior virtuose do grupo.

O homenageado seguinte e Villa-Lobos, quando o Uakti apresenta suas versoes para tres de seus temas. No ultimo, "O Trenzinho Caipira", os solos sao de uma flauta sextupla e de uma especie de violoncelo construido com tampas de panelas.

No fim do show, os que clamavam por bis tiveram sua recompensa: uma versao irreverente do *Bolero*, de Ravel, executada so com tambores de água — com Paulo fazendo um solo de caldeirao. A quase hora e meia de show termina com a belissima "Lagrima do Sol", outra parceria de Marco e Milton.

LOU REED

No fundo do palco, uma falsa parede de tijolos grafitada, uma lata de lixo amassada e uma janela partida. Nas laterais, dois imensos espelhos retornam à platea sua propria imagem adoradora, distorcida pela luz e pela distancia, sobreposta por neons com palavras-chave da vida urbana: "Hotel", "Lanchonete", "24 Horas", "Bar". Nao e bem Nova York — a Nova York imunda e feiuda e triste que Lou Reed, astro da noite, desenhou em seu ultimo LP. É qualquer cidade grande do mundo pseudocivilizado para onde pessoas demais são atraidas por promessas de menos e empurradas para debaixo de um tapete coletivo de desdem e opróbrio. Essa era a verdadeira história contida no disco e é essa mesma história que Lou Reed contara nesta noite.

Vestido de jeans, camiseta e paletó negros, sem maiores efeitos alem de sua voz poderosa — mais poderosa e muito mais obediente e eficiente agora, na maturidade — e do acompanhamento enxuto e brilhante de uma guitarra, uma bateria e um baixo, Lou fez um daqueles concertos que ficam na lembrança. Indiferente aos gritos dos fãs (o Amphitheatre estava absolutamente lotado) que pediam "Heroin", "White Light/White Heat" e outros classicos reedianos, Lou nao se atastou um milimetro de sua proposta inicial. Tocou onze das catorze faixas de *New York*, uma atras da outra, com o mesmo efeito *cinema verite* que o disco tem.

Como varios de seus contemporaneos e muitos da nova geração, Lou optou pela maxima simplicidade e extrema naturalidade como forma de divergir da tecnopopização/sampleação/sintetização vigentes. O *approach* musical é visceralmente basico, remetendo mais ao *jazz* e ao rhythm'n'blues do que qualquer outra coisa e se permitindo o novo arranjo radical de faixas. Porem, em um momento especial, a nova leitura feita por Lou e seu grupo atingiu aquela metavel fronteira que sempre se espera mas raramente se encontra em shows: a carne viva da emoçao exibida na raivosa "There Is No Time" acelerada, amplificadissima, tornada urgente. Uma conclamaçao, uma bofetada.

Na segunda parte do show, Lou prometeu "umas coisas mais antigas" mas, ainda contrariando os fãs ansiosissimos que esperavam os sucessos, tocou so coisas obscuras, enterradas em lado B de compactos, e um standard de Frank Sinatra, "One For My Baby (And One More For the Road)", em dueto com o baixo de Rob Wasserman, versão que fizeram no album do baixista.

Aos pacientes, enfim, o prêmio: como bis, "Walk on the Wild Side" e "Sweet Jane", tocada no arranjo original, lento e hipnotico e dedicada por Lou a "uma banda que nao sei se voces recordam, o Velvet Underground. Uma grande banda, por sinal.

LONDON & NEW YORK
Um barato que não sai caro.

ESTAMPAS EXCLUSIVAS

Algumas das exclusividades Seesaw:

INXS	Boy George
George Michael	The Cult
Sugarcubes	The Mission
Bob Marley	Guanabatz
Acid House	A Ha
Iron Maiden	Siouxsie
The House Martins	Birthday Party
AC DC	Dire Straits
Genesis	Run DMC
Marillion	New Bauten
The Alarm	Big Country
Van Halen	New Order
Echo The Game	E outras

Seesaw
Av. N. S. Copacabana, 978 - Loja 102
Rio - Tel., (021) 521-8217

ADVIVO

FAUSTO FAWCETT E OS ROBÔS EFÊMEROS

Desta vez Fausto Fawcett declarou a BIZZ que adora as palavras cínico, niilista e apocalíptico. Foi na época em que a caricatura explosiva de Katia Flavia [illegible] Depois que "Katia Flavia" sobreviveu [illegible] Fausto desapareceu deixando apenas um LP [illegible] pressivo para contar a história. Um ano e meio depois, ele volta em grande estilo com o show-performance *O Império dos Sentidos*, lançado em São Paulo. Se Fausto escolheu a capital paulista por ser "a ponta-de-lança cultural do país" e nas entrelinhas, mais receptiva para eventos cínicos, niilistas e apocalípticos é assunto para especulação. Mas é apostar para ver.

O problema é que Fausto Fawcett está se levando a sério. "Katia Flavia" era um rapzinho sem vergonha que tinha um certo humor. Parecia que o menestrel de Copacabana estava ressuscitando o espírito da Blitz com letras mais esperas. Mas com o projeto *O Império dos Sentidos* (disco e show), essa impressão cai por terra. Ele quer ser "o cronista da pós-pós-modernidade", uma espécie de antena que capte as imagens deste final de século.

O espetáculo costura as várias músicas do disco com a história dos dois personagens principais: Leonardo ("Hamlet contemporâneo") e Vanja Soluk ("blonde vaticana"). Fausto e a atriz/dançarina Ursula Canto se dividem nos vocais, ladeados por dois telões gigantescos e dez monitores de vídeo. No fundo, o baixista e tecladista Marcelo de Alexandre, o guitarrista Carlos Lauter e Christine Fernandes no comando dos tapes pré-gravados ficam quase escondidos pelos telões, enquanto slides são projetados na parede. O bombardeio de palavras e imagens é incessante. Vêm dos trechos selecionados de Kraftwerk, Michael Jackson, Pink Floyd, Led Zeppelin, as composições quase [illegible] Lauter não foge, nem [illegible] Katia Flavia. Na verdade [illegible] esse serve de pano de fundo para [illegible] jogem de Fausto e Ursula. Como ficou sobrando para as imagens — trechos de filmes, [illegible] são espécie de detalhes de pinturas.

A sensação é um pouco a de ver [illegible] de *Fausto Mexicano* submetido a um bombardeio [illegible] das imagens. Mas é bem [illegible] em vez da aversão e efeito de [illegible] V[illegible] gem [illegible] por se tornar [illegible]. V[illegible] [illegible] deste mix de signos seja significado [illegible] louras, Cicciolina travestis, pôsteres, Santa Clara, Copacabana, facadas, TVs — sugere [illegible] a fascinação estupidificada deste mosaico [illegible] no lugar para o humano. Pode ser [illegible] humanista demode, mas eu estou [illegible].

Se a mistura é então apenas pretexto, o texto parece uma colagem de um colegial sob o efeito de alguma droga de má qualidade. Da mesma maneira que Fausto samplea Pink Floyd e Kraftwerk, ele leu muito atentamente Pepe Escobar. E dá-lhe "sensualidade over", "mediunica gringo-capitalismo exacerbado".

A solenidade e a pretensão alogaram Fausto Fawcett e os Robôs Efêmeros. Apocalíptico mesmo é o fato de que qualquer cara que consiga dar um verniz "pós-moderno" aos seus deuses seja chamado de "gênio".

NIKE AIR. NÃO É APENAS UM TÊNIS. É UMA REVOLUÇÃO.

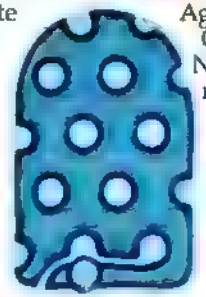
Antes de conquistar os atletas de todo o mundo, Nike Air é uma conquista da ciência.

Na prática do esporte, toda vez que o pé bate no chão, ocorre uma onda de choque.

Essa onda é transmitida ao esqueleto, prejudicando ossos e juntas do corpo.

Para eliminar esse problema, o laboratório Nike teve uma solução simples e ao mesmo tempo revolucionária.

Nike Air, patente mundial da Nike, tem uma almofada de gás comprimido dentro da palmilha.



EXCLUSIVO SISTEMA NIKE AIR.

Cada vez que o pé bate no chão, essa almofada se contrai e absorve o impacto, impedindo que a onda de choque se propague pelo corpo.

Esse é o efeito amortecedor de Nike Air.

Agora o efeito trampolim.

Quando a almofada do Nike Air se contrai, ela retém a energia do impacto.

E quando se expande, assim que o calcanhar sai do chão,

almofada devolve essa energia como força de impulsão para o movimento seguinte.

Nike Air, líder no ranking dos Estados Unidos, chega ao Brasil.

Nike Air Windrunner, para a prática do jogging. Nike Air Conquest, para a prática do tênis. Nike Air CrossTrainer, balanceado para uma combinação de esportes.

Nike Air. A partir de agora, quem não estiver com ele vai estar atrás dele.

NIKE AIR CONQUEST

NIKE AIR CROSSTRAINER

NIKE AIR WINDRUNNER

Para maiores informaçoes, ligue a cobrar para SAC NIKE, tel.: (011) 571-1110.

Poucos artistas atingem
a marca do "Disco de Platina Duplo"
no Brasil

INTROSPECTIVE/PET SHOP BOYS

A caminho do meio milhão.

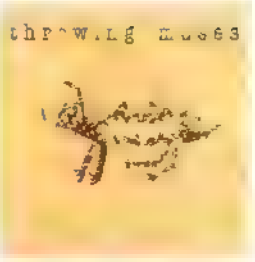
500

500 MIL DISCOS

Em LP K7 e Compact Disc

EMI

SURFER ROSA—PIXIES
HUNKPAPA—THROWING MUSES



[illegible] bastante [illegible] No Pixies

[illegible] Throwing Muses [illegible] Pixies [illegible] Black Francis [illegible] Kim Deal [illegible] Dave Lovering [illegible] O Pixies [illegible] *Surfer Rosa* [illegible] um [illegible] pelo *Melody Maker* [illegible] recente *Doolittle* [illegible] Pixies [illegible] A bateria [illegible] O [illegible]

[illegible] Throwing Muses [illegible] Pixies [illegible] Throwing Muses [illegible] Pixies [illegible]

THE HOUSE OF LOVE (Creation/Stiletto)

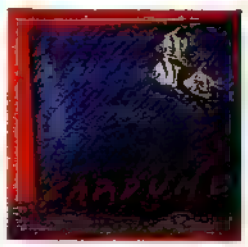
O lançamento do LP de estréia do HOL é um acontecimento raro. Throwing Muses, Pixies e até Smiths e New Order tiveram que fazer algum sucesso antes das sucursais das gravadoras internacionais no Brasil perceberem suas existências. HOL foi a banda revelação de 1988 na Inglaterra e representa o auge do *Creation sound*, o som da gravadora que dominou o underground neste final de década. Mesmo "lá", isso ainda é quente.

Guy Chadwick, o melhor bardo alemão do pop britânico, canta escolado na resignação mórbida do Velvet Underground: "Eu adoro observar coisas sangrando" ("Hope"), "Eu amo o jeito que ela chora" ("Salome"). A atmosfera dos *sixties* e marcante. Ha baladas, rocks psicodélicos e até um rock'n'roll à *la* Stones ("Sulphur"). Há influências tão distintas quanto The Seeds e Leonard Cohen. Mas essa obsessão que caracteriza todos os replicantes independentes não se manifesta como simples cópia. O tratamento sônico injetado nas canções possui sua propria aura. O HOL mereceria destaque na retrospectiva da década mesmo que só tivesse gravado uma canção — "Christine" —, épico da juventude sônica. "Christine" é um berro supersonico soterrado por paredes de guitarras retorcidas. O vocal, meio rauvoso e resignado, inspira chutes na parede ou na caixa de som. A perfeição atordoa.

Quantas guitarras cabem num suíco? Quanto tempo zumbem no tímpano? As guitarras agudas de Terry reagem de maneira lisérgica, pulsando, reverberando, mesmo depois de desligadas, no córtex. Seu *feedback*, porém, jamais se transforma em tempestade, como nas gravações de Sonic Youth ou Jesus & Mary Chain. As notas vibram até uma saturaçao orquestral, um *wall of sound* de luz branca/calor branco, chapado, em que as picadas agudas se refletem como um arco enganosamente infinito. Imagine uma aquarela de cores vivas estourando em câmera lenta. Se isso é fácil, imagine então todos os gritos do mundo concentrados em um unico acorde. Imagine, agora, esse acorde tocado como um sussurro. Imagens que vêm do encontro de uma definição afinada com uma famosa expressao de Aldous Huxley. Em outras palavras: o HOL abre as portas da percepção. *Marcel Plasse*

DYLAN & THE DEAD (Columbia/CBS)

Pouco depois da sua ressurreição em 1987 os mortos agradecidos promoveram uma tour conjunta com Mr. Dylan pelos EUA, da qual foi extraido este LP ao vivo. É claro que o velho Robert ja nao possui o mesmo fôlego dos tempos do excepcional *Before the Flood* (1974) e que nos ultimos tempos nao vinha apresentando nada de interessante. Mas, ao lado da "rapazada" grisalha do Grateful Dead, ele consegue se reabilitar e apresentar boas versões de hits como "I Want You", "All Along the Watchtower", "Knockin' on the Heaven's Door" e "Joey". *C.P.*



CARBONE — Nenhum de Nós (Plug/BMG-Ariola)

Não ha explicação logica para que, entre tantas musicas medíocres, uma musica medíocre faça sucesso. Mas quando alguem consegue inexplicavelmente, atingir a formula imprevisivel (e incompreensivel) do sucesso, logo em seu primeiro LP, o raciocinio logico nos permite crer que a repetiçao da formula é inevitavel. Em *Cardume* o Nenhum "Camila, Camila" de Nos faz exatamente esse "árduo" trabalho de passar papel-carbono em si mesmo. Todas as musicas soam como uma recombinação dos elementos que transformaram "Camila" no hit absoluto de 1988. Mas infelizmente o Nenhum de Nos não se limitou à repetição da formula, nos obrigando a engolir sua lastimavel versão de "Starman" de David Bowie. Um prato cheio... de aborrecimentos. *C.M.*

BET AND RUN — TSOL (Enigma/SBK Songs)

Este album de 1987 do TSOL é o segundo do grupo a ser lançado no Brasil (antecedido pelo LP *Change Today?*, de 1984) e faz parte do primeiro suplemento da conceituada gravadora Enigma, editado por aqui pela SBK Songs. O quarteto californiano, que começou no hard-rock e passou pelo pacodelismo, neste disco já resgatava sonoridades dos anos 70, revestidas de rhythm n'blues e heavy-pop. Nada de excepcional, nada de decepçao, com destaque para a balada "Where I Did Go Wrong" e a cover de "Good Morning Blues" de Leadbelly. *F.A.*

ROCKBUSTER — Motorhead (CIVR/Rock Records)

Um titulo perfeito para um disco idem. O Motorhead volta a sua melhor forma comemorando a volta do baterista Philty Animal Taylor em um LP recheado de preciosos arrasa-quarteirões, como "Eat the Rich", "Stone Deaf in the USA" e a propria faixa-titulo. Alem de qualquer formula, isso é rock n'roll puro, tocado com a mais absoluta ferocidade. Para se ouvir a todo volume, ate correr os suicos ou seus tímpanos estourarem. *C.E.M.*

I'M YOUR MAN — Leonard Cohen (CBS)

Um dos mais importantes letristas de sua geração, Leonard Cohen tem — apos um intervalo de nove anos (!) — um disco lançado no Brasil. Em *I'm Your Man*, porem, seu timismo apaixonado não encontra uma companhia musical à altura. Os arranjos techno-padronizados, com overdoses de baterias eletrônicas e *backing vocals* feminimos, tentam, mas nao conseguem estragar completamente a simplicidade tocante dos versos de Cohen, em faixas como "I'm Your Man", "Tower of Song" e "Take This Waltz" — esta, privilegiada com um tratamento acustico de cordas e piano. Cabe a CBS, porem, resgatar no passado as perolas do catalogo do compositor canadense, especialmente seu disco de estreia, *Songs of Leonard Cohen* (1968). *M.A.G.*

THE ONE THING — Fine Young Cannibals (London/PolyGram)

O FYC tenta mesclar o raw R&B dos anos 60, emprestado na rara voz de Roland Gift — influenciada por Cooke, Green e Redding, os grandes passaros do soul —, e a "cooked" dance music dos anos 80, acionada por Andy Cox e David Steele, que em intervalo de três anos entre este LP e o album de estreia produziram uma dos de gravações house. Bota pra quebrar nas tentativas raw", mas tropeça graças ao produtor David Z, da escola de Minneapolis, programa *beats à la* Prince. O balanço da bolacha é uma briga entre a lama e a pasteurização do tubo. Entre os destaques da peleja, "Ever Fallen in Love", cover dos Buzzcocks gravada para o filme *Totalmente Selvagem*. *M.P.*

THUNDER AND CONSOLATION — New Model Army (MCA/Odeon)

A o prosseguir na busca pela solidariedade dos grandes grupos do passado (vide o uso do produtor Glyn Johns em *The Ghost of Cain*), desta vez o New Model Army resgatou o baixista de Tom Dowd, um veterano responsavel por alguns dos melhores momentos do Cream (*Disraeli Gears*, Allman Brothers (*At Fillmore East*) e Derek and the Dominos (*Layla and Other Assorted Love Songs*). Desse encontro surge um disco nos extremos da visceralidade, um mix brutal de hardcore punk da primeira fase e rock n'roll que volta por suplantar os trabalhos anteriores do trio, todos como definitivos. Entre os destaques, o *auto-single* "Stupid Questions" a trovejante "225" e a abertura climatica, com "The World". *A.G.C.D.*

GREEN THOUGHTS — The Smithereens (Kinney/RCA/Sony)

Tendo a frente o guitarrista/vocalista/compositor Pat DiNizio, esse quarteto de New Jersey professa uma linha nitidamente regressiva, a cargo de um trabalho despojado de duas guitarras e uma economica cozinha. Porem, apesar de ja terem dois LPs lançados por pequenos selos locais, foi so apos cinco anos de estrada que chegaram ao primeiro album (*Especially for You*, Enigma, 1987). A exemplo dele, o segundo — *Green Thoughts* (1988) — tambem conta com as maos do produtor Don Dixon (ex-R.E.M.), que aliadas as inspiradas composições de DiNizio — embebidas no mais puro espirito dos *sixties* — conseguem transformar em pequenas maravilhas as onze faixas constantes desse disco de ideias verdejantes. *C.P.*

SPIKE — Elvis Costello (Warner/WEA)

Se os Beatles estivessem tocando juntos ate hoje, que tipo de musica estariam fazendo? Com certeza algo muito proximo do que Elvis Costello vem compondo e gravando. E por isso nao e surpresa que Paul McCartney tenha co-assinado com ele a faixa "Veronica" e tocado baixo em seu LP *Spike*, uma pequena maravilha composições ricas, arranjos densos e rebuscados, que revelam novos detalhes a cada audição.

Nao ha sequer sombra de instrumentos eletrônicos ao longo de todo o album. Em compensação, Elvis se cercou de musicos de primeira linha (alem de McCartney, as participações da Rickenbacker de doze cordas de Roger McGuinn, o piano de Allen Toussaint e a voz de Chrissie Hynde) e enriqueceu suas musicas com instrumentos preciosos, por vezes exoticos (marimba, glockenspiel, percussão chinesa, harmonio indiano, sousaphone, entre outros).

Com isso, Elvis conseguiu um album de letras fortes e grande poesia, cuja orientação musical principal e para o jazz (vide faixas como "Deep Dark Truthful Mirror" e a instrumental "Stalin Malone"), mas que ao fim das contas pende para um rock adulto, cuja sofisticação incorpora ate a imperfeição. *Spike* é a síntese entre *king of America*, o disco mais mainstream que Elvis fez, e o trash-rock de *Blood & Chocolate*, ainda inedito no Brasil. *J.L.A.*

STATE OF EUPHORIA — Anthrax (Island/WEA) **GN'R LIES** — Guns N'Roses (Geffen/WEA)

Aqui estao duas bandas fadadas a deixar a fe metalica intacta em meio a tantos abusos e *poseurs*. *State of Euphoria* é o quarto LP da curta e grossa carreira do Anthrax, grupo de Nova York cujo som pesado vai do hardcore ao heavy sem nenhuma preocupaçao com os radicalismo dos estilos e resumindo o seu proprio em um único lema: fazer o que lhes der na telha. Seus trajes, inclusive, parecem os mesmos dos adolescentes das ruas de uma metropole, não seguindo nenhum estilo metaleiro ou punk. Esse LP dá seqüência ao álbum anterior (*Among the Living*), tambem passando muita energia a quem o ouve, sem deixar de lado seu protesto contra a religiao (principalmente os pastores e evangelistas que infestam as TVs americanas) em "Make Me Laugh", contra o racismo de todo tipo em "Schism" e, logico, contra a sociedade, em "Anti-social" (composição da extinta banda francesa Trust). Tudo isso ao lado de temas com bom trabalho instrumental, principalmente pela bateria de Charlie Benante e as guitarras de Dan Spitz e Scott Ian em faixas como "Be All, End All" e "Out of Sight, Out of Minds".

Já o visual da badaladissima Guns N'Roses tem de tudo: jeans, couro, botas, tatuagens. Suas idéias são baseadas nos anos 60 e 70 (Led Zeppelin, Rolling Stones, Aerosmith, Sex Pistols) e suas declarações são lendas. Depois do primeiro LP (*Appetite for Destruction*, editado no Brasil no ano passado) ter batido muitos recordes de vendas e até terem tido músicas incluidas em trilhas sonoras cinematográficas, chega até nos seu segundo trabalho, cercado de expectativas. O lado A nada mais é que o EP de 86 *Live Like Suicide* com melhor tratamento, contendo "Nice Boys" (cover da extinta banda Rose Tatoo), a recriação de "Mama Kin" (cover do Aerosmith) e a distorçao dominando em musicas como "Reckless Life" e "Move to the City". O lado B vem mais ameno, mais acústico e até folk, com uma guitarra limpa em "Used to Love Her". "Patience" é uma balada zeppelinia principalmente pela interpretação de W. Axl. Uma discreta percussão destaca "One in a Million", enquanto "You're So Crazy" é uma versão mais tranqüila da que está no primeiro LP. Dois lançamentos para metaleiro nenhum botar defeito. *Leopoldo Rey*

DON'T BREAK THE OATH – Merciful Fate **FATAL PORTRAIT/ABIGAIL** – King Diamond (Roadrunner/Eldorado)

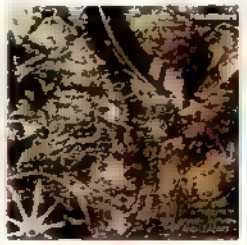
O Merciful Fate foi o mais famoso grupo de black metal da Dinamarca, levando as últimas conseqüências o estilo e tornando-o temas pesadelos, profanações e missas negras. *Don't Break* (1984) foi seu último LP pois logo depois o vocalista King Diamond partiu para carreira solo, levando consigo os ehoentes Michael Denner (guitarrista) e Timi Hansen (baixo) e juntando-se a Andy LaRocque (guitarra) e Mickey Dee (bateria), para dar prosseguimento as suas interpretações teatrais e vocalizações agudas, sobre uma base sonora ainda mais acida do que a dos tempos do Merciful, tal como fica comprovado em seus LPs *Fatal Portrait* (1986) e *Abigail* (1987). *L.R.*

E AGORA PRA BANCAR? – Gueto (WEA)

D espensando rebuscamentos na produção e todos os tecno-artefatos que o haviam seduzido durante a passagem pela *Estação Primeira*, o Gueto se valeu de uma dose cavalar de *fretting* para consumar esse que é seu segundo LP. Resultado: funk, hard, pop e rock na bucha, para deixar qualquer um estatelado no meio do salão. Desde a primeira faixa, "Você Sabe Bem", à saideira, "Um Louco Caso", o som da banda mostra-se mais redondo do que nunca, com os teclados recém-incorporados de Waldir de Carva,ho acertando a seção rítmica na medida exata. O melhor fica com a extra-swingante "Alma" e com o peso de "Não Sou Eu, É Onde Eu Vivo". *A.G.C.D.*

LIVE AND LOUD!! – Cock Sparrer (Link/Woodstock)

E mbora criado em 1972, no *boom* da quarta geração do rock, o Cock só veio a gravar oito anos depois, na época em que o guitarrista brasileiro Clem Sleeps passou a fazer parte da banda. Até 1987, quando se dissolveu devido a problemas com o National Front (movimento de extrema-direita inglês), o grupo havia gravado três LPs e oito singles. Este álbum, gravado ao vivo em 1984, é um ensandecido registro do mais puro punk do *spirit of 76*, incluindo covers do Clash ("White Riot") e dos Stones ("We Love You"). *Trad.* *F.V.*



FOLKWAYS: A VISION SHARED (A TRIBUTE TO WOODY GUTHRIE AND LEADBELLY) – varios (CBS)

H addie Ledbetter (1885-1949), compositor negro da Louisiana, conhecido como Leadbelly e Woody Guthrie (1912-1967), branco de Oklahoma, influenciaram gerações de músicos americanos. De suas mãos nasceram centenas de composições que deram vida e alma ao folk e ao country. São homenageados neste disco por 14 interpretes, dos mais legítimos como Dylan, Springsteen, Pete Seeger e Willie Nelson até os triunfalistas do U2, mais do que nunca estranhos no ninho. Instrutivo. *J.V.*

PERMANENT RECORD – Varios (Epic/CBS)

A pesar de sua passagem-relâmpago pelo circuito cinematográfico no ano passado (sob o título de *Para Sempre na Memória*), esse filme da diretora Marisa Silver apresentou uma trilha sonora verdadeiramente sensacional. Para começar, um tiro inteiro a cargo de Joe Strummer e de sua nova banda, The Latino Rockabilly War em cinco canções (inclusive a musica-tema) memoraveis, bem ao estilo rude do ex-Clash. No lado B, faixas dos Godfathers, Bodeans, J.D. Souther Stranglers e Lou Reed completaram o petisco. Não viste o filme? Pois ouça o disco. *C.P.*

MISTERY GIRL – Roy Orbison (Virgin/EMI-Odeon)

N ão é fácil fazer a crinca do disco de um artista que acaba de morrer e ser objetivo. No caso de Roy Kelton Orbison, o constrangimento é ainda maior em função das circunstâncias um tanto artificiais que o tiraram repentinamente do esquecimento em 1987 e o propulsaram aos píncaros da glória *depois* de sua morte, ocorrida no dia seis de dezembro de 1988, aos 52 anos.

Ele fez parte da lenda. Estava lá quando tudo começou, com o produtor Sam Phillips, no estúdio da Sun Records, em Memphis, Tennessee, com Elvis, John Cash, Carl Perkins, em 1955/56. Mas Orbison nunca se deu bem com o rockabilly. Ele só foi estourar seus primeiros hits na primeira metade dos anos 60, quando começou gravar baladas, sua especialidade. Depois, ele desapareceu aos poucos, enfrentando golpes terríveis: sua mulher morreu num acidente de moto em 1966 e ele perdeu dois filhos no incêndio de sua casa em 1968. Nos anos 70, ele ficou de escanteio. Sua lenta ressurreição começou em 1977, quando Linda Ronstadt fez uma interpretação primorosa de "Blue Bayou". E, três anos depois, ele próprio — em dueto com a cantora Emmylou Harris — conseguiu um Grammy com outra de suas composições: "That Lovin' You Feelin' Again". Durante todo esse tempo, Orbison sempre lutou, sempre fez turnês, sempre manteve o pique. Mas é melhor ser claro: nunca passou de uma estrela do segundo time, não por falta de talento, mas por falta de habilidade em produzir sua carreira.

Uma trajetória que ele conseguiu encerrar com dignidade,com o devido reconhecimento de seus conterrâneos. Entrou no *Rock And Roll Hall of Fame* em 1987 pelas mãos de Bruce Springsteen, integrou o Traveling Wilburys e gravou este *Mistery Girl*,com superprodução e participação de um espectro de estrelas maiores. O álbum trouxe baladas influenciadas pelo folclore mexicano, ou derivadas do doo-woop, todas sentimentais e com a overdose de arranjos para cordas ajudando, deslizando para o brega. Das dez composições do LP, salva-se "The Comedians", presente de Elvis Costello. Se a lenda de Roy Orbison deve ficar, este disco deverá cair logo no esquecimento.

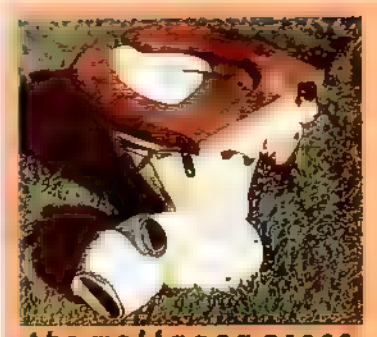
Jean Yves de Neufville

DEF JAM CLASSICS VOL. 1 – Varios (Def Jam/CBS)

E ste disco é uma perfeita cápsula do tempo. São catorze faixas duas inéditas, "Cold Chillin'in the Spot" de Russell Rush and Jazzy Jay e I'm a Girl Watcher"de Poppa Ron Love — que contam a história do selo mais importante e bem-sucedido do hip hop. O Def Jam conseguiu, em cinco anos, transformar o som das ruas de Nova York em um dos generos mais significativos dos anos 80 e em sucesso comercial. Todas as tendências fazem parte do LP: o rap duro de LL Cool J, a palhaçada dos Beastie Boys, o radicalismo musical e político do Public Enemy. Mas o verdadeiro protagonista é o produtor Rick Rubin, ex-estudante de cinema,que criou o estilo inconfundível da Def Jam.Um documento histórico altamente dançante. *B.A.*

MAGIC, MAGIC, MAJESTIC – The Band of Jon Jovi (Rough Trade/Stiletto)

N ão deixe passar em branca nuvens, esse octeto criado em 1984 que já gravou seis singles, um mini-LP e três LPs é talvez a mais bizarra banda inglesa atual. Não há guitarras, nem baixo elétrico, mas uma farta de instrumentos pouco convencionais, como banjo, ukelele, casotone, harmonio e cordas diversas. A sonoridade deste LP reprisa, sob um tom mais popster e bem produzido, a ecletica originalidade que os caracterizou. Usando a folk music como pano de fundo, os elementos deste caleidoscopio são originarios da polca, *hot-jazz*, *hitch-pop*, disco, tarantela e canções infantis. A alma e a dramatica interpretação de Johnny Brown, o elo perdido entre Jacques Brel e o espirito *folk-punkster*. *F.A.*



BIG WORLD CAGE – The Wolfgang Press (4AD/WEA)

S urgido ha sete anos, esse trio londrino — formado pelo baixista/vocalista Michael Allen, o tecladista Mark Cox e o guitarrista/baterista Andrew Gray — demonstrou ao longo de sua trajetória ser uma das bandas mais instigantes do cast da gravadora independente 4AD. Sua estréia em vinil deu-se com o LP *The Burden of Mules* (1983), ainda sob forte influência das sonoridades primais do pós-punk, mas durante os três anos seguintes a música do WP ganharia personalidade definitiva — baixo e vocal pulsantes, junto à percussão, em primeiro plano com esparsas, mas incisivas, intervenções de teclados e/ou guitarras insinuando melodias —, como atestam os três EPs gravados no período (dois deles produzidos com a colaboração de Robin Guthrie, dos Cocteau Twins).

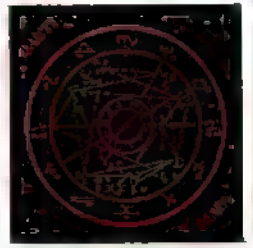
Com o lançamento do LP *Standing Up Straight* (1986) e do EP *Big Sex* (1987), tornou-se clara nova mudança nos rumos musicais do WP, que optava por sofisticar ainda mais o seu som — com a inclusão de instrumentos clássicos e metais — sem que ele, contudo, perdesse a sua concisão essencial. Esse intento resultou em novo passo na evolução musical da banda, consolidado de maneira plena neste *Bird Wood Cage* (1988).

Com o co-produção de Flood (responsável por vários dos discos do Cabaret Voltaire), o álbum traz em suas nove faixas uma sucessão de efeitos surpreendentes, ora vindos de instrumentos eletrônicos e guitarras espasmódicas, ora criados pelos próprios vocais (como em "King of Soul" e "The Holey Man") que, somado à extraordinária textura musical produzida pela combinação de baixo e percussão, produz um resultado simplesmente arrasador. Nesse processo, o WP cria uma vasta gama de climas totalmente diversas para suas canções sem com isso perder a sua unidade musical e consegue assim perpetrar verdadeiros clássicos instantâneos como "Raintime" (que de quebra conta com uma sutilíssima intervenção de cordas), "Bottom Drawer", "See My Wife", Shut That Door" e "Kansas"(o hit single do album,que faz alusao ao assassinato do presidente americano John Kennedy, por sinal ocorrido em Dallas, Texas). A partir de sua "gaiola de madeira", o WP alça altos vôos sobre o território do rock contemporâneo. *Celso Pucci*

MAXIMUNHA – Andre Christovam **ÁGUA MINERAL** – Blues Etilicos (Eldorado)

N ão é só na Inglaterra que se faz o melhor blues nao-americano, como atestam dois importantes lançamentos nacionais no setor: do Rio temos o grupo Blues Etilicos, já em seu segundo LP. O primeiro, pela gravadora independente Satisfaction, só se acha no Rio e merece atenção. A se julgar pelo novo disco — que, como a beberagem do título, mesmo engarrafada, é pura e cristalina —, o grupo conseguiu o aparentemente fácil truque de dar vida aos clichês do blues, baseado na escola *hard electric* de Johnny Winters e Allman Brothers.

Mas melhor ainda é o primeiro LP do paulistano André Christovam, que morou nos EUA e tocou guitarra com B.B.King e John Mayall. Ele junta melodias e técnica exemplares a letras muito bem-humoradas, que fariam o orgulho de Adoniran. E André e os Etilicos ainda participam um do LP do outro. Se acaso você pensou que o blues já se esgotou, sinto desapontá-lo. *A.M.Jr.*



MAPA – Uakti (Visom)

O Uakti completa seus dez anos de existência com *Mapa*, celebrando também o feito de ter se tornado um dos mais bem-sucedidos grupos experimentais brasileiros. Prosseguindo a pesquisa sonora de Walter Smetak, o conjunto de Marco Antonio Guimarães acabou marcando outro tento para a música mineira, que vai rapidamente se internacionalizando. A gravação com Paul Simon, pouco antes do lançamento deste LP, deve contribuir para a expansão da cartografia musical do grupo.

Ao mesmo tempo, a introspecção mineira parece assentar de vez o estilo do Uakti em *Mapa*. As faixas alternam o giro da bússola sobre o eixo da música tradicional. "Aluá", a primeira faixa, é a ilustração mais clara disso. Quando o sentido é o Oriente, a percussão toma o primeiro plano, em um fluxo hipnótico na linha de Steve Reich. Na segunda parte, se insinua uma melodia de arrocalçao barroca. Mas o melhor do disco fica com as três faixas seguintes: "Dança dos Meninos", "Tribobtá" e "Mapa", que passam do tupira à África e novamente ao barroco. O interesse pela música supera a mera curiosidade pelos instrumentos "exoticos", sinal de bom entendimento com o trabalho de estúdio. *M.S.*

Grande parte dos LPs contidos nesta seção só servia para as gravadoras descontarem na receita federal. Mas como agora o enfoque do *RÁPIDO & RASTEIRO* parece começar a mudar, talvez diminua a quantidade de lixo por aqui. Por enquanto, a panorâmica é a seguinte: a dita nacional apresenta o LP de estréia do **Rosa Púrpura** (Epic/CBS), cuja melhor coisa é a cor da capa, pois o conteúdo é de uma breguice sub-RPM maquiada por "babolados" e pasteurização. Já o **Guilherme Arantes,** embora bom compositor, reafirma sua descarada aderência ao descartável em **ROMANCES MODERNOS** (CBS), enquanto que o "rebanho-que-soca" do **Casseta e Planeta** sai com o seu **PRETO COM UM BURACO NO MEIO** (WEA), mas não consegue passar das bancadeiras) de intelectualoides de bar misturados a bin(cadeiras) de "universolanos". Adentrando o Império da Descartabilidade Internacional, temos o metal-baba de **Ozzy Osbourne** no fraco **NO REST FOR THE WICKED** (Epic/CBS), o metal-um-pouco-menos-baba das gostosíssimas garotas do **Vixen** (em seu *debut* pela EMI-Odeon) e o super-baba-soul-apunkalhado dos **Pasadenas** em **TO WHOM IT MAY CONCERN** (Epic/CBS), mas bem melhor que tudo isto são as deliciosas gatas do **Bananarama** em **THE GREATEST HITS COLLECTION** (London/PolyGram), antologia que assume com charme a imaculada concepção da descartabilidade. Mudando de conversa, vale a pena conhecer o trabalho do *jazzy-bluesman* **Leon Thomas,** que nas oito composições do álbum **THE LEON THOMAS BLUES BAND** (Portra 1/CBS), além de suas próprias, recria clássicos como "Everyday I Have The Blues". Os netinhos dessas *roots* estão razoavelmente bem representados pelo estreante **Faster Pussycat** (Elektra/WEA). Embora com um certo ar *poseur*, sua sonoridade está calcada em rock'n'roll com nítidas influências de AC/DC, Aerosmith e Guns N'Roses. E escancarar o rock foi a meta punk. Levar o punk ao máximo de rapidez em canções curtíssimas, a saga do hardcore. É assim que se apresenta o **D.R.I.** (Dirty Rotten Imbeciles) no LP **VIOLENT PACIFICATION** (Roadrunner/Eldorado). Nada em termos de rock, careta ou seja lá o que for, a presença de **Bruce Springsteen** é quase sempre bem-vinda. Mas, desta vez, nem tanto. Com uma capa breguérrima e numa atitude reducionista, a CBS resumiu em dez canções no LP **"AO VIVO"** (sic) a sublime caixa de cinco LPs lançados em 1987. Terminando a seção, o grande destaque é o sensível LP **BUENAS NOCHES FROM A LONELY ROOM** (Reprise/WEA) do violonista vocalista/compositor texano **Dwight Yoakam.** Emergente da safra do neo-country americano, **Dwight** é um poeta do primeiro time. Suas letras de tons expressionistas partem do confessional e deambulam através de dolorosas imagens passionais. Seus arranjos mantêm as essências tradicionais do country and western, porém graças a uma produção requintadíssima (leia-se não pasteurizada) de Peter Anderson soa como algo contemporâneo. Uma das grandes sacadas deste magnífico LP, além das bonitas country-ballads, é a presença do *outsider* dos anos 60, Buck Owens, que faz um excelente dueto na faixa "Streets of Bakersfield".

MUSICOS

A loja dos bateristas

Rua Teodoro Sampaio, 763 - L 20
T (011) 883-0882 / 280-2555
São Paulo - S.P.

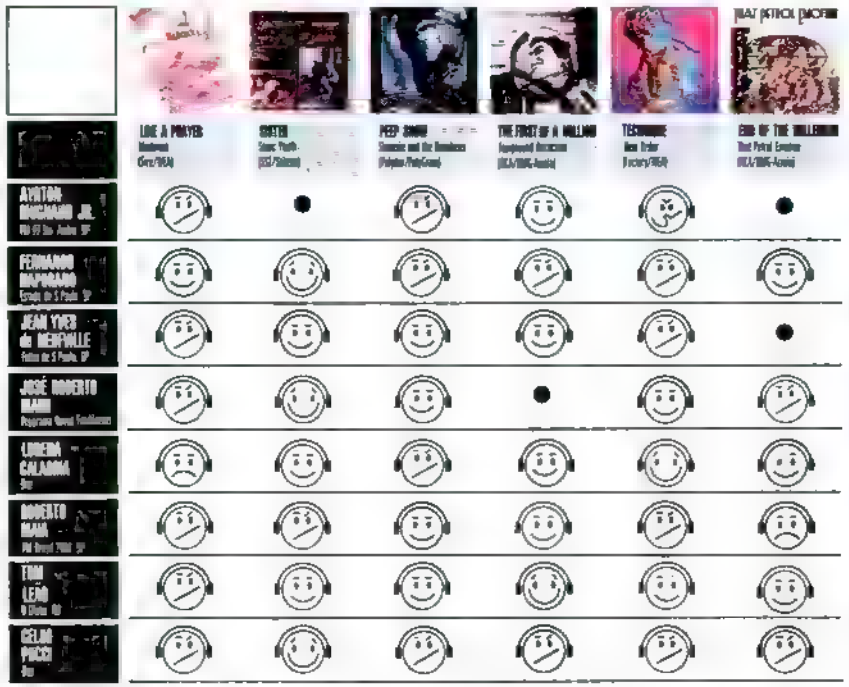
COMPACT DISC

destaque deste mês fica por conta do lançamento pela CBS de seis álbuns dos **Rolling Stones** em CD que, apesar de em sua maioria não serem do melhor saíra do grupo (seus lançamentos na década de 80, **EMOTIONAL RESCUE, TATOO YOU, STILL LIFE** e **DIRTY WORK** e o razoável **GOAT'S HEAD SOUP,** de 1973), ainda conseguem ser bem melhores que boa parte dos lançamentos de rock e pop em compact disc. E, de quebra, ainda transporta para o CD o irretocável **STICKY FINGERS,** que vem se juntar a **EXILE ON MAIN STREET** e **BLACK AND BLUE** (ambos já lançados por aqui) nas prateleiras dos "laser-stonemaníacos", que aguardam ansiosamente ainda a edição dos álbuns da fase 60 do grupo. Ainda garimpando no setor do pop, também já está disponível a boa coletânea de singles do **Cure, STARING AT THE SEA** (Fiction/PolyGram) — que, diferentemente do CD original, não traz faixas inéditas, limitando-se às músicas lançadas no vinil — o soft-pop do **Tears for Fears** em **SONGS FROM THE BIG CHAIR** (Mercury/PolyGram) e o recente odisséia americana do **U2** no álbum duplo **RATTLE AND HUM** (Island/WEA). Pelas plagas brasileiras, temos o lançamento, de uma só tomada, de nada menos do que dez CDs do rei Roberto Carlos, centralizando-se em seus álbuns do início dos anos 70

CELSO PUCCI

GRAVADORAS INDEPENDENTES: Rock Brigade (R. Fernanda de Albuquerque, 121, São Paulo, SP) (IC 23[illegible] 32[illegible]) Satisfaction (R. Francisco de Sá, 95) (F. Rio de Janeiro) (R. [illegible]) SBA Songs (R. da Glória, 290, 7º andar, Rio de Janeiro, R[illegible]) (021 22[illegible] 68[illegible]) Visom (R. Soares [illegible]) Brasil (Rio de Janeiro, R[illegible]) (021 26[illegible] 1096) Megastar's (R. D. Felicia, 57, São Paulo, SP) (0[illegible] 35 3976)

BOLSA DE DISCOS



ZYADOG MOE, "O pice" (LPO1): 5º melhor LP 88 e 4º melhor rupo 88 (BIZZ Fev 89).

MERCENÁRIAS

MERCENÁRIAS, "Cadê as armas"? (LPO2): Responsáveis pelo melhor LP 88 segundo a crítica (BIZZ Fev 89).

FELLINI, "Três lugares diferentes"(LPO3). Melhor LP nacional 87 junto com Titãs (BIZZ Fev 88)

HARRY, (EPO4) "É inegável que seu trabalho está alguns anos luz à frente do que se convencionou chamar rock brasileiro" (BIZZ Jan 89).

VIOLETA DE OUTONO, (EPO5): Primeiro e raro EP desta banda que dispensa apresentações.

SER INDEPENDENTE SEM SAIR DE CASA

É MUITO FÁCIL. BASTA PREENCHER O CUPOM, ENVIAR PARA O COOL PRODUÇÕES E RECEBER EM CASA AQUELE DISCO QUE VOCÊ NÃO ENCONTRA NAS LOJAS.

O trabalho dos independentes é o que há de mais novo e autêntico no mercado do rock
Difícil tem sido divulgar e distribuir esse trabalho sem o capital estrangeiro por trás.
A Cool produções acredita nos independentes e compra essa briga.

• Cólera-Pela paz em todo mundo LP06
• Fellini-Fellini só vive duas vezes LP08
• Ratos de porão-
• Grinders-Punk LP11
• Smack-Noite e dia LP15
• Ataque Sonoro-10 bandas punk LP20

Como comprar: 1) Pelo Reembolso Postal: Preencha o cupom anexo, envie para Cool Produções Ltda. e receba o disco pagando apenas ao retirá-lo na agência de correio mais próxima de sua casa. 2) COM DESCONTO DE 10%, envie, com o dinheiro já calculado, junto com o cupom anexo, cheque nominal para a Cool Produções Ltda. ou Vale Postal, pagável na agência Praça General Osório, Código: 520471

COOL PRODUÇÕES LTDA. Rua Visconde de Pirajá, 547/1021 - Rio de Janeiro RJ - CEP 22410
Tel.: (021) 512-1355 (Peça também pelo telefone)

Prefiro comprar da seguinte maneira: ☐ Vale Postal ☐ Cheque Nominal ☐ Reembolso Postal

Código	Qtde.	Bonus	Preço
		Total	

Nome
End.
Cidade
CEP Est.

Indique um LP opcional para que possamos substituir algum pedido esgotado em estoque

Código	Título

Não desejando recortar a revista envie os dados do cupom em papel separado

Preços:
EP - NCz$ 8,50
LP - NCz$ 11,50
LPE - NCz$ 14,00
Obs.: Acrescente o custo pedido NCz$ 1,50, para despesas postais

Visite Criação Chile

A Band of Susans, criada em 1985 em New York, é efetivamente uma competa *guitarband*. São três guitarras encharcadas de fuzz e distorções diversas que, ao lado de uma cozinha violenta e vocais submelodicos, constroem um som animalesco extraído em ruís mínimais da pedra bruta do rock'n'roll. **Love Agenda** (Blast First) é seu segundo LP. Suas nove composições funcionam como uma sinfonia de guitarras que, em dedos de *feedback* e luxurias de *powerchords* dão ao rock uma cara peculiar. Algo como se quatro gerações estivessem renascendo numa zona inaudita que flerta com o tradicional, numa atitude *noveau*.

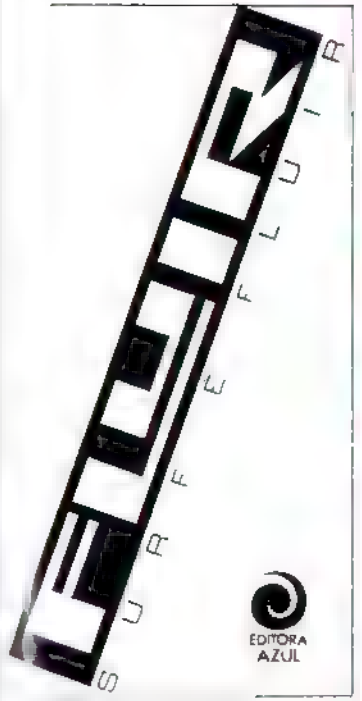
My Dad Is Dead é uma banda ímpar no circuito independente do oeste americano. Formada apenas por um integrante — Mark Edwards — que acha dos vocais cuida das cortantes guitarras, do *sonic bass* e das *drum machines*. **Best Defense** (Homestead) apresenta dolorosas sombras de Joy Division, mescladas em seu corrosivo e meândrico *Neon Guitar Rock Empire*.

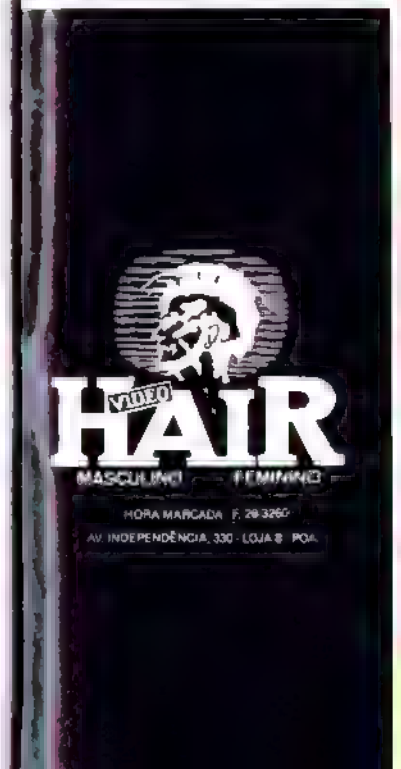
O Revolving Paint Dream, uma das mais antigas bandas da Creation, em seu novo LP **Mother Watch Me Burn**, revista com maestria cinzentas passagens de *acid rock* contrastadas por agressivas acrobacias de guitarra.

O selo Wax Trax de Chicago detem um catálogo no mínimo interessante que inclui, entre outros, o Front 242, Ministry, Young Gods e, naturalmente, o **Revolting Cocks**. Nascido de um projeto paralelo criado por Richard 23 e Luc Van Acker (do Front 242) junto a Alain Jourgensen (Ministry), o grupo logo gravou um primeiro single e em 1987 lançou seu primeiro LP *Big Sexy Land*. Ainda neste mesmo ano eles gravaram um de seus shows no Cabaret Metro, em Chicago que depois veria a se transformar em um vídeo e no álbum duplo **You Goddamned Son of a Bitch**. Este traz uma reunião das melhores faixas do Revolting Cocks, mais um dos duas músicas inéditas: "Cattle Grind" e "In the Neck".

Depois de mais de dois anos de absoluto silêncio, o trio americano **Violent Femmes** retorna com um dos melhores álbuns deste ano, que, apesar de se chamar **3** (Slash), é o seu quarto LP. Uma obra-prima que resume todo o seu estilo country-folk-blues com inspiração ainda maior que em seus discos anteriores.

Pelo visto ainda vai demorar um tempinho para se ver este **To the Batmobile Let's Go** (Sleeping Bag) do **Todd Terry Project**, ser lançado no Brasil. Uma pena, pois seu talento para recortar, juntar e colar os sons e os ritmos com um porta-estúdio caseiro de quatro pistas e um sampler é simplesmente inacreditável. As nove faixas deste disco — com destaque para "Bango" e "Weekend" — anunciam o som dos anos 90 e justificam plenamente o título de "deus da house" atribuído a Todd Terry.





FINE YOUNG CANNIBALS

SHE DRIVES ME CRAZY

(DAVID STEELE/ROLAND GIFT)

I can't stop the way I feel,
things you do don't seem real
so tell me what you've got in mind, 'cause we're running out of time
won't you ever set me free, this waiting'round's killing me

(refrão)
She drives me crazy, like no one else
she drives me crazy, I can't help myself

I can't get any rest, people say I'm obsessed
everything you say is lies, but to me that's no surprise
what I had for you was true, things go wrong, they always do

(repete refrão)

I won't make it on my own, no one likes to be alone...

(repete refrão)

ELA ME LEVA À LOUCURA

Não consigo parar de sentir como estou me sentindo,
as coisas que você faz não parecem reais
me diga o que você tem em mente, porque está se esgotando o nosso tempo
será que você não vai me libertar, esta espera está me matando

(refrão)
Ela me leva à loucura, como nenhuma outra
ela me leva à loucura, não consigo me controlar

Não consigo nenhum descanso, as pessoas dizem que estou obcecado
tudo que você diz são mentiras, mas para mim isso não é nenhuma surpresa
o que eu tinha para você era verdadeiro, as coisas estão erradas, sempre vão

(repete refrão)

Não vou conseguir recobrar minha vida sozinha, ninguém gosta de ficar só...

(repete refrão)

GRAVE SUA DEMO EM UM ESTÚDIO NOTA 10

ESTÚDIO HORIZONTE - GRAVAÇÕES E ENSAIOS

Curta a qualidade e o conforto de um estúdio de 8 canais, com bar, que oferece equipamentos de última geração das marcas Tascam, Roland, Korg, Dbx, Dx-7, Oberhein, Tama, Yamaha NS-10, Macintosh, Shure, Beyer, Crown etc...
Gravação de 8 canais com mesa de 16
Av. Sernambetiba, 3400 – Barra da Tijuca
Rio de Janeiro – RJ – CEP 22630
Fones: (021) 399-6424 - 399-2768 – 399-2749

estúdio HORIZONTE

O GRANDE AH! CONTRA-ATACA

Gostaria de opor algumas considerações à crítica publicada na edição 43 (fevereiro/89) ao disco do grupo mineiro O Grande Ah!..., do qual tenho orgulho de participar desde a sua fundação. Em primeiro lugar quero salvaguardar o direito de crítica que essa revista exerce em toda sua plenitude. Por outro lado, nunca vi estampada nas páginas desta revista, da qual sou leitor mais ou menos assíduo, crítica tão violenta como a que nos foi dirigida. Será que os srs. criticariam com tanta veemência um disco de uma multinacional anunciante ou de um nome já consagrado da música pop? Não estarão os srs. fazendo o jogo de interesses que mantém o mercado da música pop? (...) O sr. Marcel Place fala que nosso instrumental é igual ao do conjunto 14 Bis, simplesmente pela presença do guitarrista Cláudio Venturini como participação especial em uma das faixas. Não há a mínima semelhança entre o nosso trabalho e o do 14 Bis. (...) O sr. Marcel Place parece não ter paciência de ouvir um disco que foge ao bate-estaca e parece não ter entendido a letra de "Cipó em Cipó", que fala muito mais coisas que um "Tarzan viajando de cipó em cipó". E ofende um grande intelectual e poeta dessas Minas Gerais, Marcelo Dolabela, afirmando que suas preciosas letras "aspiram ao status da cinefilia, entretanto não conseguem ultrapassar a pouca definição da visão telemaníaca". Marcelo Dolabela também é pioneiro, em Belo Horizonte, na elaboração de uma poesia urbana criativa. Sua atuação frente a *Cem Flores* e *Alegria Blues Banda* (revistas da nova geração de poetas belo-horizontinos) abriu espaço para o surgimento de outros poetas importantes, como Gato Jair e Rubinho Troll, tão elogiados por esta revista. Por tudo isso, entendo que tão virulenta crítica prejudica o trabalho sério de um grupo que vem conseguindo se manter vivo e ativo num mercado independente, onde nascem e morrem grupos aos montes. Por isso, gostaria de ver publicada esta carta, bem como uma reportagem com O Grande Ah!...

Eduardo Fleury Mortimer, o Duzão

de O Grande Ah!...

Marcel *Place* (sic) responde: *O Grande Ah!... não teve, de minha parte, tratamento diferente do dispensado a Os Mulheres Negras, por exemplo, que são* darlings *da crítica paulista. Se você tivesse lido a edição com mais atenção do que leu meu nome, teria reparado na ressalva com que, na seção* Ao Vivo, *elogio os também mineiros e independentes Último Número, cujo LP considero um dos melhores de 88, e Sexo Explícito, que nem sequer LP possui. Quanto ao conteúdo da crítica, cito mais coisas além da referência ao 14 Bis para ilustrar o som da banda — e você não as contestou. E não devo ter realmente entendido a letra de "Cipó em Cipó". "Tarzan quebrou o galho / Foi parar no lamaçal / Perdeu o equilíbrio ecológico..." Isso é profundo? Dá um tempo, Eduardo.*

INFINITA XEROX

Venho por meio desta mostrar o meu pleno descontentamento quando leio os elogios que vocês fazem a grupos de rock brasileiros que não merecem nada além de críticas. Se vocês tomassem conhecimento de quantos rocks brasileiros são nada mais nada menos que cópias de outros rocks antigos, e principalmente desconhecidos da massa, não os idolatrariam tanto. Os apreciadores do Capital Inicial devem achar superoriginal e diferente o ritmo da "Música Urbana", porém assim acham porque nunca ouviram uma música chamada "Midnight Log", do grupo inglês The Clash — se conhecessem, descobririam um plágio descarado. O mesmo grupo The Clash "cedeu" todo o início da música "London Calling" para o Kid Abelha faturar com a sua "Educação Sentimental II", uma vergonha! Já os Paralamas do Sucesso também não ficam atrás em matéria de plágios: muitos leitores de BIZZ já denunciaram como eles imitam o Police. Agora com seu último disco, até locutor de rádio já falou no ar sobre as semelhanças entre "Becos" e "Johnny Be Good", na versão de Peter Tosh. Poderia escrever listas e mais listas de músicas que são cópias baratas de outras, mas vou parando por aqui, com a tristeza de pensar que vocês elogiam grupos, como os Engenheiros do Hawaii, que sugaram ao máximo a música "The Road to Nowhere", dos Talking Heads, para escrever a letra da chatíssima "Infinita Highway"; como Capital Inicial que, além do Clash, usufrui também do "Hu-hã-hu-hã" da música "Welcome do the Pleasuredome", do Frankie Goes to Hollywood, na música "Pedra na Mão".

Juliette Vera Dutenova, Belo Horizonte

BIZZ nunca se omitiu quanto a acusações e denúncias de plágio — como você pôde observar na edição 46, páginas 4 e 80, respectivamente, acusações a Ed Motta, efetuadas pelo jornal O Estado de S. Paulo, *e as Ira!, pelas leitoras Ana Cristina Perlatti, de Ribeirão Preto/SP e Fabíola de Oliveira Moreira, de Niterói/RJ —, da mesma forma que sempre reservou espaço para a defesa dos réus.*

CORRESPONDÊNCIA INTERNACIONAL

Desejamos nos corresponder com jovens do Brasil para troca de postais, videocassetes etc. **Antônio J. Amaral e Maria C. Amaral, 61 North Country St., East Providence, Rhode Island, 02914 — USA**

Tenho *vídeos* especiais do MTV e HBO, incluindo Pink Floyd, U2, Robert Plant, David Bowie etc. Gostaria de trocar por especiais ou videoclips de rock brasileiro e MPB, como Rita Lee, Elis Regina, Rock'n'Rio etc. **David Bonfim, 3172 — 35 Street 6, L.I.C., NY 11106 — USA**

Gostaria de me corresponder com jovens brasileiros que curtam música pop. Por favor, escrevam em inglês, pois não entendo português. OK? **Sachio Hotta, 704 — 6,1,3, Namiki, Tokorozawa-shi, Saitama, 359 — Japan**

Troco recortes de jornais e revistas sobre Beatles, Sting, Bros, Elvis Presley e outros. Responderei a todas as cartas escritas em inglês. **Jim Gilmour, New Manx Hotel, 39 Catherine St., Liverpool 8.7NE — England**

FÃS-CLUBES

A-ha *A-ha Fã-Clube* A/C Ana Paula, r. Salgado Filho, 613, apto. 04, CEP 89500, Caçador — SC

A-ha *Stay With A-ha Fan Club* A/C Ana Paula, r. Antônio Basílio, 269, apto. 301, CEP 20511, Rio de Janeiro — RJ

A-ha *Stay on These Roads With A-ha* A/C Danielle, r. Dr. Pio Borges, 1015, Bl. D, apto. 202, CEP 24400, São Gonçalo — RJ

Cyndi Lauper *Fan Club Star Cyndi* A/C Fatty Lauper, Caixa Postal 72, CEP 08600, Suzano — SP

Legião Urbana *Fã-Clube Legião Urbana Rock no Brasil* A/C Loise Cristiane, r. Hassan Mohamed Raad, 272, CEP 80020, Curitiba — PR

Smiths *Fã-Clube Oficial dos Smiths — The Smiths Are Eternal* A/C Maurício, r. Penedo, 70, CEP 25255, Santa Cruz da Serra — RJ

Smiths *Meat Is Murder* A/C The New Som, r. C, lote 13, Q9, CEP 25260, Santa Cruz da Serra — RJ

Sting *Fã-Clube We'll Be Together With Sting, Always* A/C Luciana, r. João Rudge, 443, apto. 134-A, CEP 02513, São Paulo — SP

Titãs *Fã-Clube Titãs Corações e Mentes* A/C Márcia, r. Evangelista de Souza, 614, CEP 09260, Santo André — SP

U2 *Rattle and Hum U2* A/C Samuel, r. Itália, 148, CEP 12940, Atibaia — SP

MERCADO PARALELO

Compro BIZZ zero, quatro (com poster) e Top-Hits 1. **Jorge Céu Soares, r. Floriano Peixoto, 225, CEP 45826, Eunápolis — BA**

Compro as Revistas-Posters 17-A (U2) e 23-P (A-ha), urgentemente. **Alessandra Marcolin, r. Aristides de Oliveira, 239, CEP 14075, Ribeirão Preto — SP**

Compro Revista-Poster 23-P (A-ha) e Letras Traduzidas 38-L. **Sheila Coimbra, r. Volta Grande, 20, Itaparica — PE**

Compro BIZZ números 1, 6, 7 e 17. **Frank Silveira Pires, praça Dom Clímério de Andrade, 346, CEP 45157, Cândido Sales — BA**

Vendo camisetas, fotos, letras, posters e reportagens, nacionais e importadas sobre os maiores nomes da música e cinema. Enviar selo para receber relação. **Colector's Club, r. Basílio Zechin, 68, CEP 12900, Bragança Paulista — SP**

Compro todas as edições de BIZZ Letras Traduzidas que contenham músicas da Madonna. **Reginaldo Palombo, r. Nossa Senhora de Monte Serrat, 161, CEP 13560, São Carlos — SP**

Ofereço quatro posters — Ira!, Plebe Rude, Pink Floyd e Dire Straits, todos em ótimo estado — por um do Joy Division. **Adelson Dias Ramos, av. A, 1363, cj. Humaitá, CEP 11340, Santos — SP**

Vendo materiais importados sobre A-ha, Rod Stewart, Charlie Sexton, Depeche Mode, Prince, Bruce Springsteen e outros. **Rosana Gualagnone, r. José Lins do Rego, 319, CEP 09060, Santo André — SP**

Compro as edições de BIZZ dos números 1 a 9, 11 a 14, 16 a 20, 22, 25 e quaisquer edições de *Letras Traduzidas*. **Ricardo Salati, r. Nicolau Piratininga, 51, c. 16-A, CEP 03643, São Paulo — SP**

ERRAMOS

Nossa edição de maio trouxe alguns erros. Na segunda parte da matéria da Legião Urbana, *Waiting for a Miracle* (80), primeiro LP dos Comsat Angels foi citado, como sendo o segundo (cujo título é *Sleep No More*, lançado em 81). No mesmo texto, André Muller — atual Plebe Rude — foi citado erroneamente como André *Killer*, irmão de Fê e Flávio Lemos do Capital Inicial. Eles são, na verdade, primos. Como se não bastasse um erro de revisão fez com que o LP *A Broken Frame* do Depeche Mode saísse grafado *A Broken Fame*. Já na matéria do Sepultura, onde está "estilo *death metal*" o certo é "a banda Death", cujo integrante Chuck Schuldiner é citado logo abaixo.

O nome correto do baixista do Anarco-Tráfico é Dino Nascimento, e não Dino Vicente como publicamos na edição 45, página 25 (Ufa!

palmer
O SOM SUPERIOR
Tecnologia Nacional na Era Digital

Teclado Palmer com 16 presets, 14 ritmos, comandos de acompanhamentos e ritmo, efeitos especiais, música demonstração, gravação e reprodução digital de até 200 notas.

Solicite catálogos dos outros produtos:
Pianos eletrônicos, Órgãos, Amplificadores para instrumentos, Caixas acústicas, Mesas de som, Potências e Câmara de Eco.

ELETRÔNICA PALMER IND. COM. LTDA.
CX. POSTAL - 11408 - CEP - 05566

DISCOTECA BÁSICA

PRINCE

***DIRTY MIND* (1980)**

Ele entra na década com um salto, um bote. O que diferencia este seu terceiro LP, dos dois anteriores? Está na capa, está no título: a definição de uma identidade — ou imagem? — e, como frisa seu biógrafo Dave Hill, uma *atitude*. Um ex-menino prodígio enxuga todos os possíveis excessos cabíveis em um multiinstrumentista que é arranjador de sete fôlegos e infinitas filigranas, vocalista de todas as máscaras, gritos e sussurros e seu próprio produtor. Se há algo que incomoda em *Dirty Mind* — e até compromete em *Purple Rain* — é a impressão de se ouvir alguém que pode fazer, em música, tudo o que quiser sem o menor esforço, fazendo o máximo esforço para ser o mais contemporâneo, o mais simples e direto — mais pop, enfim — possível.

Tudo isso é verdade, mas se limita ao primeiro lado do disco. A abertura, com a faixa-título, não deixa dúvidas. Tudo que era difuso no Prince anterior ganha contornos nítidos e, pela primeira vez, a pulsação de baixo, caixa e bumbo vem descarnada e destacada como esqueleto, um chassis aerodinâmico: o *groove*, a levada, em sua essência. Um susto maior: a óbvia influência da new wave então vigente, ritmo robótico e pop plástico. Uma ousadia perigosa: talvez o primeiro negro a escancarar influências brancas. (A faixa seguinte, "When You Were Mine", vai ainda mais fundo: parece puro B-52's!)

E, voltando à abertura, o que quer esta "mente suja"? Sexo e confronto: sexo no banco traseiro do carro do papai (dela). Sexo e saúde, perversão sem neurose, liberdade, igualdade... E na terceira faixa, "Do It All Night", que a farra vai começar, sai o rockinho *wavy* e assume o funkaço que se solta, estica e liquefaz: à tona, as fontes básicas, a comunhão desvairada na trilha aberta por Sly Stone, nos 60, e George Clinton, nos 70. Prince Rogers Nelson fixa o terceiro ponto numa linha reta e, a partir daí, vai expandi-lo com a mania perfeccionista de quem constrói um universo.

A base está toda no segundo lado — é quase um disco diferente, como se tivesse passado o lado um a dar munição certeira para programadores de FM e, cumprida a missão, soltasse todas as amarras — menos a da dança compulsiva.

São quatro faixas que se fundem num crescendo acumulativo e de tamanha luxúria que seria capaz de levar um convento à orgia, porque ela é a Nova Utopia. Entre a cruz e o clitóris, Prince não faz nenhuma opção excludente e ainda enxerga um casamento livre das angústias que esse conflito — na cultura negra americana, presente desde sempre na divisão entre blues e gospel — trazia a um Marvin Gaye, por exemplo.

"Uptown" remete a um lugar não identificado, qualquer centro de cidade onde haja gente, festa, dança — nos créditos da capa, "gravado em alguma parte de Uptown" —, uma folia na qual não haja a menor distinção entre sexo e cor. Ela emenda com as duas canções do miolo—"Head" e "Sister" —, que estigmatizam Prince até hoje. Quando você ler o clichê jornalístico "canções que falam de incesto a sexo oral", saiba que são essas duas.Em inglês coloquial, a expressão "give head" ("dar a cabeça") abrange todas as modalidades possíveis de sexo oral. A letra apresenta uma garota — interpretada por Lisa Coleman — que quer casar virgem. Daí, a apologia feita por Prince do sexo oral como capaz de satisfazer ambos, com o maior prazer (no fim, ele ainda pede desculpas por ejacular no véu do vestido de noiva). Já "Sister" lista as vantagens de se ter uma irmã mais velha, generosa o bastante para ensinar tudo que um garoto precisa saber.Desse duplo retiro entre quatro paredes vem o transporte para o transe coletivo iniciado em "Uptown": *Dirty Mind* encerra com "Partyup", cantos e contracantos de uma nova explosão impossível de ignorar.

JOSÉ AUGUSTO LEMOS

EDITORA AZUL

Editor e Diretor: VICTOR CIVITA

Diretoria
Angelo Rossi
Edgard de Silvio Faria
Roberto Civita

Diretor Superintendente: Angelo Rossi

BIZZ

Diretor de Grupo: Carlos C. Arruda

REDAÇÃO
Editor-Chefe: José Augusto Lemos
Editores-Assistentes: Bia Abramo (Vitrine Viva e Ao Vivo), Celso Pucci (Discos e Discoteca Básica), Marisa Adán Gil (Showbizz), Lorena Calábria (Rio de Janeiro), Sônia Maia (Conexão Brasil)
Coordenação de Produção: Igor Ismael Assan
ARTE
Editora: Deise Bilinas
Diagramação: Angelo Asson, Maria Amélia de Azevedo, Renato Yada
Atendimento ao Leitor: Celso Ferran Masson
Arquivo e Pesquisa de fotos: Cidval Heredia
Correspondentes: José Emílio Rondeau e Ana Maria Bahiana (Los Angeles), Anamaria G. de Lemos (Londres)
Colaboradores
Texto: Arthur G. Couto Duarte (BH), Ayrton Mugnaini Jr., Carlos Eduardo Miranda, Celso Masson, Fernando Naporano, Fernando Tupã, Hagamenom Brito (SAL), Jean Yves De Neufville, Jimi Joe (POA), José Geraldo Couto, Kid Vinil, Luiz Henrique Romagnoli, Leopoldo Rey, Marcel Plasse, Marcos Campolim, Peter Price, Tom Leão (RJ)
Arte: Antonio Magno de Souza, Izac Norbertino, Marco Inci
Fotos: Arnaldo Alves, Ciclano, Gustavo E. Smolarsky, Joaquim Vigiano, Jorge Rosemberg, Julio Jacobina, Kid, Luis R. Stavale, Mila Maluhy, Ricardo Siqueira, Z. Viviano
Revisão de Texto: Thais Helena de Souza Juarez
Diretora Responsável: Liege de Lima Doria Castelli
PUBLICIDADE
Diretor: Carlos Alberto F. de Araujo
SP-Gerente: Oswaldo Maffei Jr.
Contatos: Arthur de Oliveira Neto, Antonio Xavier de Aquiar
RJ-Gerente: Maria Fernanda Jorge
Contato: Eduardo Barros
PRODUÇÃO GRÁFICA
Gerente: Edna R. Burgo
Coordenadora: Sandra C. Boletho
REPRESENTANTES
Rio Grande do Sul e Santa Catarina:
3R Ricardo Rosa Representações Ltda. Fone (0512) 23-6591 - **Porto Alegre** - RS Centro-Oeste
Publicentro Comunicações & Negócios Ltda. Fone (061) 223-0421 - **Brasília** - DF SP 2
Intermídia Repres. e Public. e Public. S.C Ltda. Fones (016) 623-4262 623-4291 - **Ribeirão Preto** - SP
SERVIÇOS EDITORIAIS
Abril Press - Gerente: Judith Baroni. **Escritórios - Nova York:** Lincoln Building, 60 East 42nd Street, Suite 3403, New York, NY 10165. Phone (001212) 557-5990-5993. Telex 237670, Fax (001212) 983-0972. **Paris:** 33, rue de Miromesnil, 75008 Paris. Phone (00331) 42.66.31.18. Telex 660731 ABRILPA, Fax (00331) 42661399
Departamento de Documentação - Dedoc - **Gerente:** Suzana Camargo - av. Otaviano Alves de Lima, 4400, São Paulo, SP, Telex (011) 22115
Serviços Fotográficos - Gerente: Pedro Martinelli

COMERCIAL
Diretora: Vera Helena Mirandez Gomes
Gerente de Produto: José Carlos Boldarine
Gerente de Circulação: Gilberto Finotto Gil
Gerente de Promoções e Propaganda: A. Vasco Castro Barbosa

EDITORA AZUL
Diretores: Ana Maria Fadigas, Carlos C. Arruda, Pedro Frazão e Vera Helena Mirandez Gomes

BIZZ é uma publicação da Editora Azul S.A. **São Paulo - Redação, Publicidade e Correspondência:** [illegible] **Telegramas:** [illegible] **Rio de Janeiro:** [illegible] **Distribuidor em Portugal:** [illegible] **Assinatura anual:** NCz$ 42,00 [illegible] **Números atrasados:** [illegible] Todos os direitos reservados. [illegible]

IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.

O DEUS ESTÁ NU